



3

JO A CANTARES DE SALOMÃO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Milo L. Chapman
W. T. Purkiser
Earl C. Wolf
A. F. Harper



3

JÓ A CANTARES DE SALOMÃO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Milo L. Chapman

W. T. Purkiser

Earl C. Wolf

A. F. Harper

1. JÓ
2. JÓ DEBATE O SIGNIFICADO DO SEU SOFRIMENTO
 1. Mais uma vez, depois de expressar o seu pesar, Jó
 2. essa prosperidade se Deus lhe arrancar a sua alma? (8). Porventura, Deus ouvirá
3. A CONVERSA DE DEUS COM JÓ

B

Comentário Bíb

lico

EACCO
N

Jó a Cantabes de Salomao

3



cm

0 Livro de

JÓ

Milo L. Chapman

Introdução

As pessoas têm debatido longa e seriamente sobre o problema e o significado do sofrimento humano. O livro de Jó é o mais destacado de todos esses esforços registrados na literatura mundial.

A narrativa trata da vida de um homem cujo nome provê o título do livro. O livro abre com um prólogo em prosa que descreve Jó como um homem rico e reto. Depois de uma série de calamidades, tudo que ele tem, incluindo seus filhos, lhe é tirado. A pergunta levantada no prólogo é se Jó vai conservar sua integridade diante de tamanho sofrimento. Somos informados que ele saiu vitorioso: “Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios” (2.10).

Além de preparar o terreno para o debate posterior relacionado ao propósito e ao significado do sofrimento, o prólogo também apresenta as personagens da trama. Deus é o *Javé* dos hebreus, que é Senhor do céu e da terra.¹ Satanás aparece no papel de adversário de Jó. O herói, Jó, é um cidadão rico da terra de Uz. Ele recebe a visita de três dos seus amigos: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta e Zofar, o

naamatita. Estes três homens vêm trazer conforto para o seu velho amigo.

A maior parte do livro é composta de diálogos entre os quatro amigos. Os “confortadores” estão seguros de que o sofrimento de Jó é causado por algum pecado que seu amigo está escondendo. Eles estão certos de que humildade e arrependimento vão resolver a situação. Jó, por outro lado, insiste em que, embora possua as fraquezas normais da raça humana, não cometeu nenhum pecado que pudesse causar tamanho infortúnio pelo qual está passando. Ele não concorda com a opinião de seus amigos de que pecado e sofrimento estão invariável e diretamente ligados como uma seqüência de causa e efeito. Parece, a essa altura, que o autor pretende mostrar que Jó deveria ser o vitorioso na argumentação contra seus confortadores.

Um jovem espectador chamado Eliú está em silêncio e não é mencionado no início. Depois de três rodadas de debates com os outros amigos, ele intervém na discussão. Ele está injuriado com Jó por sua atitude irreverente em relação à providência de Deus. Ele também está igualmente indignado com os três amigos pela incapacidade deles de convencer Jó da sua culpa. Por intermédio de quatro discursos, não respondidos por Jó, Eliú expressa sua forte oposição no que tange aos sentimentos de Jó e discorda dele quanto ao significado do sofrimento. Eliú, embora mantenha a posição básica dos outros conselheiros de Jó, ressalta a providência de Deus em todos os eventos humanos e o valor disciplinador do sofrimento. Dessa forma, ele exalta a grandeza de Deus. Diante desse pano de fundo ele afirma que a aflição do homem contribui para a sua instrução. Se Jó fosse humilde e piedoso, ele perceberia que Deus o estava conduzindo para uma vida melhor.

Então o Senhor se manifesta no meio da tempestade. O pedido insistente de Jó —de que Deus apareça e dê significado ao seu sofrimento— é finalmente atendido. No entanto, Deus não menciona o problema individual de Jó, nem trata diretamente dos problemas que ele levantou. Em vez disso, Ele deixa claro quem Ele é e o relacionamento que Jó, ou qualquer homem, deveria ter com Ele. Ao ver a glória e o poder de Deus, Jó é desarmado e humilhado. Quando ele vê Deus em sua verdadeira luz, arrepende-se das suas palavras e

atitudes petulantes.

O epílogo descreve de que maneira o arrependido e humilhado Jó é restaurado, duplicando a sua prosperidade anterior. Após a restauração dos amigos e da família, Jó viveu uma vida longa e feliz — na verdade, mais 140 anos. Então ele morreu, “velho e farto de dias” (42.17).

A. A Historicidade do Livro

Com frequência, alguns perguntam: Será que Jó é um homem real? Ou, será que o livro de Jó é uma história real? Estas duas perguntas não precisam receber a mesma resposta.

Que houve um Jó com a reputação de retidão é fato atestado por uma referência a ele em Ezequiel 14.14. E muito provável que a narrativa básica do livro tenha sido fundamentada em uma personagem real com esse nome.

Não precisamos com isso, no entanto, presumir que o livro de Jó está descrevendo um acontecimento histórico do começo ao fim. Somente por meio de revelação especial o autor poderia ter acesso à informação concernente às duas cenas no céu descritas nos capítulos 1 e 2. Além disso, é evidente que o prólogo prepara o terreno para o debate que o autor tem em mente. O diálogo entre os amigos está em forma poética altamente estilizada, muito diferente de um debate espontâneo.

Esses e outros fatores têm levado à opinião geral de que a narrativa básica do livro é uma história antiga de um homem real que sofreu imensamente. Um autor anônimo usou esse material para discutir o significado do sofrimento humano e o relacionamento de Deus com ele. Esse autor realizou um trabalho esplêndido.

B. O Texto

Um dos problemas principais apresentados ao estudioso sério do livro de Jó é a condição do texto original. Em várias ocasiões o significado

do texto é difícil, se não impossível, de ser definido e assim, por falta de continuidade, o tradutor é forçado a fazer algumas emendas conjecturais para que o texto faça sentido. Podemos observar isso ao comparar a variedade de significados dados a algumas divisões do livro por tradutores modernos.

Também se reconhece que o vocabulário empregado pelo autor desse livro é o mais amplo do Antigo Testamento. Inúmeras palavras aparecem uma única vez nesse livro e em nenhum outro lugar na Bíblia. A comparação com línguas de origem semelhante ajuda até certo ponto na descoberta desses significados. As descobertas em Ugarite e de alguns textos antigos têm servido de ajuda na compreensão de alguns desses termos. Mas o problema ainda permanece a tal ponto que esse é um dos livros do Antigo Testamento mais difíceis de ser traduzidos.²

C. A Unidade do Texto

A natureza composta do livro de Jó é geralmente aceita.³ O prólogo (1.1—2.13), bem como a introdução aos discursos de Eliú (32.1-5) e o epílogo (42.7-17) são apresentados em prosa. O restante do texto está em forma poética. Esse fato é facilmente reconhecido pelo leitor de uma tradução mais moderna como a de Moffatt ou a RSV em inglês, ou a NVI ou BLH em português, que colocam tanto a prosa como a poesia na forma apropriada. Embora essa alternância de prosa e poesia por si só não prove a natureza composta do texto, ela sugere essa possibilidade. É possível que o autor e poeta tenha usado uma narrativa primitiva em relação a Jó a fim de prover o cenário para o debate entre Jó e seus amigos. Se esse foi o caso, a antiga história é representada pelo prólogo em prosa e talvez pelo epílogo.

Acredita-se, de modo geral, que o epílogo não pertença ao argumento principal do livro. Jó passou a maior parte do tempo negando que a prosperidade material seja a recompensa da retidão. Portanto, parece uma incoerência ver o livro terminando com o Senhor dando a Jó “o dobro de tudo o que antes possuía” (42.10). Quem defende esse ponto de vista, acredita que a mão de um editor posterior tramou esse final

para acomodar suas próprias convicções em relação às questões levantadas.

No entanto, Gray argumenta energicamente que o epílogo pertence ao material original, ao dizer que o propósito real do autor é simplesmente afirmar que o homem pode ser bom sem ser recompensado por isso. E nesse momento que Jó se torna vitorioso. Ele aceita tanto o bem como o mal de Deus sem rebelar-se contra Ele, mesmo que pergunte por que e, às vezes, admita de forma amarga que Deus está contra ele, sem justa causa. Jó não exigiu restauração da sua prosperidade como uma condição para servir a Deus. O que ele pediu foi uma vindicação do seu caráter. Quando isso é alcançado, não existe inconsistência com o propósito e argumento do autor em permitir que a narrativa tenha um final materialmente feliz para Jó. Os sofrimentos que ele teve de suportar tinham um propósito particular. Não havia necessidade para o sofrimento se tomar perpétuo depois que o propósito tinha sido alcançado.

Uma outra parte do livro, apesar da sua beleza poética e grandiosidade de pensamento, é freqüentemente rejeitada como parte original do livro. A sua localização atual encontra-se inserida entre duas partes do discurso de Jó no qual ele se queixa amarga-, mente da sua sorte. Essa parte do livro é um poema de exaltação da sabedoria que constitui o capítulo 28. Além disso, o propósito do poema de sabedoria — se realmente for da autoria de Jó —, tornaria desnecessário muito do que Deus diz a ele mais tarde no livro.

Os discursos de Eliú (32.6—37.24) também podem ter sido um acréscimo ao livro original. Em apoio a esse ponto de vista podemos observar que Eliú não figura entre os amigos de Jó no início da narrativa nem no epílogo. Além disso, suas observações acrescentam muito pouco ao debate. Elas são basicamente uma reiteração fervorosa dos mesmos princípios que foram defendidos pelos outros três amigos.⁵

Uma outra parte do livro que normalmente é vista como uma interpolação é a descrição de Beemote e Leviatã (40.15—41.34). As

evidências apresentadas são que essas descrições são muito detalhadas em relação ao restante do discurso e que elas refletem idéias a respeito de criaturas tiradas do imaginário popular.⁶ O ataque contra essa parte do livro não é conclusivo.

D. Autoria

Os estudiosos do Antigo Testamento concordam entre si em que uma busca pelo autor desse livro está fadada ao fracasso. Em nenhuma parte do livro existe qualquer _

tipo de indicação quanto à identidade do homem que criou essa obra de arte literária. O livro não só se mantém calado em relação à sua origem, mas também não encontramos nenhuma sugestão bíblica independente em relação à sua autoria. Ezequiel (14.14,20) menciona um homem chamado Jó, conhecido por sua retidão; e Tiago (5.11) o reconhece como modelo de paciência. Essas duas referências mencionam um indivíduo chamado Jó. Elas não tratam da identidade do autor do livro.

Inúmeras sugestões têm sido feitas quanto a possíveis autores desse livro. Entre elas estão o próprio Jó, Moisés e uma variedade de pessoas anônimas, que vão desde a época dos patriarcas até o terceiro século a.C.

Embora o nome do autor nunca venha a ser conhecido por nós, algumas qualidades desse homem podem ser determinadas por meio do livro que ele escreveu. Quem quer que ele tenha sido, foi uma das maiores figuras literárias do mundo. Qualquer lista de grandes obras-primas na área da literatura certamente incluiria o livro de Jó. Na verdade, muitos a colocariam no topo da lista. Alfred Tennyson descreveu o livro de Jó como o maior poema dos tempos antigos e modernos e Thomas Carlyle disse que não existe nada dentro ou fora da Bíblia com o mesmo valor literário.

Ou o autor de Jó sofreu grandemente em sua própria vida ou ele teve uma capacidade incomum de sentir compaixão e empatia por aqueles

que sofriam. Junto com essa grande sensibilidade ele foi profundamente religioso. Ele tinha uma percepção fora do comum quanto à natureza humana e estava bem inteirado com o mundo no qual vivia— o mundo da natureza, das idéias e da literatura.

Não se sabe se o autor era israelita, embora esse ponto seja debatido. Aqueles que acreditam não ser ele judeu⁷ apontam para o fato de que o nome do Deus de Israel, Javé, é raramente mencionado, exceto no prólogo e epílogo em prosa, enquanto que nos diálogos, em forma de poesia, são usados termos que eram de uso comum entre os povos vizinhos que circundavam Israel. Além disso, destaca-se o fato de que no livro não se encontra nenhuma instituição ou costume caracteristicamente judaicos e que o cenário da história é Uz (Edom, veja mapa 1), uma terra do Oriente (1.3).

Por outro lado, aqueles que entendem que o autor é israelita apontam para o fato de que a história é preservada e canonizada na literatura sagrada de Israel. Além disso, embora a literatura da “sabedoria” fosse comum nos tempos antigos em todo o Oriente Próximo, as idéias teológicas do livro de Jó se enquadram melhor no pano de fundo e quadro de referência bíblico do que em qualquer outro lugar.

Podemos aceitar que o autor desconhecido do livro tenha usado um homem histórico “de Uz”, chamado Jó, conhecido por todos pelo seu sofrimento e integridade, para ser o herói desse diálogo. Outras perguntas relativas à autoria devem permanecer sem solução.

E. Data da Composição

A época da composição desse livro permanece um problema tão complicado quanto o da autoria. Diversas datas foram sugeridas e elas variam desde o século XVIII até o século III a.C.

De acordo com a descrição do livro, o homem Jó mostra um tipo de vida e cultura que mais se aproxima do período patriarcal. Por exemplo, o livro afirma que Jó viveu mais 140 anos depois da restauração da sua saúde e riqueza, além dos anos que ele

tinha vivido antes do seu infortúnio. Não há expectativa de vida como essa na narrativa bíblica depois do período patriarcal. A riqueza de Jó consistia basicamente em rebanhos e manadas, como ocorria com os patriarcas. O próprio Jó oferece sacrifícios pela sua família, como era o costume dos patriarcas. No entanto, ele parece desconhecer a oferta pelo pecado e outras práticas mosaicas.

Esse tipo de consideração faz com que muitos estudiosos acreditem que o prólogo (1.1—3.1) e o epílogo (42.7-16), nos quais aparece essa informação, reflitam um registro mais antigo que serviu de base para o diálogo poético que foi escrito bem mais tarde.

Não encontramos nenhuma alusão no livro de Jó que poderia nos ajudar na averiguação da data da sua composição. Portanto, o único meio de definir uma data segura seria a sua relação literária com outros materiais da mesma época. Infelizmente, não existe muito material desse tipo para nos ajudar a encontrar essa data. Ezequiel (14.1420) cita um homem com esse nome, mas não se sabe se ele conhecia o livro de Jó. A maldição de Jeremias em relação ao dia do seu nascimento (20.14) e a de Jó (3.1-26) são notavelmente semelhantes, mas é impossível dizer qual deles poderia ter a obra do outro em mente. Malaquias 3.13-18 poderia facilmente ter sido escrito com o livro de Jó em mente. Robert H. Pfeiffer argumenta que Jó foi escrito antes do poema do servo-sofredor de Isaías (52.13—53.12), alegando que o sofrimento vicário em Isaías é teologicamente mais avançado do que a compreensão de Jó acerca do significado do sofrimento imerecido,⁸ mas esse é um argumento baseado em uma premissa duvidosa. A descoberta de um *Targum* de Jó nas cavernas de Qumrã prova que o livro já estava em circulação durante algum tempo antes do primeiro século a.C.

A data do livro de Jó permanece uma questão aberta, mas a opinião majoritária é que o diálogo ocorreu no século VII a.C.⁹

F. Lugar no Cânon

O livro de Jó faz parte da terceira divisão do cânon hebraico, o

Kethubim, os hagiógrafos, ou Escritos. A ordem nessa divisão tem variado nas diferentes tradições. Atualmente Jó é colocado entre Provérbios e Cantares de Salomão (Cânticos de Salomão) no cânon hebraico. A Tradução Brasileira coloca Jó entre Ester e os Salmos, onde Jó é o primeiro dos três grandes livros poéticos. Essa é a ordem usada por Jerônimo na sua tradução Vulgata e subsequenteemente ela foi confirmada no Concílio de Trento (1545-1563) em sua declaração oficial do cânon das Escrituras.

Esboço

I. Prólogo: As Calamidades de Jó, 1.1—3.26

- A. A Fama e Retidão de Jó, 1.1-5
- B. Os Debates entre Deus e Satanás, 1.6—2.10
- C. Os Amigos de Jó vêm para Consolá-lo, 2.11-13
- D. Jó Lamenta o Dia do seu Nascimento, 3.1-26

II. Jó Debate o Significado do seu Sofrimento, 4.1—31.40

- A. O Primeiro Ciclo de Discursos, 4.1—14.22
- B. O Segundo Ciclo de Discursos, 15.1—21.34
- C. O Terceiro Ciclo de Discursos, 22.1—31.40

III. Os Discursos de Eliú, 32.1—37.24

- A. Eliú é Apresentado, 32.1-5
- B. O Primeiro Discurso de Eliú, 32.6—33.33
- C. O Segundo Discurso de Eliú, 34.1-37
- D. O Terceiro Discurso de Eliú, 35.1-16

E. O Quarto Discurso de Eliú, 36.1—37.24

IV. A Conversa de Deus com Jó, 38.1—42.6

A. A Primeira Resposta de Deus a Jó, 38.1—40.5

B. A Segunda Resposta de Deus a Jó, 40.6—42.6

V. Epílogo em Prosa, 42.7-17

A. Jó Intercede pelos seus Amigos, 42.7-9

B. A Saúde e a Riqueza são Devolvidas a Jó, 42.10-17

Seção I

PRÓLOGO: AS CALAMIDADES DE JÓ

Jó 1.1—3.26

O livro de Jó começa com um prólogo em prosa que apresenta o herói e vítima da história, além de os amigos que vêm para dar-lhe conforto e conselho. Nesse prólogo aparecem duas cenas em que seres celestiais estão reunidos. O leitor recebe informações acerca de Jó e seu relacionamento com Deus; essas informações definem as condições que servirão de base para os debates posteriores.

A. A Fama e Retidão de Jó, 1.1-5

A etimologia do nome **Jó** (*'iyyobh*) não é clara, mas ela normalmente é equiparada com a raiz que significa “odiar” ou “ser inimigo”. É possível que o sentido passivo, “ser perseguido”, seja o melhor significado para o substantivo usado aqui. A forma arábica do nome parece vir da raiz que significa “retornar ou arrepender-se” — o penitente ou, pela ampliação da idéia, o piedoso.

Jó morava na **terra de Uz** (1). Mais uma vez, não é possível falar com certeza acerca da localização geográfica, mas parece, de acordo com outras passagens bíblicas como Gênesis 10.23 e Jeremias 25.23, que

Uz está associada com Harã. Em um adendo ao livro de Jó que a Septuaginta preserva, lemos que Jó vivia na terra de Uz, nas fronteiras com Edom e a Arábia (veja mapa 1).

O termo hebraico (*tam*) usado na afirmação, **este era homem sincero** (perfeito, ou “íntegro”, ARA), é de grande interesse para os teólogos da santidade. O significado principal da raiz é plenitude de caráter. No caso de Jó, não significa perfeição no sentido absoluto. Jó afirma que ele é *tam* (27.5), mas ele também admite suas fraquezas humanas (9.1ss; 13.26). Jó mantém a integridade básica do seu caráter. Tudo faz parte de uma mesma disposição. Os olhos e o coração estão focados no que é íntegro (cf. Mt 6.22; At 2.46). O coração de Jó não está dividido (SI 12.2). A vontade de Jó pertence a Deus e ele não abre mão disso (2.9-10; 27.5).¹ Além de ser sincero (perfeito/íntegro), também lemos que Jó era **reto e temente a Deus; e desviava-se do mal**. Não havia falta em Jó. Ele preenchia todos os requisitos dos seus dias de um homem exemplar. Na narrativa, essas qualidades em Jó não constituem a avaliação de homens, mas sim, a avaliação do próprio Deus.

As posses de Jó, incluindo seus **filhos [...] e filhas**, são registradas para provar a retidão desse homem (2-3). O ponto principal de discussão entre Jó e seus amigos vai ser o significado da prosperidade material. Acreditava-se naquela época que a família e os rebanhos eram bênçãos de Deus para uma pessoa reta. A riqueza de Jó significava que ele desfrutava do favor de Deus de uma maneira excepcional. Os números usados (sete, três e cinco), enumerando os filhos de Jó e seus rebanhos, são expressões adicionais da sua integridade.

Cada filho tinha sua própria casa. As filhas provavelmente moravam na casa do pai. Cada filho realizava uma festa, **em casa de cada um no seu dia** (4). Não está claro aqui se esses banquetes eram realizados no dia do aniversário de um deles ou, visto que havia sete filhos, o autor estaria descrevendo uma vida tão ideal que os filhos de Jó estavam freqüentemente celebrando e se entretendo mutuamente em uma comunhão harmoniosa. Em cada evento, a piedade de Jó é

ilustrada pelo fato de que ele sempre **oferecia holocaustos** (5) pelos seus filhos, se caso um deles pudesse ter pecado inadvertida ou secretamente. Essa frase, **e os santificava**, ilustra um uso comum no Antigo Testamento de santificação como um cerimonial de consagração ou separação (cf. CBB, II).

B. Os Debates entre Deus e Satanás, 1.6—2.10

Depois da descrição de felicidade, prosperidade e piedade plenas que Jó desfrutava, o autor mostra uma cena no céu. A divina corte se reúne. Podemos imaginar Deus rodeado pelos seres celestiais que estão prontos para obedecer à sua voz (SI 103.21). Nesse grupo entra alguém chamado o Adversário, o qual se mostra cínico a respeito dos motivos da piedade de Jó. ¹ representa o próprio Deus na sua providência de testar ou examinar,² e não o tentador independente dos homens nem o “príncipe dos demônios” do Novo Testamento (Mt 12.24). Ele então não seria aquele que anda em derredor “bramando como um leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.8). **Veio também Satanás entre eles** significa literalmente “no meio deles”. **Satanás** (o satanás) não era alguém estranho entre os outros seres celestiais, embora o termo **também** seja usado nas suas duas aparições. Ele é destacado como alguém que tem uma função diferente, mas aqui aparece na corte celestial, supostamente para relatar acerca das suas atividades junto com os outros.

A pergunta de Deus a Satanás: **De onde vens?** (7), não tem uma conotação de surpresa pela sua vinda mas serve de introdução para a conversa entre eles, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor. Suas palavras para Adão: “Onde estás?” têm um propósito semelhante.

O âmbito da atividade de Satanás (o satanás) é descrito como **rodear a terra e passear por ela**. Ele tem sido assíduo e fiel em suas tarefas. A mesma frase é usada em relação aos olhos do Senhor ao descrever sua visão rápida e completa dos homens (2 Cr 16.9). Emissários angélicos que são enviados para relatar acerca de determinada situação “rodeiam a terra e passeiam por ela”, ou como a RSV traduz: “Esses são os que o Senhor tem enviado para rondar

(patrulhar) a terra” (Zc 1.10-11).

Observaste tu a meu servo Jó? (8). Deus chama a atenção de Satanás em relação a Jó como exemplo de uma pessoa reta. A avaliação do autor quanto ao caráter de Jó e sua reputação entre seus companheiros é aqui confirmada pelo Senhor.

A chave para entender o argumento do livro se encontra na pergunta formulada por Satanás: **Porventura, teme Jó a Deus debalde?** (9). Será que um homem servirá a Deus com retidão sem recompensa?

Satanás não só levanta essa pergunta, mas também ressalta que Jó tem sido recompensado de todas as formas possíveis—**Porventura, não o cercaste tu de bens a ele?** (10). Ele e sua família eram protegidos de todo e qualquer tipo de perigo, e Satanás conclui: **A obra de suas mãos abençoaste, e o seu gado está aumentando.** Um sucesso incomum aparece em tudo que Jó realiza. Essa prosperidade, cobra Satanás, é a recompensa de Deus pela fidelidade de Jó.

Depois de acusar a Deus de comprar a lealdade de Jó, Satanás o desafia dizendo que uma reversão na condição próspera de Jó redundaria em sua deserção: **Mas estende a tua mão [...] e verás se não blasfema de ti em tua face** (11). Isto é, ele renunciaria completa e abertamente a Deus e a sua forma piedosa de vida.

Deus não abandona Jó nas mãos de Satanás, mas Ele dá permissão para testar a disposição de Jó em permanecer leal e devoto: **Eis que tudo quanto tem está na tua mão** (12). Observe, no entanto, que existe um limite para o teste: **Somente contra ele não estendas a tua mão.** Com tal autorização, Satanás age rapidamente para cumprir o seu propósito, confiante no sucesso de seu empreendimento.

Na primeira ocasião, um único sobrevivente do ataque dos **sabeus** (15) informa a Jó que todos os seus **bois** e **jumentas** foram roubados pelos saqueadores e, além disso, os **moços** que cuidavam dos rebanhos foram mortos. Os sabeus eram uma tribo árabe que morava

na região sudoeste da península arábica, que hoje corresponde, em grande parte, à área do atual Iêmen. Eles negociavam especiarias, ouro e uma variedade de pedras preciosas. Um acampamento dos sabeus perto da fronteira de Edom, região onde Jó morava, não seria algo improvável.³

A segunda calamidade vem em forma de **fogo de Deus** (16), provavelmente raios, que matam todas as suas **ovelhas, e os moços** que cuidavam delas. Perceba que se estabeleceu um padrão na descrição das perdas. Primeiro um servo aparece e diz: **e só eu escapei, para te trazer a nova. Estando ainda este falando, veio outro** (16:17). A destruição descrita em cada caso é completa, e a sequência de acontecimentos é rápida.

A terceira calamidade é o roubo dos **camelos por três bandos de caldeus** (17). Estes eram saqueadores nômades do país que ficava a leste das terras de Jó. Assim, ele estava sendo atacado pelos quatro lados. Novamente, uma calamidade completa e súbita é descrita. Os caldeus dividiram-se em três bandos e cercaram os servos de Jó. Não havia meios de fuga para os homens e animais, a não ser para um único moço que veio trazer as notícias ao seu senhor.

Os **camelos** há muito tempo têm sido associados às regiões desérticas e semidesérticas da Arábia. Eles eram usados como animais de carga e para a produção de lã. A lei mosaica não permite o uso do camelo como alimento (Lv 11.4; Dt 14.7), mas eles eram usados tanto para comida como para leite entre os árabes. Não se sabe exatamente quando eles foram domesticados, mas existem evidências do seu uso no início do segundo milênio a.C. A perda de **3.000** camelos certamente representava um grande prejuízo.

O quarto desastre é anunciado de forma semelhante aos outros três. Os filhos de Jó estavam todos reunidos em uma de suas celebrações (cf. w. 4-5). **Eis que um grande vento sobreveio do deserto** (19), que atingiu os **quatro cantos da casa** onde eles estavam. Isso pode ter sido um redemoinho ou um furacão vindo do deserto. A tempestade foi tão forte que a casa foi destruída e todos os seus moradores mortos. Dessa forma, Jó, em uma rápida sequência, é

despojado da sua riqueza e família. Isso nos faz lembrar da angústia de mulheres como Sara, Raquel e Ana em sua impossibilidade de terem filhos para entender um pouco da perda que este último acontecimento trágico representava. A perda da família vai além da tristeza natural. Jó, nesse caso, foi privado do seu futuro. Nenhum filho levaria o seu nome. Não haveria ninguém que se lembrasse dele e ninguém próximo para prantear a sua morte.

Jó havia perdido todas as suas posses e seus filhos. Satanás estava certo de que ninguém permaneceria firme na sua devoção e adoração a Deus diante de tais circunstâncias. Ele estava enganado. Jó passou por toda expressão normal de dor e luto. Ele **rasgou o seu manto** (20), a roupa usada especialmente pela nobreza ou por homens em posições elevadas. Esta ação talvez simbolizava seu coração quebrantado (Jl 2.13). Ele **rapou a sua cabeça**—parte de uma prática comum em rituais de luto, como mostram outros textos (veja Is 15.2; Jr 7.29; Ez 7.18. Am 8.10). Existe, no entanto, uma certa limitação nesse tipo de prática de acordo com a lei (Lv 19.27-28; Dt 14.1). Ele **se lançou em terra, e adorou**; isto é, ele prostrou-se em uma atitude de humildade e submissão.

O versículo 21 mostra a completa submissão à vontade de Deus que caracteriza Jó e que é uma marca da integridade fundamental que ele mantém. Embora essa declaração dos seus lábios possa ser uma “fórmula de submissão”,⁴ ela revela Jó engrandecendo a Deus em vez de amaldiçoá-lo ou se rebelar contra Ele. O homem está nas mãos de Deus. Ele deve ser honrado tanto nos momentos de desgraça como nos momentos bons.

Em tudo isto (22)—tanto naquilo que aconteceu a Jó como no que Jó disse e fez—não houve qualquer expressão de transgressão: **Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma**. Ele não viu em Deus nenhuma ação inapropriada, reprovável ou culpável.

Em Jó 1.18-22 encontramos o “Sofrimento que Adora”: 1) A vindicação do sofrimento, v. 20. 2) A perda e o sofrimento como a lei da vida: **Nu saí do ventre de minha mãe**, v. 21. 3) O reconhecimento de Deus na lei: **o Senhor o deu e o Senhor o tomou**, v. 21. 4) A sujeição

agradecida à administração amorosa de Deus: **bendito seja o nome do Senhor**, v. 21 (A. Maclaren).

3. *O Teste Final da Integridade de Jó* (2.1-10)

A cena anterior no céu (1.6-12) é repetida. Satanás (o satanás; veja comentários de 1.6-7) tinha falhado em sua tentativa inicial de provar o interesse egoísta de Jó na sua fidelidade a Deus. Então ocorre novamente uma conversa entre Deus e Satanás relacionada àquilo que vai acontecer em seguida. Ambos reconhecem que Jó passou no primeiro teste. Ele permanece **sincero e reto** (3). Uma alteração interessante em relação à primeira cena celestial é o que Deus diz com respeito à sua própria motivação em permitir que Jó seja testado.

Havendo-me tu [Satanás] incitado contra ele, para o consumir sem causa. A inocência de Jó agora demonstra esse fato.

A expressão: **Pele por pele** (4) parece fazer parte de um provérbio antigo cuja etimologia é impossível determinar. Seu significado, todavia, fica claro com o restante da declaração de Satanás: **tudo quanto o homem tem dará pela sua vida**. Aquilo que ocorreu antes não é suficiente para testar um homem completamente. Jó ainda permanecia intocável. **Toca-lhe nos ossos e na carne** (5), ou seja, fere-o em seu ser físico e o resultado será inteiramente diferente. Satanás argumenta aqui que Jó só é piedoso porque isso é vantajoso para ele, acusando-o também de ser um grande egoísta. Toca-o naquilo que é somente dele —seu corpo saudável— **e verás se não blasfema de ti na tua face!**

Novamente Deus permite que Jó seja testado. Satanás pode fazer como lhe apraz desde que poupe a vida de Jó. O teste pode ser real e extremo, mas não pode matar Jó.

Com essa permissão, Satanás **feriu a Jó de uma chaga maligna** (7). Em épocas passadas, tem-se concordado de modo geral em que a aflição descrita aqui é um tipo de lepra, ou seja, elefantíase. A conjectura é feita porque o termo hebraico, *shehin*, na Bíblia representa uma doença de pele muito séria. E a mesma enfermidade descrita em Deuteronômio 28.35: “O Senhor te ferirá com úlceras

malignas nos joelhos e nas pernas, de que não te possas curar, desde a planta do teu pé até ao alto da cabeça”. N. H. Tsur-Sinai diz: “Nosso texto, no entanto, não tem a intenção de descrever nenhum tipo de enfermidade conhecida—por esse motivo, comentaristas têm tentado em vão identificar a doença de Jó com base nas passagens desse livro—mas descreve uma enfermidade não identificável, a doença das doenças, abrangendo, na verdade, cada sofrimento no mundo”.⁵

A extensão da aflição de Jó pode ser entendida mais facilmente ao observamos as declarações descritivas do próprio livro em relação ao seu sofrimento, embora precisemos ressaltar que essas são descrições poéticas e não científicas. A infecção deve ter criado uma coceira intensa, que Jó procurava aliviar, raspando-se com pedaços de cerâmica (8).⁶ Ele estava tão desfigurado por essa enfermidade que seus amigos não o reconheceram (2.12). As feridas, que aparentemente criavam vermes, de forma alternada formavam uma crosta, abriam-se e vazavam (7.5). Ele estava incomodado com os seguidos sonhos e o terror (7.14), a ponto de não poder dormir (7.4). Sua pele começou a se decompor (30.30). A dor traspassava os seus ossos até estes parecerem estar queimando (30.17, 30). Com tal tormento, a morte seria bem-vinda, mas sua vida era mantida mesmo contra sua vontade (3.20).⁷

Ele assentou-se sobre a cinza, literalmente, **no meio da cinza** (8). Provavelmente, ele sentou-se sobre o *mazbalah*, o lugar fora da vila onde o lixo e o esterco eram jogados. De tempos em tempos, isso era queimado. Com o tempo esse entulho formava um monte. Pedintes e pessoas com doenças infecciosas se reuniam nesse lugar para pedir esmolas daqueles que passavam por ali.

Então, sua mulher lhe disse: [...] Amaldiçoa a Deus e morre (9). A esposa de Jó tinha pessoalmente sobrevivido às calamidades que quase destruíram seu esposo. Uma variedade de opiniões tem sido levantada por aqueles que comentam a respeito da atitude dela em relação à desgraça de Jó. Alguns vêem nela uma segunda Eva a tentar seu marido para a destruição dele. Outros acham que suas palavras

representam desdém e escárnio, designadas a aprofundar o sofrimento que Jó estava suportando. Outros a vêem como uma mulher que também sofreu a tortura de perder tudo que dá significado à vida e, por isso, acusa Jó como o causador da sua desgraça. Mas, é possível que ela tenha sido motivada por bondade. Não tem sentido manter a integridade, ela raciocina, quando Deus evidentemente abandonou a Jó. Portanto, Jó deveria se voltar contra Deus na esperança de que Ele se afastasse completamente dele e o deixasse morrer como um ato de misericórdia.

Se a atitude dela representa mais uma tentação, Jó também saiu vitorioso dessa situação. Ela falava como **qualquer doida (10)**. Deus é soberano. Portanto, deveríamos esperar o **mal** das mãos de Deus, bem como o **bem**. Essa afirmação é feita com base na suposição de que Deus é responsável por tudo que acontece no mundo (veja **1 Sm 16.14; Is 45.6**). **Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios**. Ele permaneceu fiel e confiante, dessa forma provando mais uma vez a sua integridade espiritual.

C. Os Amigos de Jó Vêm para Consolá-lo, 2.11-13

Seus **três amigos (11)** finalmente ouvem Jó falar acerca do seu estado grave. Eles vieram de suas respectivas regiões para tentar confortar Jó. Um deles chamava-se **Elifaz**, um nome que poderia significar “Deus é ouro fino” ou “Deus subjuga”; ele era de Temã. Essa região, geralmente conhecida como Edom, é famosa pela grande sabedoria dos seus habitantes (cf. Gn 36.4,10-12; Jr 49.7; veja mapa 1). O segundo amigo a ser mencionado é **Bildade**, cujo nome significa “amado do Senhor”, que veio da tribo de Suá e tinha conexão com os nômades arameus que migraram para o sudeste da Palestina (Gn 25.1-6). O outro amigo se chamava **Zofar**. O significado do seu nome é incerto. Talvez seja “ave que chilreia”, talvez “saltador como uma cabra”, ou “prego afiado”. Ele veio da região de Na’ameh, que pode ser Djebel-el-Na’ameh, na região noroeste da Arábia. Esse termo, no Antigo Testamento, é usado somente em conexão com Zofar.

Eles acabaram não **o conhecendo (12)** quando o viram pela primeira vez sentado do lado de fora da vila, no monte de resíduos, tão

desfigurada estava a sua aparência em decorrência dos efeitos da doença. Ao verem a miséria de Jó, a reação imediata deles foi mostrar seu pesar e compaixão por meio de um costume muito antigo de cada um rasgar

o seu manto e lançar pó **sobre a cabeça**. Esses amigos estavam tão chocados e pasmos com a mudança na vida de Jó que ficaram sentados com ele por **sete dias** sem dizer **palavra alguma**. Dessa forma eles expressaram a preocupação e profunda condolência deles pela situação de Jó, da mesma maneira que os mortos eram pranteados (Gn 50.10;

1 Sm 31.13).

D. Jó Lamenta o Dia do seu Nascimento, 3.1-26

1. *Ele Amaldiçoa o Dia em que Nasceu* (3.1-10)

Depois de prantear por sete dias com seus amigos, Jó quebra o silêncio. Ele **amaldiçoou o seu dia** (1), isto é, o dia do seu nascimento. As palavras que Jó pronuncia não parecem dirigidas nem aos seus amigos nem a Deus. Antes, elas são um monólogo de desespero. Tanto **dia** como **noite** (3) —o dia do seu nascimento e a noite da sua concepção— são personificados, e ele deseja que nunca tivessem existido. Então segue uma série de maldições contra o dia e a noite em questão.

E Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele (4) significa literalmente: não se importe com ele. Jó deseja que o dia do seu nascimento seja apagado completamente da mente de Deus e, portanto, seja banido da existência. **Trevas** e **morte** (5) são aqui usadas, como em outras partes das Escrituras, como sendo simbolicamente equivalentes. Na maldição, **negros vapores do dia o espantem**, o plural dá a entender que todos os meios de fazer a escuridão aparecer durante o dia eram considerados, como um eclipse solar, tempestades sombrias amedrontadoras e, talvez, formas mágicas e sobrenaturais de esconder o sol.

A noite da concepção de Jó deveria ter um destino semelhante. **E não se goze entre os dias do ano** (6) seria melhor traduzido por: “Não se regozije ela entre os dias do ano” (veja AEA), nem configure **no número dos meses. Que solitária seja aquela noite** (7) significa literalmente: “seja estéril ou infecunda”. **E suave música não entre nela** é a consequência exata descrita no versículo 3, em que a concepção e o nascimento de um filho homem são desaprovados. Quando o autor dá a entender no seu poema que a concepção e o nascimento tenham ocorrido ao mesmo tempo, devemos considerar isso uma licença poética. **Amaldiçoem-na** (8), refere-se a uma crença popular de que mágicos ou feiticeiros tinham a habilidade de colocar em prática uma maldição ou um feitiço (veja a história de Balaão, Nm 22.6,12). **Para fazer correr o seu pranto** é uma alusão obscura. O hebraico refere-se a Leviatã. Provavelmente o autor tinha em mente a mitologia popular da sua época. Leviatã pertence ao mundo do caos. Acreditava-se que ele era capaz de criar um eclipse ao cobrir ou engolir o sol e a lua. Esse versículo então se referi-ria àqueles que são capazes de amaldiçoar dias e despertar Leviatã para provocar escuridão e, portanto, destruir efetivamente o dia. O versículo 9 então é uma repetição do desejo de eliminar da existência o fatídico dia-noite da sua concepção-nascimento, **porquanto não fechou as portas do ventre** [materno] (10). Teria sido melhor que tudo tivesse parado, em vez de ele ter nascido e vivido para ver tamanha angústia e destruição em sua vida.

2. *Ele Deseja que Tivesse Nascido Morto* (3.11-19) ,

Por não haver a possibilidade de voltar atrás no tempo e cancelar os acontecimentos que levaram ao seu nascimento, Jó volta-se para a fase seguinte do seu lamento: **Por que não morri eu desde a madre? (11)**. Muitos bebês nascem mortos; por que ele não teve a sorte de ser um deles? Os **joelhos** da parteira e os **peitos** (12) da sua mãe deveriam ter falhado em preservar a criança recém-nascida. Se a morte tivesse sido o seu destino logo no início, então suas maiores esperanças teriam sido alcançadas havia muito tempo—**então, haveria repouso para mim** (13).

Entre os versículos 14 e 19 há observações acerca do fato de que todos

os homens são iguais diante da morte. Os **reis** (14), os ricos (15), **os maus** (17) cessam de perturbar, **e, ali, repousam os cansados**. Moffat interpreta o pensamento dos **lugares assolados** (14) como “reis [...] que constróem pirâmides para si mesmos”. Os presos não são mais incomodados por aqueles que os oprimiam (18) e mesmo os escravos estão livres de seu **senhor** (19). Em seu desespero, Jó pode apenas esperar pelo alívio que a morte poderia lhe trazer. Mesmo com expressões tão fortes como essas desejando a sua morte, Jó nunca considerou o suicídio. Deus é o Doador e o Sustentador da vida, e o homem é impotente para agir contra a providência divina nessa questão. Podemos ver essa verdade no texto acerca do seu lamento que vem a seguir.

3. Ele se Pergunta Por Que a Vida é Preservada (3.20-26)

Jó veio à **luz**; ele foi trazido à **vida** (20); Jó estava perdido e Deus **o encobriu** (23). Tudo isso ocorre contra sua vontade ou, pelo menos, sem que ele tenha alguma oportunidade de escolha. Em sua miséria ele espera **a morte**. A morte seria como **tesouros ocultos** a serem procurados ou algo de que ele poderia se alegrar sobremaneira (21-22). Mas mesmo isso é negado a Jó. Moffat interpreta a primeira parte do versículo 23: “Por que Deus dá à luz a um homem que está no fim de suas forças?” A miséria de Jó se tornou tão desmedida que seus **gemidos** (expressões de agonia) **se derramam como água** (24) em uma corrente vasta e ininterrupta. A sua vida tornou-se tão difícil que tudo que ele precisa fazer é temer por mais agonia, e isso, de fato, acontece (25). O sofrimento de Jó não tinha fim. Ele não teve qualquer oportunidade para experimentar descanso, sossego ou repouso. **Veio sobre mim a perturbação** (26) pode ser traduzido apropriadamente como: “A perturbação vem continuamente”.

O monólogo de Jó ocorre no início do debate que ele tem com seus amigos. A profundidade do seu sofrimento se equipara com a força do poema. Raramente um poeta alcançou tamanha beleza de expressão e revelou tal profundidade de sentimento e emoção como as retratadas aqui. Jó é um ser humano que foi afligido até o limite da sua resistência. Ele reclama amargamente de sua sorte e deseja com ansiedade o fim de sua vida.

Seção II

- [JÓ DEBATE O SIGNIFICADO DO SEU SOFRIMENTO](#)
 - [Mais uma vez, depois de expressar o seu pesar, Jó](#)
 - [essa prosperidade se Deus lhe arrancar a sua alma? \(8\). Porventura, Deus ouvirá](#)
- [A CONVERSA DE DEUS COM JÓ](#)

[1](#)

Deus Confia na Retidão de Jó (1.6-12)

Acredita-se que **filhos de Deus** (6) seja uma referência a seres divinos ou anjos e não a seres humanos. A função deles em geral era ministrar perante Deus e realizar seus propósitos. No livro de Jó, eles são descritos como aqueles a quem as pessoas podem se voltar para obter compreensão e compaixão (5.1); eles formam o conselho de Deus (15.8); são intérpretes ou mensageiros entre Deus e o homem (33.23). Eles parecem ter estado presentes no princípio da criação do mundo (38.7). São descritos como “santos” que estão, em primeiro lugar, a serviço de Deus (5.1; 15.15). Quando comparados com Deus, eles não são sábios nem inteiramente confiáveis (4.8; 15.15). Isto é, eles certamente são de uma ordem inferior. Eles não são deuses.

Veio também Satanás (6). No hebraico, o artigo definido acompanhando a palavra **Satanás** pode sugerir que o termo ainda não havia se tornado um nome próprio. O significado literal é “o Adversário”, como aparece em notas de rodapé. A sua função aqui é testar. Alguns interpretam que o Satanás no livro de Jó é um mensageiro de Deus que

[2](#)

As Posses de Jó São Tomadas (1.13-22)

A primeira prova de Jó tem como alvo a retirada de todas as suas posses. O leitor foi preparado para o que está prestes a acontecer, mas Jó não. Ele desconhecia completamente a conversa entre Deus e

Satanás. A única informação que tinha referia-se às notícias que os servos lhe traziam.

JÓ DEBATE O SIGNIFICADO DO SEU SOFRIMENTO

Jó 4.1—31.40

O argumento principal do livro vem em forma de discursos formais feitos por Jó e seus amigos. Estes discursos são organizados em ciclos. Cada um dos amigos fala e ouve a resposta de Jó. Isso ocorre três vezes, com a exceção do terceiro ciclo que de certa forma é incompleto, seja como indicação de que Jó foi o vitorioso ou de que o texto como o temos hoje não preserva a ordem original.

A. O Primeiro Ciclo de Discursos, 4.1—14.22

1. O Primeiro Discurso de Elifaz (4.1—5.27)

Os amigos de Jó, além da cortesia e simpatia orientais, ficaram quietos até que Jó quebrasse o silêncio. Então, depois de sete dias, **Elifaz, o temanita**, sente-se no dever de falar em resposta ao lamento em que Jó mostrou sua incapacidade de aceitar seu destino com serenidade e paciência. O fato de Elifaz falar primeiro sugere que é o mais velho ou, por algum motivo não declarado, sua sabedoria é considerada mais elevada pelos outros.

a) Elifaz repreende a Jó pelo seu desânimo (4.1-6). Elifaz começa seu discurso de forma gentil e amável. Com cuidado, ele pede que Jó lhe dê ouvidos: **Se intentarmos falar-te** (2). Ele sabe que qualquer pessoa aflita na situação de Jó deveria estar debaixo de extrema pressão emocional e física. Por isso, ele pede permissão para falar. **Enfadar-te-ás?** seria melhor traduzido por: “Você ficará ofendido?” (RSV). Existe uma certa implicação humorística na tradução de J. M. P. Smith, na qual os personagens da história ficam sentados por sete dias para finalmente Elifaz perguntar: “Se arriscássemos falar a você, você se incomodaria?” O texto hebraico permite essa tradução, mas é bastante improvável que Elifaz tivesse a intenção de ser jocoso.¹ **Mas quem poderá conter as palavras?** Algum comentário se faz necessário. Já haviam demonstrado simpatia e preocupação, mas a “explosão” de Jó não podia ficar sem resposta. Jó deveria entender

isso, porque ele próprio havia instruído com sucesso a **muitos** (3). Com tato, Elifaz começa a repreender Jó por sua falta de paciência.

Jó havia confortado a outros — ele tinha fortificado **os joelhos desfalecentes** (4) — mas agora que a dificuldade estava sobre ele, tinha se esquecido da verdade contida em seu próprio conselho (5). Temor a Deus no pensamento hebraico é a base da sabedoria e da religião (veja 1.9; Êx 14.31; Lv 19.14, 32; 25.17; Ec 12.13), e como tal pode ser equiparado com reverência. Por esse motivo, Elifaz pergunta: **Porventura, não era o teu temor de Deus a tua confiança?** (6). As convicções religiosas fundamentais de Jó deveriam mantê-lo firme nesse período turbulento de sua vida. Não somente isso, mas **sinceridade dos teus caminhos** —ou melhor, a integridade do caráter — deveria ser a base da esperança de Jó. Essa não é a hora de entregar-se ao desânimo e à melancolia.

b) Os homens colhem aquilo que semeiam (4.7-11). Para provar que a confiança em Deus e a vida reta resultam em benefícios, Elifaz aponta para aquilo que ele acredita ser a verdade evidente. **Qual é o inocente que jamais pereceu?** (7). A resposta que se espera a essa pergunta é que os justos não são levados à destruição por meio das dificuldades. Pelo contrário, a destruição é o destino dos ímpios. Contra os ímpios vem **o hálito do Senhor [...], o assopro da sua ira** (9), isto é, o vento furioso e destruidor do julgamento de Deus. Além do mais, existe um princípio divino em ação. E a lei da colheita. Aqueles que **semeiam o mal segam isso mesmo** (8).

A destruição dos ímpios é descrita mais adiante nos versículos 10-11 por meio de uma outra figura vivida —a dissolução de uma cova de leões. Davidson ressalta que existem cinco palavras usadas em relação ao **leão** nestes versículos: o **bramido** do leão, o leão **feroz**, os **leõezinhos**, o leão **velho** (forte) e os **filhos** da leoa. Elifaz traça um paralelo entre o ímpio e o leão em duas situações: em primeiro lugar, a força deles; e em segundo lugar, a sua natureza violenta. Os ímpios experimentarão o que experimenta um forte leão que ruga. A sua presa é tirada subitamente da sua boca e seus **dentes [...] se quebrantam**, e ele acaba morrendo por falta de comida. Os **filhos** [da leoa], então desamparados, **andam dispersos** porque não têm

nenhum provedor de comida. Da mesma maneira, desastre ou julgamento recairão sobre homens perversos cuja natureza violenta é semelhante à do leão (veja 5.2-5).²

c) *Jó deveria buscar a Deus* (4.12—5.16). Em seguida, Elifaz apela à autoridade sobrenatural para provar sua posição: Urna **palavra se me disse em segredo** (12). Literalmente: “Veio a mim uma palavra secretamente”. Isso é diferente da vinda da palavra do Senhor ao profeta (veja Jr 1.4; 2.1, 4, etc.). Também não é dessa maneira que os profetas descrevem suas experiências com visões. A experiência de Elifaz aconteceu no meio **da noite** (13). Sobreveio-lhe o tremor (14). No versículo 15 lemos: **Então, um espírito passou**. A palavra hebraica *ruach* é melhor traduzida aqui por “vento” em vez de **espírito**. *Ruach* pode significar duas coisas, mas como Terrien ressalta, a forma masculina como a usada aqui, sempre se refere ao respirar ou fôlego.³ Elifaz não está descrevendo um fantasma ou uma aparição. A palavra *ruach* nunca é usada dessa forma no

Antigo Testamento. Trata-se de uma presença que ele sentiu e ouviu (16).⁴ **Calando-me, ouvi uma voz** (16) significa, literalmente: “Houve silêncio, e ouvi uma voz”, talvez um sussurro — cf. **um sussurro** (12) e 1 Reis 19.12.

A mensagem é apresentada na forma de duas perguntas: **Seria, porventura, o homem mais justo do que Deus?** e: **Seria, porventura, o varão mais puro do que o seu Criador?** (17). Essa construção na ARC é uma tradução aceitável, mas o sentido é estranho e impossível, a não ser que seja uma hipérbole. Também é possível traduzir esse texto, como é o caso quase universalmente, da seguinte maneira: “Poderá um mortal ser justo diante de Deus? Poderá um homem ser puro diante do seu Criador?”⁵ Essas perguntas introduzem a situação humana que Elifaz observa por toda parte.

O homem é incapaz de ser perfeito, constata Elifaz. Nesse ponto ele bondosamente corrige a Jó, que parecia estar próximo de colocar-se no papel do Criador quando reclamava acerca do seu nascimento e do poder sustentador da vida que pertence a Deus. Jó pode ter sido um

homem muito bom de acordo com os padrões humanos, mas comparado a Deus, ninguém pode alegar inocência. Para ilustrar essa grande diferença entre Deus e o homem, Elifaz usa algumas outras criaturas como exemplo. Ele ressalta que os servos finitos de Deus não são confiáveis, e mesmo **nos seus anjos encontra loucura** (18). A palavra **loucura** (*teholah*) é única no Antigo Testamento. Pode ter o sentido de “erro”. O poeta não parece ter a intenção de desacreditar os seres celestiais, mas, sim, enaltecer a perfeição de Deus. Se até os seres celestiais são imperfeitos aos olhos de Deus, e não merecem sua total confiança, **quanto mais [aqueles] que habitam em casas de lodo?** (19). Isso obviamente refere-se a homens mortais, cujos corpos são pó (Gn 2.7; 3.19; 2 Co 5.1). A alusão de o homem estar preso à terra é ampliada pela expressão **cujo fundamento**. O homem foi feito da terra; ele está preso à terra; ele vai retornar à terra. Não somente isso, mas a vida do homem é passageira; ela é facilmente esmagada **como a traça**. Existe apenas um breve período **de manhã à tarde** (entre o alvorecer e o crepúsculo, 20) que marca a sua existência. **E eternamente perecem, sem que disso se faça caso.** O homem nasce, vive brevemente, morre e é esquecido.

O versículo 21 é obscuro. O verbo traduzido por **passa** significa “arrancar”. Consequentemente, o texto é com frequência corrigido da seguinte forma: “As cordas de suas tendas [ou o pino da tenda] são arrancadas” (**RSV**). No entanto, se **excelência** e **sabedoria** são colocadas lado a lado como termos paralelos, isso pode significar que a excelência do homem, independentemente da sua qualidade, pode ser-lhe arrancada e ele morrer sem alcançar sabedoria.⁶

O antecedente é a base ampla de convicção que Elifaz tem em relação à natureza da existência do homem sobre a terra. Ele então procura aplicar isso diretamente a Jó.

Chama agora; há alguém que te responda? (5.1). A inferência é que não há ninguém para escutar a acusação de Jó contra Deus. Os **santos** são os anjos — seres celestiais que, supostamente, são úteis aos homens. Elifaz zomba de Jó por ele não ser capaz de encontrar nenhum “santo” para interceder a Deus em seu favor. Elifaz defende a

idéia de que o Deus santo é inacessível e bem distante das criaturas mortais.

No versículo 2, uma declaração proverbial em relação à destruição **do louco** é incluída para advertir Jó de que o contínuo queixume quanto à sua condição vai apenas piorar as coisas. Elifaz teve a oportunidade de observar esse **louco** quando ele parecia **lançar raízes** (3) e prosperar. No entanto, subitamente tudo ruiu ao seu redor e sua **habitação** foi amaldiçoada. Moffat traduz isso desta forma: “Um homem insensato pode lançar raízes — tenho visto isso — mas subitamente seus galhos apodrecem”. Não apenas isso, mas **seus filhos** carecem de segurança — eles **são despedaçados às portas** (4). A porta da cidade era o lugar onde os anciãos da vila se reuniam para ouvir as queixas e julgar as causas. Os filhos do louco (tolo) não têm quem os defenda ao procurar a restauração das suas posses. **Não há quem os livre** (4). **Até dentre os espinhos a tira** (5) é obscuro no hebraico, mas o significado do versículo parece claro. Fome e **espinhos** abriram seu caminho, e mesmo aquilo que eles poderiam de alguma forma obter é facilmente tirado por aqueles que roubam e saqueiam. Dessa forma, a loucura do pai é passada para os filhos com resultados desastrosos.

Apesar do fato de que o mal parece permear o mundo, ele não é produto da natureza intrínseca das coisas: **Porque do pó não procede a aflição** (6). Isso não é acidental nem está totalmente fora do controle do homem. **O homem nasce para o trabalho** (7), ou, “O homem nasce para as dificuldades”, isto é, ele atrai o mal tão certamente como **as faíscas das brasas se levantam para voar**. E da natureza do homem, por meio do seu próprio pecado, trazer dificuldades sobre si mesmo.⁷ Assim, gentil mas intencionalmente, Elifaz procura mostrar a Jó a causa do seu sofrimento.

Tendo apresentado a causa, Elifaz procura então mostrar de que maneira a cura para o sofrimento pode ser encontrada. **Eu buscaria a Deus, e a ele dirigiria a minha fala** (“a minha causa”, NVI, 8). Ele é um Ser de grande poder e digno de confiança (9-10), porque Ele providencialmente coloca **os abatidos** (11) num lugar alto e traz

segurança aos **enlutados**. Não só isso, mas Ele também frustra o caminho dos **astutos** — aqueles que confiam na sabedoria humana (12-14). O versículo 13a é o único texto de Jó que é citado no Novo Testamento.⁸ Paulo cita em 1 Coríntios 3.19 que a sabedoria mais elevada do mundo não é nada comparada com a sabedoria de Deus.

d) O sofrimento é a instrução de Deus (5.17-27). Não se deve confiar em Deus apenas no meio da aflição, mas Ele deveria ser louvado no meio dela. O sofrimento é a evidência da correção e do **castigo (17)** de Deus. E verdade que Deus permite que o homem sofra dor, mas Ele também fornece os meios para a cura **(18)**.

Com essa premissa elaborada claramente, Elifaz faz a lista das muitas **angústias** das quais a pessoa que confia em Deus será salva (19-26). **Seis [...] sétima (19)** é um exemplo do uso de números em um sentido indefinido, referindo-se a vários ou muitos. “O significado é que seis seria um número elevado, mas sete é ainda maior”.⁹ Quando alguém procura encontrar as sete “desgraças” nesse texto, é impossível compor uma lista exata delas. As **angústias** enumeradas são as seguintes: **fome e guerra (20)**, o **açoite da língua** (calúnia) e **assolação (21)**, feras da terra (22), e talvez estiagem (23). Além de escapar dessas pragas, aquele que confia em Deus viverá **em paz (24)**, sua **posteridade (25)** será multiplicada e ele viverá em pleno vigor até a **velhice (26)**. Os tradutores da KJV parecem não ter acertado o significado exato na tradução do v. 24b. A tradução melhor é a da ARC: “**e visitarás a tua habitação, e nada te faltará**” (cf. Berkeley e RSV).

Elifaz conclui com a declaração de que as suas palavras são verdadeiras; elas foram testadas e provadas. Jó deveria, portanto, **meditar** nelas **para** o seu próprio **bem (27)**.

Nos versículos 17-27 podemos encontrar “Os frutos pacíficos de tribulações sofridas da forma correta”: 1) Um homem afligido pode ser bem-aventurado (17); 2) Deus faz a chaga para poder curá-la (18); 3) Deus pode libertar o justo (19-21); 4) O universo está ligado ao homem criado por Deus (22); 5) A retidão traz bênçãos para o lar (24-25); 6)

O reto vive e morre bem (26-27) — A. Maclaren.

2. *A Resposta de Jó a Elifaz* (6.1—7.21)

A resposta de Jó pode ser dividida em três partes. Na primeira, ele justifica suas queixas no capítulo 3 e se defende da repreensão do seu amigo, insistindo (como da primeira vez) em que a morte continua sendo sua única esperança (6.1-13). Na segunda, ele mostra profunda tristeza e desapontamento pela atitude que seus amigos demonstram em relação a ele (6.14-30). E, na terceira, ele lamenta amargamente seu grande sofrimento e implora para que Deus o deixe sozinho e o deixe morrer (7.1-21).

Elifaz não acusou Jó diretamente de pecado. Isso ocorrerá mais tarde. Ele apenas manifestou surpresa pelo desespero e impaciência do amigo. Jó usa essa crítica como base para a sua resposta.

a) Jó justifica suas queixas (6.1-13). Jó clama: **Oh! Se a minha mágoa retamente se pesasse!** (2) Ele sente que seus amigos vêem apenas as evidências externas do sofrimento. Dor física e perda de bens são apenas uma pequena parcela da agonia que ele estava experimentando. Se houvesse um meio de reunir todos os seus sofrimentos, então ficaria claro que a calamidade de Jó era **mais pesada [...] do que a areia dos mares** (3). No final das contas, quem poderia acusá-lo de falar imprudentemente? Esta seria uma tradução melhor do que: **Por isso é que minhas palavras têm sido consideradas.** (Vej a ARA).

Jó não só alcançou um estado de completa desolação, mas ele afirma que **as flechas do Todo-poderoso estão em mim** (4). Talvez esse seja o verdadeiro motivo do seu intenso sofrimento. Ele crê que sua infelicidade veio de Deus, mas não consegue entender por que Deus o está tratando dessa maneira. **As flechas** de Deus são as pragas, as enfermidades, as dores, etc., por meio das quais Ele ataca o homem (veja 16.13-17; Dt 32.23-27; SI 38.2-8). Para Jó essas flechas estão envenenadas, e **os terrores de Deus** são tão numerosos que parecem exércitos que **se armam contra** ele.

As vezes parece que as flechas do Todo-Poderoso voam e acertam o homem onde ele não apresenta defesa, infligem feridas severas na alma e provocam terror em sua mente. Mas essa aparente verdade está baseada em uma noção de Deus que foi substituída pela compreensão de sua natureza trazida por Jesus. Deus pode fazer com que todas as coisas contribuam para o bem (Rm 8.28), e na cruz de Jesus fica claro que Ele sofre com os homens. Se Jó tivesse tido a capacidade de ver que Deus também sofre, em vez de pensar que Deus era o causador do seu sofrimento, seu problema teria sido bem menor — talvez até completamente resolvido.

Na pergunta: **Porventura, zurrará o jumento montês junto à relva?** (5), Jó continua defendendo seu direito de reclamar. Suas reclamações são uma prova da sua dor, da mesma forma que “zurrar” e “mugir” são resultados do descontentamento entre os animais. Quando eles estão bem alimentados e confortáveis ficam em silêncio. O desespero de Jó é tão natural quanto o sentimento de animais famintos. Por outro lado, os sofrimentos de Jó são comparados à comida repulsiva que está **sem sal** ou insípida, como a **clara do ovo** (6). A **alma**, na psicologia hebraica, é o alicerce do desejo e do apetite. Dessa maneira, as coisas que a nossa **alma recusa** (7) expressam que queremos mais da vida do que comida sem sabor. Anelamos por uma existência que nos satisfaça. Quando essa oportunidade nos é negada, protestamos legitimamente.

Tendo se defendido, Jó reitera seu desejo de morrer: **Quem dera que se cumprisse o meu desejo, e que Deus me desse o que espero!** (8). Se Deus **soltasse a sua mão** (9), o homem teria a chance de morrer. ■

A **consolação** (10), ele acredita, só pode ser encontrada na insensibilidade do tûmulo. **Refrigera o meu tormento** pode significar: “Eu me alegraria em meio à dor implacável” (RSV; veja também ARA). Ele ainda não **repulsou**, isto é, negou **as palavras do Santo**. Mas Jó questiona seriamente quanto mais ele será capaz de suportar. Sua **força** não é a força da **pedra**, nem é a sua **carne** semelhante ao **cobre** (12). Já não existe significado na **vida**, nem esperança, nem propósito (11). Ele está convencido de que não há

ajuda (13) para ele. Todos os seus recursos se desvaneceram (veja RSV e ARA).

b) Jó está desapontado com seus amigos (6.14-30). Nessa parte, Jó se dirige aos seus amigos. Ele acha que eles deveriam ter vindo para ajudá-lo em sua hora de necessidade. Então descobre, embora Elifaz tenha sido gentil com ele, que eles, na verdade, são seus críticos. Para um homem que havia sido afligido como ele, um amigo deveria mostrar piedade, ainda que a miséria desse homem o levasse ao extremo de abandonar a Deus (14).¹⁰

Longe de serem confortadores e úteis, Jó acusa seus amigos de o tratarem **aleivosamente** (15). Eles têm se apresentado tão enganosos quanto um **ribeiro** que desapareceu. No calor do deserto **desaparecem do seu lugar** (17). As palavras que traduzem **caminhos** (18) e **caminhantes** (19) têm a mesma raiz e deveriam ser traduzidas por “caravanas”. A figura é de viajantes em caravana seguindo os caminhos que deveriam levar até as águas, mas que terminam em desapontamento. Os amigos de Jó têm sido esse tipo de desapontamento para ele (15-21).

Em seu dilema, Jó não pede por ajuda material (22) nem por libertação de um inimigo nem **das mãos dos tiranos** (23). Ele precisa de compaixão e compreensão. Ele quer que seus amigos continuem confiando nele. Isso o ajudará a permanecer forte. Eles não lhe mostraram **em que errei** (24). Se eles tivessem falado **palavras da boa razão** (25) —se eles tivessem sido honestos e francos — então eles o teriam ajudado. Mas as palavras deles até então não serviram para coisa alguma. **Mas que é que censura a vossa argüição?** As palavras de Jó eram palavras de um homem desesperado e talvez fossem **como vento** (26). Mas as ações dos seus confortadores mostram que eles “seriam capazes de pôr em sorteio o órfão e de vender um amigo por uma bagatela” (27, NVI). Estas são palavras duras e retaliatórias. Jó ficou profundamente ofendido pela aparente atitude insensível que lhe foi demonstrada. Então ele rebate, como os seres humanos são inclinados a fazer, para infligir dor semelhante aos seus amigos.

Muitos têm compreendido que as palavras **Voltai, sim, que a minha causa é justa** (29) implicam que Elifaz estava pensando em deixar Jó. Isso pode ter sido possível. Em tudo isso, Jó não deseja cometer **iniquidade** (30), ou injustiça. Talvez ele esteja dizendo: “Voltem novamente; minha causa é justa”. Ele pergunta: **Há, porventura, iniquidade na minha língua?** Na última parte desse versículo a figura da língua que sente o paladar representa a língua como um órgão de percepção em vez de fala. Jó está fazendo uma pergunta retórica para afirmar que ele é perfeitamente capaz de discernir a verdade e que está sendo honesto com eles e consigo mesmo. Ele insiste em que a verdade está do lado dele.

c) Jó ainda sente que a morte é sua única esperança (7.1-21). Tendo afirmado sua competência para avaliar sua própria condição, Jó volta a generalizar acerca da condição da humanidade. A vida sempre é dura. **Porventura, não tem o homem guerra sobre a terra?** (1) é melhor traduzir por: “Não é penosa a vida do homem sobre a terra?” (ARA). A vida do homem é como os **dias de um jornaleiro** ou de um assalariado (2) suspirando pela sombra no calor do dia. Assim é a vida de Jó. Os **meses** da sua vida são **vaidade** e vazios (3). Suas noites são intermináveis e cheias de miséria (4). Sua **pele** está **gretada** (“rachada”, NVI) e podre (5). Seus **dias** passam **velozes e sem esperança** (6), destinados a se esvaecer como uma **nuvem se desfaz** (9). O sentido do versículo 8b é: Mesmo “quando seus olhos estiverem sobre mim, já não existirei” (RSV). A vida termina na **sepultura**, e além dela não há nada. O homem morto **nunca jamais tornará à sua casa** e não será mais conhecido pelos vivos (10).

Por esse motivo, Jó sente que é necessário manifestar-se em sua **angústia de espírito** (11). Deixando seus amigos de lado, Jó volta a se queixar amargamente porque Deus permite que ele continue vivo. Porventura Deus o considera algum tipo de monstro marinho causando algum dano ao mundo? (12). Então segue-se uma lista de pragas que são usadas para destruí-lo: ele não encontra descanso em sua **cama** (13); ele é espantado com pesadelos horríveis (14) até que mais uma vez ele clama para que Deus o deixe morrer (15-16). Então, de forma patética, Jó indaga por que Deus deveria importar-se

com o homem. Por que Ele deveria pôr sobre o homem o seu **coração?** (17). Parece que Deus está constantemente com seus olhos sobre o homem, provando-o a **cada momento** (18). Por que Deus não me deixa sozinho, **até que engula a minha saliva?** (19), parece ser uma expressão proverbial significando um breve período. Em 9.18, Jó pede tempo para poder respirar. As duas expressões evidentemente têm o mesmo significado.

Se tenho pecado (20) dá a entender que ele não está admitindo suas ações erradas. Ele está indagando a Deus quanto ao significado do pecado. Por que Deus iria se importar mesmo que Jó tivesse pecado? O que Deus viu nele que provoque uma atenção tão incomum? Se existe algo errado, então **por que não perdoas a minha transgressão?** (21). Jó não compreende inteiramente o significado do pecado e do perdão, mas ele vê Deus como “Aquele que busca” o homem. A declaração **me buscarás** é uma única palavra em hebraico. É uma palavra forte que significa realizar uma busca diligente, persistente e séria. Apesar da acusação de Jó contra Deus, ele continua crendo que Deus é um Deus de amor. Jó, portanto, espera pelo dia em que o favor de Deus estará novamente ao lado dele e Ele desejará estabelecer comunhão com seu antigo servo. Ele sabe que se Deus quiser fazer isso terá de ser em breve, porque logo **não estarei mais**. Jó parece crer que na sepultura ele estará fora do alcance de Deus, da mesma forma que ele será removido do relacionamento com os homens. Quando ele passar para o *Sheol*, a busca de Deus por ele será tarde demais!

Raras vezes encontramos na literatura uma descrição tão poderosa e persistente de uma situação de total desespero.

3. O Primeiro Discurso de Bildade (8.1-22)

Bildade, o tradicionalista, tem uma posição muito parecida com a de Elifaz. No entanto, seu método de raciocínio e sua forma de se aproximar de Jó são diferentes. Bildade reage com raiva ao que ele considera uma irreverência completa da parte de Jó.

Bildade usa a corrente de pensamento geral de Jó e procura contestar

as conclusões de seu amigo. Jó havia declarado que a sua causa era justa (6.29-30). Isso implicava que Deus era injusto. Jó também havia argumentado amargamente que a vida do homem é modelada cruelmente pelas pressões insuportáveis colocadas sobre ele por um Deus insensível e inacessível (7.1-7,17-18). Diante dessas duas acusações, Bildade declara que Deus é absolutamente justo — tanto que ele recompensa o reto e pune o ímpio. Ele apóia sua posição nas tradições dos pais.

a) Bildade afirma que Deus é justo (8.1-7). Até quando falarás tais coisas? (2). Bildade está surpreso com o fato de Jó ter coragem de falar de uma maneira tão irresponsável em relação a Deus. As palavras de Jó são **qual vento impetuoso**; elas são severas em essência e vazias de verdade.

Pervertería Deus [...] a justiça? (3). Esta é a pergunta-chave que Bildade faz a Jó. Deus é **o Todo-poderoso**. Ele não pode agir injustamente. Bildade não está depreciando a seriedade da posição de Jó, nem minimizando a extensão do seu sofrimento. Ele simplesmente não pode aceitar a premissa de Jó de que suas calamidades representem uma ação injusta da parte de Deus. Se Deus o fez, então é justo, porque veio de Deus.

A proposição **Se teus filhos pecaram (4)** é feita por Bildade como uma afirmação hipotética, mas a intenção não é hipotética. De uma forma cruel, considerando a perda e sofrimento de Jó, ele argumenta que a morte dos filhos de Jó foi consequência natural da **transgressão** deles. Para Bildade, o pecado recebe seu próprio castigo — a morte. Para um homem com esse tipo de mentalidade a situação sempre está muito clara. A sorte dos filhos de Jó comprova a culpa deles. A morte deles é uma prova da magnitude do seu pecado. Esse mesmo tipo de raciocínio é então aplicado ao seu amigo. A aflição de Jó, da mesma maneira, prova a sua culpa; mas visto que a vida de Jó foi poupada, fica evidente que seu pecado não foi tão grave. Portanto, **se [...] buscares a Deus (5)** significa que haverá esperança para Jó.

Bildade espera que Jó tire proveito de sua experiência e mostre

evidência clara de arrependimento e humildade; ou seja, que ele se torne **puro e reto** (6). Então Deus **despertará por ti**. Ele se levantará em seu favor e **restaurará a morada da tua justiça**. As palavras-chave aqui são **habitação e restaurará**. O que Bildade prevê é que o lar, a saúde, a riqueza e a paz de Jó serão restaurados se ele tão-somente seguir as suas instruções. Essa restauração seria prova da retidão de Jó. Inclusive é possível que o **último estado** de Jó **cresça em extremo** comparado com os anos anteriores (7). Isso, de fato, acontece (42.10-17), mas não pelo motivo nem da forma como Bildade previa.

b) Bildade ressalta a sabedoria dos pais (8.8-22). Bildade expôs o princípio no qual ele acredita. Então ele convida Jó a refletir acerca dessa verdade e testá-la com o conhecimento disponível para provar sua veracidade. Para esse propósito a sabedoria **das gerações passadas e [...] de seus pais** (8) é colocada de maneira idealizada. Bildade não está se referindo meramente à geração anterior. Ele se refere à antiguidade. O tempo de vida de um homem é tão breve que ele não pode alcançar a compreensão adequada com base em sua própria experiência. Existe à sua disposição uma longa experiência de gerações de homens do passado que **ensinarão** aqueles que estiverem atentos à sabedoria deles (9-10). Palavras **do [...] coração** (10) desses homens do passado são palavras de entendimento em comparação com as palavras vazias e precipitadas de Jó (2). A posição de Bildade é que “o que é verdadeiro não é novo e o que é novo não é verdadeiro; que Jó está errado, porque ele está propondo uma doutrina nova monstruosa, e Bildade está certo, porque ele está simplesmente repetindo uma doutrina antiga, tão antiga que precisa ser verdadeira”.¹¹

Ficamos nos perguntando porque Bildade pensou que a sabedoria baseada na experiência e filtrada através do passado para o presente seria mais verdadeira do que aquela observada pela experiência no presente. Afinal, os antigos tinham somente uma “existência” para fazer suas observações, da mesma maneira que os homens do presente.

O ensino dos antigos ocorre por meio de imagens poéticas. **O junco (1)** é provavelmente a planta *papyrus* (papiro), que em certa época crescia abundantemente na área pantanosa do Baixo Egito. Esse junco aquático em alguns casos alcançava três ou quatro metros. **A espadana** é uma referência ao capim que crescia no pântano ou prado (veja Gn 41.2). Essas plantas requerem um abundante suprimento de água para crescer. Quando elas estão **na sua verdura**, isto é, quando elas estão florescendo, mas ainda não estão prontas para ser cortadas, secam **antes de qualquer outra erva** se a água lhes for tirada (12).

Lemos então a aplicação desta comparação: **Assim são as veredas de todos quantos se esquecem de Deus** (13). Os homens perecem subitamente, eles secam e morrem, quando o poder sustentador de Deus lhes é tirado. A palavra traduzida por **hipócrita** não significa hipocrisia no sentido comum da palavra. Na verdade, ela se refere a uma pessoa profana. Ela é ímpia porque negou ou rebelou-se contra sua própria missão em vida. Para tal pessoa qualquer base para o futuro é tão estreita quanto **a teia de aranha** (14), literalmente, a casa da aranha. Esse homem vai **encostar-se** nela mas ela não o suportará; **ela não ficará em pé** (15).

Nos versículos 16-19 há uma outra figura de súbita destruição: uma planta viçosa é repentinamente destruída, deixando apenas um rastro. Enquanto essa planta ainda estava viva, seus galhos cobriam o **jardim**, e suas raízes se entrelaçavam por todo lugar entre o **pedregal**, buscando alimento. Quando ela foi destruída, no entanto, era como se o lugar onde essa planta havia sido plantada pudesse dizer: **Nunca te vi** (18). Não somente isso, mas onde ela ficava, **outros brotarão** (19).

Bildade aplica essas lições da natureza ao relacionamento que existe entre Deus e o homem. **Deus não rejeitará o reto** (20). A palavra **perfeito** (sincero) é a mesma que já foi aplicada a Jó pelo autor (1.1). Por outro lado, Deus não ajudará os **malfeitores**. Bildade encontra esperança e motivo para exortar acerca dessa verdade tão antiga. As dificuldades evidentes de Jó provam que algo está errado. Mas visto que Jó não foi destruído inteiramente, existe a esperança de que

Deus ainda fará com que **de riso se encha a [sua] boca** e os seus **lábios de louvor** (21). Aqueles que se voltaram contra Jó — que o aborrecem — **se vestirão de confusão** (“de vergonha”, NVI; 22). Bildade não acusou Jó explicitamente de maldade, mas a advertência que ele dá ao seu amigo tem essa implicação. Se Jó persistir em sua impiedade, ele será completamente destruído — **a tenda dos ímpios não existirá mais** (22).

Nota-se a essa altura que o autor permite a Bildade algumas percepções proféticas, embora o próprio Bildade não tenha ciência disso. Sua menção de que os que se voltarem contra Jó irão se vestir de vergonha acaba se concretizando na experiência dos amigos no final do livro.

Bildade começou seu discurso a Jó de uma maneira severa, até mesmo cruel, mas também encontramos alguns traços de bondade e preocupação na última parte do seu discurso. Bildade contestou a hipótese do capítulo 8, na qual Jó não encontrava evidência de um governo moral no mundo. Seu amigo insiste em que esse não é o caso de forma alguma. A história e o julgamento das gerações provam o contrário. Se Jó estiver disposto a se humilhar e a aceitar o conselho daqueles que são mais sábios do que ele, será confortado e restaurado.

4. A Resposta de Jó a Bildade (9.1—10.22)

a) Jó admite que os ímpios sofrem (9.1-35). As palavras **na verdade sei que assim** é (2) seguem imediatamente o discurso de Bildade. Mas também são uma resposta adicional ao que Elifaz havia falado. Jó, um tanto impaciente, admite que existe uma certa verdade nos argumentos dos seus amigos. O problema é que eles não reconhecem a possibilidade de que ele esteja correto quando declara sua inocência. Portanto, ele pergunta: **Como se justificaria o homem para com Deus?** A pergunta não se preocupa tanto em como um homem age, mas em como ele pode se apresentar diante de Deus e provar a sua inocência. Essas palavras refletem o que Elifaz pergunta em 4.17, mas Jó usa a idéia de uma forma diferente. Elifaz havia contrastado o finito com o infinito. Jó questiona a capacidade do homem em provar a sua retidão e manter a convicção de sua inocência diante da ação

avassaladora de Deus contra ele.

Em uma disputa entre o homem e Deus o resultado é óbvio. **Se quiser contender com ele** (3) é uma terminologia legal que significa levantar uma objeção em um tribunal de justiça. Em uma situação como essa, o homem está destinado ao fracasso, porque carece da habilidade de responder **uma de mil** perguntas que Deus na sua sabedoria infinita poderia fazer. Nem mesmo aquele que é **sábio de coração, poderoso em forças** poderia ser **endurecido contra** Deus com impunidade (4; cf. 2 Cr 36.13). O homem certamente não é páreo para o Deus onipotente.

Jó reconhece o poder de Deus como pode ser observado em vários fenômenos do mundo físico. Deus **transporta as montanhas** (5) por meio de seu grande poder. Isso pode ser uma referência a qualquer uma das situações em que se vê uma montanha desintegrar-se sob o impacto de raios, terremotos ou chuvas torrenciais que causam deslizamentos de terra. **Sem que o sintam** (saibam) pode se referir à rapidez com que essas catástrofes ocorrem. Alguns, no entanto, vêem Deus como o sujeito dessa frase. Se essa inferência é verdadeira, então Ele destrói as montanhas sem que o saiba, tal é o seu grande poder.¹² Mas essa interpretação não se encaixa na estrutura de pensamento da última parte desse versículo. Deus remove montanhas como resultado do **seu furor**, não como consequência accidental do seu imenso poder. Ele também **remove a terra do seu lugar e suas colunas estremecem** (6). Essa é uma descrição poética, mas pode ter um pano de fundo bastante literal. Sem dúvida, essa pode ser uma descrição específica de um terremoto. Imaginava-se que a terra plana ficava apoiada sobre colunas ou sobre as raízes das montanhas (38.6; SI 75.3).

Deus **fala ao sol, e ele não sai, e sela as estrelas** (7). Fenômenos naturais, tais como temporais, tempestades de areia e eclipses, escondiam o sol e as estrelas. Os antigos viam esses eventos como evidências de um sério desagrado dos deuses.

O poder de Deus é tão grande que Ele **sozinho estende os céus** (8). A mesma descrição do poder e atividade se encontra em Isaías 40.12 e

44.24. Isaías 40.22 diz que Deus é aquele “que estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar”. O significado de **anda sobre os altos do mar** é incerta. Amós 4.13 diz que Deus “pisa os altos da terra”. Talvez o pensamento da onipresença esteja na mente do nosso autor. Deus é exaltado acima de toda a magnificência da natureza. Portanto, ele é o Soberano absoluto sobre toda a terra. Ele também é o Criador das constelações — a **Ursa, e o Orion, e o Sete-estrela** (9). **As recâmaras do sul** deve ser uma referência geral aos corpos celestiais no céu do hemisfério sul.

No versículo 10, lemos a conclusão de Jó acerca dessas maravilhas da natureza. Ele descobre que a atividade de Deus está além da capacidade de compreensão do homem. O pensamento é o mesmo expressado por Elifaz em 5.9. No caso de Elifaz, essa observação foi feita no contexto do controle ordenado sobre os afazeres do homem e a realização dos propósitos de Deus com bondade. Jó, no entanto, usa essas palavras como um resumo da sua argumentação de que o tremendo poder de Deus não tem significado moral. E força absoluta diante da qual o homem é impotente, um tema que Jó se encarrega de explorar em seguida.

Os padrões normais usados para medir a moralidade dos seres humanos não são aplicáveis a alguém com tamanho poder. O poder de Deus está muito além do domínio do homem. Ele é invisível (11); ele não pode ser controlado nem questionado pelo homem (12). **Arrebata** é uma expressão usada em conexão com um animal selvagem arrastando a sua presa.

Diante de um Ser como esse, o homem é impotente. **Deus não revogará a sua ira** (13) até que seu propósito seja cumprido. O homem não pode rejeitar a ira de Deus e o próprio Deus também não o faz. Portanto, o único curso de ação deixado para alguém que está sofrendo o seu desagrado é submeter-se à sua ira. Isso foi feito por seres poderosos da antigüidade. **Os auxiliares soberbos** [melhor, “os auxiliares de Raabe”] **debaixo dele se curvam**. Isso pode ser uma referência ao mito da criação babilônica quando trata do conflito entre Marduk e Tiamat. Depois que Marduk destruiu Tiamat, ele cuida dos seus auxiliares, aqueles que a ajudaram e encorajaram:

*Depois que ele havia matado Tiamat, a líder,
seu bando foi despedaçado, sua tropa foi desfeita;
e os deuses, os auxiliares dela que marchavam ao seu lado,
tremendo de terror, a abandonaram,
para salvar e preservar as suas vidas.*

Cercados firmemente, eles não puderam escapar.

Ele os fez cativos e despedaçou suas armas.

*Jogados na rede, eles foram apanhados numa armadilha; colocados
em celas, estavam cheios de lamentações; carregando a sua ira, foram
mantidos encarcerados.^{1S}*

Assim Jó vê que mesmo as forças primitivas estão sob o controle de Deus. Não deveria nos surpreender o fato que o autor e poeta tenha feito uso de mitos populares da sua época para ilustrar seu ponto de vista.

Com esse tipo de criaturas impotentes contra Deus, quais são as chances de Jó? Embora ele acredite que não há esperança para o seu caso, ele continua crendo na possibilidade de encontrar-se com Deus face a face e apresentar seu caso a Ele. Essa idéia da cena de julgamento domina seu pensamento e é a chave para a compreensão de grande parte do que ele diz.¹⁴ Este é o caso quando Jó diz: **Quanto menos lhe poderei eu responder? (14)**. Isto é, ele não consegue responder às acusações que Deus evidentemente apresentou contra ele. **Escolher diante dele as minhas palavras** envolve um apelo diante de Deus no qual certamente seria aconselhável escolher bem as palavras para argumentar com Ele. Mas, de que maneira isso pode ser possível diante da luz da majestade e poder esmagadores de Deus? **Ainda que eu fosse justo (15)**, isto é, mesmo sendo reto, não haveria possibilidade alguma de ganhar uma causa contra Deus. Com tal oponente, apenas resta a Jó pedir **misericórdia** ao seu **juiz**

(adversário ou acusador). Só lhe resta pedir por misericórdia (RSV). Se a causa contra Deus tivesse de ser julgada, e Ele, de fato, aparecesse, Jó diz que mesmo assim ele não acredita que Deus daria **ouvidos à minha voz (16)**.

Nos versículos 17-19, Jó descreve sua condição presente e aquilo que aconteceria no “processo” contra Deus que ele imaginou. Os verbos usados descrevem a destruição que ocorreria em um encontro como esse: quebra ou esmagamento, multiplicação das **chagas**, retenção da respiração, fartura de **amarguras**. Em uma competição de forças ou em uma causa na justiça não há ninguém que possa fazer frente a Deus. T. H. Robinson traduz bem os versículos 20-21 para mostrar o desespero que Jó sente nessa situação:

Eu poderia estar certo, mas minha própria boca me condenaria, ainda que eu fosse irrepreensível, ele provaria que eu estava enganado.

Ainda que fosse perfeito, eu não me conhecería, rejeitaria a minha vida.^m

Independentemente da base da sua argumentação, o contraste entre ele e Deus seria tão grande que ele seria subjugado e perceberia que estava errado.

Jó expôs sua causa apresentando em linguagem forte a natureza amoral do poder supremo de Deus. Então ele vai ainda mais longe ao aplicar esse princípio à vida como ele a observa. Ele não faz nenhum esforço para suavizar sua linguagem ao responder aos argumentos de seus amigos. Bildade havia afirmado que Deus mata os ímpios (8.11-19). Jó declara: **Ele consome ao reto e ao ímpio (22)**. A afirmação: **Acoisa é esta** significa que Deus trata ambos da mesma maneira. Jó está dizendo que o poder amedrontador de Deus é indiscriminado. Isto, é claro, significa que a justiça está pervertida, o que Bildade havia negado (8.3).

Deus não é somente indiscriminado na sua forma de destruir o homem, mas Ele ridiculariza aqueles que Ele destrói por meio de alguma forma de catástrofe: Ele **ri da prova dos inocentes (23)**.

Dessa forma, Jó acredita que a **terra é entregue às mãos do ímpio** (24). Ele afirma que Deus é responsável por essa condição, visto que Ele é o Soberano de toda a natureza bem como da humanidade. Se Deus não é responsável, então quem é? (cf. v. 24, RSV).

Jó alcançou o ponto mais baixo do seu sentimento de separação e alienação de Deus. As “acusações” feitas aqui estão bem longe do conceito cristão acerca da natureza de Deus e seu relacionamento com o sofrimento humano. Para entender essas reações de forma apropriada, o leitor atual deve lembrar que nos dias de Jó não havia um conceito de causas secundárias, da lei natural, nem ao menos uma concepção da providência geral dos eventos. As pessoas naquela época consideravam Deus o causador direto e imediato de tudo que ocorria. Com esse entendimento da relação de Deus com os eventos, e com a convicção de que não havia falta de piedade nele próprio, Jó só podia concluir que Deus o tinha afligido sem causa. Se isso fosse verdade, então se poderia concluir que Deus havia usado seu poder de maneira indiscriminada e injusta.

Com uma disposição mais calma, mas continuando num tom pessimista, Jó se afasta do mundo em geral e volta-se para si mesmo, reclamando da brevidade da sua vida e da sua incapacidade em encontrar um relacionamento satisfatório com Deus. A velocidade com que a sua vida está se aproximando do fim é descrita por meio de três figuras diferentes. A primeira é a de um mensageiro correndo velozmente para entregar sua mensagem (25). A segunda é a de **navios veleiros** (26) — ou melhor: “barcos de papiro” (NVI) ou “de junco” (ARA). Esses barcos eram construídos de junco e madeira e, dessa forma, eram leves.¹⁶ A terceira é a figura de uma **águia que se lança à comida**; ela se precipita do céu em um ataque relâmpago sobre sua vítima.

Jó então examina o que ocorreria se ele decidisse bravamente parar de queixar-se e voltar a sorrir (27). Ele está certo de que isso não mudará as coisas. O sofrimento vai continuar, e essas coisas tão difíceis de suportar são evidências de que Deus não o terá **por inocente** (28). Portanto, qualquer esforço da parte de Jó para

melhorar sua atitude é vão (29). É inútil passar pelo processo de uma limpeza completa **com água de neve** (30) e detergente (cf. RSV), porque Deus o submergirá **no fosso**, do qual ele emergirá tão imundo que mesmo as **próprias vestes o abominarão** (31). Essa é uma figura forte, mostrando Jó nu mas purificado, jogado num atoleiro. Sua roupa é personificada e descrita como que se recusando a cobrir uma imundície tão abominável.

Esses versículos descrevem quão infrutíferos são os esforços de Jó para justificar-se a si mesmo à luz do fato de que Deus está disposto a considerá-lo culpado. Então Jó retorna à sua dificuldade maior —o homem não tem capacidade de argumentar e lutar com Deus. Visto que Jó é honesto na convicção da sua inocência, parece que Deus está lidando com ele de uma maneira terrivelmente injusta. **Ele não é homem, como eu** (32) — isto é, eles não são iguais no conflito — e não há **árbitro** (juiz) entre eles para que haja condições iguais para ambos (33). Se Deus tirasse **a sua vara** (34; essa desigualdade) e permitisse que o terror de Jó cessasse, então ele teria condições de falar e não temê-lo (35). Mas esse não é o caso. O medo está lá. O sofrimento se faz presente. O conhecimento do desagrado evidente de Deus é forte e está constantemente com ele. Jó está certo de que Deus não o tem nem o terá por inocente. No entanto, ele não encontra nenhum meio de descobrir a causa desse desagrado.

b) Jó busca significado nas ações de Deus (10.1-22). O capítulo 10 é uma continuação suave depois das observações do capítulo 9, embora haja uma transição para um assunto diferente. No capítulo 9, Jó afirma sua inocência apesar do fato de Deus parecer determinado a tê-lo como culpado. Não é de admirar que nessas circunstâncias ele se sinta completamente desamparado e desanimado em sua miséria. No entanto, Jó continua em sua busca de significado para a sua existência. Ele procura raciocinar logicamente naquilo que ele conhece acerca da natureza de Deus.

A reação inicial de Jó é de desespero. **A minha alma tem tédio de minha vida** (1), mas isso dá a ele uma certa medida de coragem. Ele não tem nada mais a perder. A morte apenas o libertaria do sofrimento. Ele diz: **Darei livre curso** [“Falarei livremente”, RSV] à

minha queixa. Assim, da **amargura da [...] alma** ele ousa questionar Deus em relação aos seus motivos ao tratar com seu servo. Jó sentia que seu sofrimento era uma evidência clara do desagrado de Deus em relação a ele. Deus o “tornou culpado” pelas suas aflições. Por considerar essa condenação arbitrária, Jó deseja conhecer a razão que Deus tem em contender com ele (2).

Ao dirigir-se ao Senhor, Jó argumenta que é ilógico Deus oprimir-lo e rejeitar **o trabalho das [...] mãos** [dele] (3). E Deus não favorece o **conselho dos ímpios**. Que prazer poderia Ele ter em destruir aquilo que Ele criou? Certamente o Todo-Poderoso sabia o que estava acontecendo. Era de conhecimento geral na época de Jó que Deus era espírito e não **carne**. Ele não era limitado pela visão do homem (4). A vida de Deus também não é medida **como os dias do homem** (5). Portanto, não é a pressão do tempo que faz com que Deus despenda um esforço tão grande em descobrir algum **pecado** na vida de Jó (6). Pelo contrário, Deus sabe muito bem que Jó **não é ímpio** (7). Por que então Ele deveria torturá-lo? **Ninguém há que me livre da tua mão**, repercute a reflexão anterior de Jó em relação ao seu desamparo. Jó chegou a um impasse em seu pensamento. Ele é pego sem a opção do escape em relação ao desagrado de Deus, o qual é inacessível. Deus o afligiu com um sofrimento horrível sem permitir que conhecesse a causa de uma ação tão contrária.

Em contraste com o tratamento estranho que Deus impõe a ele, Jó observa que foram as mãos de Deus que o **entreteceram** (8). Afigura é de um oleiro moldando cuidadosamente o barro para criar sua obra de arte. Por que o Criador o faria tornar **ao pó** (9) do qual ele tinha sido tão cuidadosamente formado? Os versículos 10-12 falam da atividade de Deus em trazer Jó à vida —da concepção até a fase adulta (cf. SI 139.13). Deus dá **vida e beneficência** (12) e Ele **guardou** o seu **espírito**. Jó lembra com nostalgia a bondade que Deus havia mostrado a ele no passado.

Jó então investiga o que ele considera o propósito secreto de Deus: **Estas coisas as ocultaste no teu coração** (13). Nos versículos 14-15, existem três situações hipotéticas para testar o caso: **Se eu pecar [...] Se for ímpio [...] E se for justo**. Jó não está fazendo nenhuma

reivindicação para si mesmo. Na verdade, ele está dizendo que independentemente da sua conduta, seu destino é o mesmo. Isto o deixa **cheio de ignomínia** (“vergonha”, NVI) com o aumento das suas aflições e pelo fato de que Deus parece caçá-lo como se ele fosse **um leão feroz** (16). As palavras **fazes maravilhas contra mim** não se referem aos prodígios providenciais e criativos de Deus, mas estão aí para atormentar-lhe e mostrar-lhe sua inimizade. Jó sente que as intenções de Deus são renovar suas pragas e aflições contra ele como um testemunho da sua culpa (17).

Com Deus agindo dessa maneira, Jó se pergunta por que Ele o trouxe à vida, ou por que não permitiu que Jó morresse imediatamente após o nascimento (18-19; cf. 3.11-16). Ele lembra a Deus que na melhor das hipóteses seus **dias são poucos** (20), e pede para que o seu atormentador o deixe sozinho, para que ele possa tomar um pouco de **alento** antes de morrer e ir para a **terra da escuridão**, para **nunca mais voltar** (21).

5. O Primeiro Discurso de Zofar (11.1-20)

Zofar, o dogmático, defende a justiça de Deus da mesma maneira que Elifaz e Bildade haviam feito. No entanto, nos capítulos 9—10 Jó foi bem mais explícito em suas afirmações de inocência do que ele tinha sido anteriormente. No capítulo 3, ele não alega sua inocência. Ele lamenta seu destino. Elifaz podia admitir a culpa de Jó sem fazer disso um caso. Nos capítulos 6—7 Jó, de forma casual, alega sua inocência enquanto se preocupa com outros assuntos. Bildade podia desconsiderar essas afirmações como sendo até certo ponto naturais mas sem importância. Mas nos capítulos 9 e 10 Jó fez afirmações fortes em relação à sua inocência. Ao fazê-lo, ele força os amigos a considerar essa questão de forma séria. Zofar sabe que ele deve responder à altura o questionamento de Jó. Seu discurso pode ser dividido em três partes: a) o pecado de Jó (11.1-6); b) a sabedoria de Deus (11.7-12); c) a exortação à humildade e ao arrependimento (11.13-20).¹⁷

a) O pecado de Jó (11.1-6). Porventura, não se dará resposta à multidão de palavras? (2). A pergunta é a defesa de Zofar ao falar a

Jó. Isso provavelmente não é uma queixa contra um longo discurso da parte de Jó, mas contra as alegações irresponsáveis de Jó contra Deus. O que Elifaz e Bildade já disseram deveria ter dado a Jó motivo suficiente para parar e refletir acerca da sua forma errada de pensar. Isso, por sua vez, deveria ter produzido um silêncio respeitoso e humilde. Mas não foi esse o caso. Portanto, mais exortação se faz necessária. **O homem falador** é literalmente: “o homem de lábios”. A insinuação é que Jó não poderia realmente estar falando sério nos seus discursos retóricos contra Deus. Suas palavras vêm dos lábios e não do coração. Conseqüente-mente, as palavras de Jó são **mentiras** e zombaria (3).

Zofar dirige sua atenção à afirmação de Jó acerca de uma **doutrina** pura e da transparência no seu relacionamento com Deus (4). Ele concorda que seria ótimo se Jó pudesse ver seu desejo atendido e **Deus** falasse com ele (5). Mas se isso de fato acontecesse, o resultado seria bem diferente daquilo que Jó estava esperando. Em vez de ser perdoado, Jó descobriria que seu sofrimento atual era pequeno em comparação com a enormidade do seu pecado: **Deus exige de ti menos do que merece a tua iniquidade** (6). Zofar não dá nenhuma prova de que essa acusação é verdadeira. Ele dogmaticamente faz a afirmação. O sofrimento de Jó vem de Deus, mas a atitude de Jó mostra que a extensão do castigo que ele recebeu não está de acordo com o grau do seu pecado.

b) A sabedoria de Deus (11.7-12). Zofar não crê que o homem possa descobrir a natureza de Deus (7). Jó tem questionado os motivos de Deus para tratá-lo tão “deslealmente”, e ao fazê-lo ele tem procurado inquirir a respeito do caráter divino. A onisciência de Deus vai além das fronteiras dos **céus** e do **inferno** (*Sheol*; 8). Com isso Zofar afirma que Deus conhece todas as coisas na terra, as regiões acima da terra e as regiões abaixo da terra. O homem não consegue de forma alguma compreendê-lo em seu caráter ou em suas obras (7-9). Jó estava certo quando disse que ninguém **o impedirá** (10; veja 9.1112) ou pode demovê-lo dos seus propósitos, quaisquer que sejam. Mas Jó acusou a Deus de não distinguir entre o justo e o ímpio ao lidar com os homens. Zofar não concorda com isso. Deus **conhece os homens**

vãos (11). Ele não observa a ação do ímpio sem levá-la em consideração. Zofar então cita um antigo provérbio acerca da tolice:

Mas um homem insano vai receber inteligência

Quando umjumentinho selvagem nascer homem (Smith-Goodspeed).

Zofar, sem dúvida, aplicou-o à teimosia de Jó. O leitor moderno, no entanto, está mais inclinado a aplicá-lo a Zofar.

c) *Exortação à humildade e ao arrependimento* (11.13-20). Zofar foi insensível até aqui, a ponto de ser ríspido em seu tratamento com Jó. Mas ele não entregou os pontos em relação ao seu antigo amigo como se fosse um caso perdido. Ainda existe a oportunidade de Jó recuperar-se da sua terrível condição. Visto que ele está certo de que algum pecado cometido por Jó é a raiz da sua condição e que o sofrimento de Jó resulta desse pecado, a resposta é simples. Jó deveria estar aberto e humilhar-se em relação ao seu mau procedimento. Isso exige reparação, inclusive uma preparação apropriada do seu **coração** (13) para colocá-lo num relacionamento correto com Deus. **Estende as tuas mãos para ele** subentende súplica em oração para remover a **iniquidade** da sua vida e do seu lar (13-14). Quando isso for feito, Jó estará apto a levantar o seu **rosto** sem **mácula** (15). Ele será considerado inocente diante de Deus. **Medo** e **miséria** serão esquecidos (15-16). Sua vida será mais radiante e alegre do que antes. Todas as causas do medo serão removidas, e em seu lugar haverá segurança e **esperança** em sua vida (17-19). Zofar pede para ele olhar **em volta. Muitos acariciarão o teu rosto** (19) significa: “Muitos procurarão o seu favor” (NVI).

6. A Resposta de Jó a Zofar (12.1—14.22)

Semelhantemente aos discursos anteriores de Jó, este é dirigido somente em parte aos seus três amigos. O restante do discurso é dirigido diretamente a Deus. A censura crescente dos seus amigos irrita Jó a ponto de empregar um sarcasmo mordaz em sua réplica a Zofar. Os amigos tinham reiterado, de forma piedosa, um conhecimento superior da sabedoria de Deus e da sua maneira de

tratar os homens. Cada um, em seqüência, insistiu em que o sofrimento de Jó era uma prova suficiente do seu pecado. Jó se volta contra eles furiosamente e condena a maneira superficial de apresentarem as evidências. A sua apresentação tem sido superficial e tendenciosa. Suas opiniões não mostram sinceridade. Depois de castigar seus amigos, Jó novamente desafia Deus a encontrá-lo e responder às suas perguntas. O desafio fica sem resposta e Jó se afunda mais uma vez em melancolia acerca do destino do homem.

a) Jó zomba da sabedoria dos seus amigos (12.1-25). Jó se congratula sarcasticamente com seus amigos pela grande sabedoria deles: **Na verdade, que só vós sois o povo** (2). Eles defenderam as opiniões empregadas de modo geral durante grande parte do período bíblico. Jó foi forçado, pela sua própria experiência, a divergir dessa opinião. Em seu escárnio, ele declara que eles são a personificação da sabedoria; assim, quando eles morrerem, também **convosco morrerá a sabedoria**. O comentário severo de Zofar acerca das chances de Jó obter conhecimento (11.12) deve tê-lo machucado profundamente. Jó alega que ele já tem esse tipo de **entendimento** e que de forma alguma é **inferior** a eles (3). Mas, mesmo assim, isso não deve servir de motivo para orgulhar-se. **Quem não sabe tais coisas como estas?**

Os versículos 4-6 podem ser vistos como uma lista parcial daquelas coisas que todos conhecem. Primeiro, Jó se tornou “objeto de riso” (NVI) dos seus vizinhos. No entanto, ele tem invocado **a Deus** e tem sido um homem **reto**. Mesmo assim, ele tem sido objeto de riso (4). A segunda observação é que quando uma pessoa que já esteve em uma posição invejável “escorrega” ou sofre algum tipo de desgraça, então aqueles que ainda estão firmes o desprezam. Eles raciocinam que, já que Deus abandonou o desafortunado, por que eles não deveriam fazer o mesmo (5)? O significado de “**tocha desprezível**” não é claro. A ARA traduz assim: “... há desprezo [...] para os pés daqueles que já vacilam”. O terceiro fato facilmente perceptível é que as **tendas dos assoladores têm descanso** (6). Aqui, Jó nega categoricamente que somente o homem reto prospera. Uma olhadela casual para a vida mostrará que é o ímpio que prospera.

Os amigos podem gabar-se do seu conhecimento, da sabedoria e do poder de Deus, mas todo aquele que pára para olhar ao seu redor vai descobrir essas verdades. Mesmo as criaturas da terra —as **alimárias** (“animais”, NVI) do campo, as **aves dos céus** (7), os **peixes do mar** (8)— sabem que essas coisas são verdadeiras. O **espírito** (“fôlego”, NVI) **de toda** humanidade (10) está nas mãos de Deus! Seu poder é completo. Toda a criação sabe disso, mas isso não quer dizer que somente os retos se beneficiam do seu poder sustentador. Os ímpios e mesmo formas de vida inferiores também dependem dele.

Bildade tinha recomendado a Jó, com insistência, que ouvisse a sabedoria que vem dos **idosos** (12). Nos versículos 13-25, Jó havia seguido esse conselho, mas não podia aceitar as conclusões deles. Parece-lhe que a história mostra Deus usando **sabedoria e a força** (13) indiscriminadamente. Se seguirmos a lógica dos amigos, então **juizes** (17), **reis** (18), **príncipes** (melhor: “sacerdotes”; 19), anciões e os chefes do povo certamente mereceriam a bênção não qualificada de Deus, mas a história não apóia essa teoria. Pelo contrário, existem exemplos de todos esses tipos de pessoas que passaram por sérias dificuldades. Deus os faz andar nas **trevas às apalpadelas, sem terem luz** (25). Retirados das suas posições elevadas, são levados a cambalear **como ébrios** em sua loucura.

b) Ficou provado que os amigos de Jó estavam errados (13.1-28). Jó aqui reafirma sua igualdade de conhecimento em comparação aos seus amigos: **Como vós sabeis, o sei eu também** (2). Ele observa que é melhor falar diretamente com Deus: **Eu falaréi ao Todo-poderoso** (3). Os amigos, na verdade, são **inventores de mentiras** e são semelhantes a **médicos que não valem nada** (4). Diante dessas circunstâncias, a coisa mais sábia que eles poderiam fazer seria permanecer em silêncio (5)!

Na verdade, Jó acredita que o raciocínio dos seus conselheiros tem sido inerentemente perverso. Eles têm falado falsamente e alegado falar em nome de **Deus** (7), pervertendo, dessa maneira, a base da verdade. Além disso, eles têm se mostrado parciais — esse é o significado de **Fareis aceitação da sua pessoa?** (“Vão revelar

parcialidade por ele?”, NVI) — ao colocarem-se na posição de defensores da causa de **Deus** (8). Os amigos não tinham conhecimento da culpa de Jó por meio de informações de primeira mão. Ao julgarem entre ele e Deus eles já tinham decidido ficar ao lado de Deus com base em evidências superficiais e incompletas. Para Jó, esse tipo de raciocínio é a essência da hipocrisia. Para podermos acompanhar o pensamento de Jó, devemos lembrar que essas palavras são pronunciadas tendo como pano de fundo o seu desejo de encontrar um árbitro entre ele e Deus. Naquele momento, ele imaginava que seus amigos poderiam ocupar essa função, mas logo percebeu que eles já haviam se comprometido de forma imparcial com o seu Oponente. Conseqüentemente, eles não poderiam ser justos com ele.

Ao chegar a essa conclusão, Jó sabe que os amigos também estão em perigo. Se Deus os **esquadrinhasse** (9), certamente eles sofreriam uma repreensão severa por causa da sua parcialidade (9-10). Eles deveriam estar aterrorizados (11). As **memórias** deles — os dizeres tradicionais da Antigüidade — **são como a cinza** (12) e seus argumentos são semelhantes a um escudo de **lodo** em vez de metal.

No versículo 13, Jó deixa de focar nos seus amigos e volta sua atenção para Deus. Os amigos recebem a seguinte instrução: **Calai-vos perante mim, e falarei eu a Deus**, independentemente do risco. Ele sabe que sua audácia pode resultar em completa destruição — **e poria a minha vida na minha mão?** (14) — mas ele está tão desesperado que o risco vale a pena. **Ainda que ele me mate** (melhor: “Eis que ele me matará”, ARA; 15), expressa o ponto extremo a que sua vida chegou. **Nele esperarei** é uma das expressões mais sublimes registradas em versões tradicionais. Infelizmente, essa tradução não tem base no texto hebraico. Essa expressão foi tomada, com algumas modificações, das notas de rodapé dos massoretas. Precisamos admitir que o texto aqui é muito difícil de ser traduzido, mas a melhor tradução vem da RSV e de outras versões: “Eis que me matará; já não tenho esperança” (ARA). Jó não alimenta nenhuma esperança de que a sua vida e sorte possam ser restauradas. Apesar disso ele corajosamente insiste: **Contudo, os meus caminhos defenderei diante dele.**

Isto também será (16). Jó está se referindo ao fato de que ele está a ponto de declarar algo, em vez de se referir a Deus. Aquilo que deverá ser a sua **salvação** nessa situação é o fato de que um **ímpio** ou um hipócrita não se atreveria a chegar **perante** Deus e procurar defender a sua causa. Essa declaração se equipara com a grandiosidade do pensamento encontrada na tradução não tão precisa da KJV do versículo **15**. Jó tinha perdido toda sua esperança pela vida, mas no momento em que chega a esse ponto mais baixo de desespero, ele vislumbra uma esperança. Sua firme convicção quanto à sua integridade o faz perceber que sua fé continua viva e que seu relacionamento pacífico anterior com Deus pode ser restaurado. Esse é o profundo anseio de Jó. E nesse ponto que Blackwood compara a experiência de Jó com a de Paulo, de acordo com Filipenses **1.29-26**. Paulo sabia que Deus, na cruz de Jesus Cristo, havia levado o sofrimento do mundo sobre ele mesmo. Jó não havia alcançado esse conhecimento do interesse de Deus pelo homem. Em vez disso, ele o vê sentado sereno, intocado pela aflição humana.¹⁸

Jó está determinado a levar sua causa diretamente a Deus, se esse privilégio lhe for permitido, mas ele quer que seus amigos suspeitos prestem muita atenção: **Ouvi com atenção as minhas razões** (17). Jó tinha sido acusado de ser um mentiroso falastrão em suas afirmações de inocência (11.1ss.). Mas agora, como resultado da sua súplica a Deus, ele afirma: **Sei que serei achado justo** (18). No versículo 19 ele pergunta: **Quem é o que contenderá comigo?** Isto é: “Quem poderá se opor a mim com algum argumento válido para provar minha culpa?” Se existe prova contra a sua inocência, Jó está disposto a se calar e morrer.

Ao se voltar a Deus, depois dessa grande reafirmação de inocência, Jó faz um pedido para que duas coisas sejam concedidas a ele. Em primeiro lugar, ele pede para que Deus não o espante com o seu terror impedindo-o de falar (21; veja 9.34-35). **Desvia a tua mão** tem sido interpretado como: “Alivia a tua pesada mão” (Moffatt). Em segundo lugar, Jó pede para que Deus fale como ele (22). Com essas condições estipuladas, ele está pronto a defender a sua causa perante Deus.

Seu primeiro pedido a Deus é: **Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado** (23). Ele indubitavelmente está se referindo aos pecados que são significativos o suficiente em número ou natureza para justificar o rigor da sua aflição. Jó aqui concorda com seus amigos em um ponto crítico: Deus é a causa do seu sofrimento. Os amigos acreditam que as más ações de Jó foram o motivo do castigo de Deus. Jó está certo de que essa não pode ser a causa; mas se for o caso, ele quer saber de Deus o que exatamente o torna culpado. Ao se sentir alienado de Deus, ele pergunta: **Por que escondes o teu rosto e me tens por teu inimigo?** (24). Ao usar as figuras de uma **folha arrebatada pelo vento** e o **restolho seco** (25), Jó mostra quão insignificante ele realmente se sente diante de Deus. Portanto, ele está surpreso porque Deus o persegue tão implacavelmente. O versículo tem sido traduzido da seguinte maneira: “Atormentarás uma folha levada pelo vento? Perseguirás a palha seca?” (Berkeley).

Por que escreves (26) significa escrever a sentença. Por que Deus age dessa forma contra ele? Seria devido a algum pecado esquecido da sua **mocidade**? Se esse foi o caso, então por que Deus esperou tanto tempo para castigá-lo? Do jeito que as coisas estão, Deus o tem cercado por completo. Seus **pés** estão **em cepos** (27); ele está sendo observado em todos os seus movimentos. A última parte do versículo 27 pode ser lida da seguinte forma: “O Senhor [...] colocou limites aos meus passos” (Berkeley). Jó refere-se a si mesmo na terceira pessoa na sua próxima afirmação: “Assim o homem [Jó] se consome como coisa podre” (28, NVI).¹⁹

c) Homem frágil (14.1-22). Jó continua sua linha de raciocínio em 14.1-6. Ele não só fica imaginando por que Deus se importa tanto com alguém tão insignificante quanto ele, mas agora ele percebe que toda a raça humana se encontra num estado tão deplorável que é surpreendente que Deus se importe excessivamente com qualquer um deles.

E a sina comum do homem, tão fraco ao nascer **da mulher**, experimentar **inquietação** (1) nos poucos dias que lhe são

destinados. Sua vida é como o breve florescer da **flor; foge também como a sombra** (2) e não dura muito. Por que Deus deveria abrir seus **olhos** (olhar com tanto cuidado) **sobre este tal?** Deus é tão superior ao homem que é humilhante para Ele observar o homem tão de perto. Jó aplica esse fato para si mesmo, e-. questiona por que um exame tão minucioso deveria acabar conduzindo-o **em juízo** (3).²⁰

Jó continua a refletir acerca da fragilidade geral do homem, e afirma que nenhum deles pode realmente ser **puro** diante de Deus (4). Visto que a vida (**os dias**) do homem é limitada de forma tão radical (5) por Deus, este deveria desviar-se dele, literalmente, “desviar dele o seu olhar”. Deus deveria abrandar seu castigo persistente para que o homem pudesse pelo menos ter um pouco de repouso (contentamento) como **o jornaleiro** (o “trabalhador contratado”, NVI; 6) tem no seu dia.

O pedido por ao menos um breve período no qual o prazer pela vida possa ser experimentado está baseado na crença de que o homem não tem oportunidade de gozo após a morte. O homem não é como uma **árvore** (7) que torna a brotar mesmo que seja cortada próxima do chão. Embora a **raiz** esteja envelhecida **na terra** (8), no entanto, **ao cheiro das águas** (9) **brotará** um novo rebento e, dessa forma, será restaurada à vida. Não é o que ocorre com o homem. Quando ele morre, ele se foi. O homem é **consumido [...] como as águas se retiram do mar** (10-11). Qualquer lago ou local com um pouco de água poderia ser descrito como “mar”. Em climas quentes e áridos, essa água evaporava rapidamente e secava. O homem é como o rio (ou ribeiro) que **se esgota e fica seco**. O versículo é uma figura gráfica descrevendo uma extinção completa. **Assim o homem se deita** (12), como se estivesse dormindo e nunca mais se levanta. Muitos dos costumes de sepultamento dos tempos antigos indicam algum tipo de esperança ou consciência de existência além-túmulo, e isso pode ser confirmado em outros textos do Antigo Testamento. No entanto, Jó aqui nega que ele nutra esse tipo de esperança em relação ao homem. Sempre devemos nos lembrar que foi Cristo que finalmente “trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho” (2 Tm 1.10).

Tendo negado qualquer tipo de esperança de o homem poder viver novamente, Jó de imediato expressa o profundo desejo de que isso seja verdade. Se Deus pudesse me esconder **na sepultura** (13) e me ocultasse, talvez a sua ira se desviaria. Depois disso, talvez, Deus pudesse se lembrar dele novamente com bondade. Com certeza Deus, que pode rejuvenescer uma árvore, poderia trazer um homem de volta da sepultura. Uma semente de esperança estava plantada no sofrimento de Jó.

Para entender esses versículos é importante lembrar a compreensão hebraica da morte. Para eles a morte não representava a cessação da vida. Havia um tipo de existência, ainda que debilitada e indesejada. O homem não estava vivo, mas ele não havia deixado de existir. Ele estava inteiramente cortado dos viventes e de Deus (veja 3.12-19; 10.12-22; 14.20-22). Em outros textos do Antigo Testamento lemos que o poder da morte é vencido por Deus em favor daqueles que confiam nele. (Veja SI 16.10; 49.15; 73.23-26). O salmista fala de um relacionamento certo e seguro com Deus. Jó fala do medo de que Deus o tenha rejeitado e que a ira divina vá persegui-lo até o túmulo.²¹

A pergunta de Jó: **Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?** (14) é ambivalente no sentido de que nela estão contidas tanto a dúvida como a esperança. Se Jó ousava ter esperança de uma vida além-túmulo, ele suportaria sua condição presente e esperaria pelo chamado de Deus (15). Mas Jó ainda não é capaz de elevar-se acima do seu dilema imediato e fortalecer a sua confiança no fato de que Deus se importa com ele. Portanto, ele se entrega mais uma vez ao desespero que insiste em tomar conta dele em decorrência da tragédia da sua vida. Parece que Deus conta os seus **passos** (16). É como se Deus tivesse registrado por escrito todas as transgressões de Jó e selado **num saco**

(17) , para serem reveladas no tempo do julgamento. Quando até a **montanha e a rocha**

(18) desmoronam, qual é a esperança do frágil homem? Nenhuma, porque Deus prevalece **contra ele** (20). Ele morre e perde contato com os viventes, não sabendo da **honra** ou da perda que pode vir

sobre **seus filhos** (21). Seu destino é sofrer **dores** e lamentar (22).

B. O Segundo Ciclo de Discursos, 15.1—21.34

No primeiro ciclo dos discursos os amigos interpretaram de forma equivocada a causa do sofrimento de Jó, e eles entenderam de forma errada a atitude de Jó em relação ao seu sofrimento. Eles o exortaram severamente a ter uma atitude de humildade e arrependimento porque acreditavam honestamente que ele não estava aquém da ajuda de Deus. O conselho deles se baseava na experiência que para eles havia se mostrado verdadeira repetidas vezes.

Mas a insistência fervorosa de Jó em defesa da sua inocência os convenceu de que ele estava acrescentando intolerância, se não blasfêmia, ao seu suspeito pecado oculto. Eles agora estão convencidos de que estão lidando com um homem teimoso e orgulhoso que não mediria esforços para justificar-se a si mesmo. A partir desse ponto, é necessário o uso de uma linguagem franca e convincente. Precisa ficar claro para Jó que ele é o tipo de pessoa ímpia que eles haviam descrito em termos gerais. Talvez dessa forma eles serão capazes de despertar a sua consciência para que ele possa enxergar-se diante da verdadeira luz. Essa segunda rodada do diálogo é dura e, às vezes, cruel, à medida que os amigos procuram derrubar as defesas de Jó.

Se Jó não convenceu seus críticos, pelo menos reforçou sua própria convicção em relação à sua inocência. Ele está certo de que o ataque de Deus sobre ele tem sido injustificado. Por isso, ele responde em termos igualmente ásperos em relação à crítica dos seus amigos. Talvez ele tivesse a esperança de que o seu protesto de inocência venceria seus amigos da sua integridade. Quando isso falha e seus conselheiros estão ainda mais certos da pecaminosidade dele, Jó desce a um nível mais profundo de desespero. Muito do que ele fala nesse segundo ciclo reflete o seu sentimento de que tanto Deus quanto o homem o abandonaram. No seu último discurso ele volta sua atenção para o argumento que os amigos usaram contra ele e reage à posição que eles defendem.

1. O Segundo Discurso de Elifaz (15.1-35)

Elifaz, como antes, toma a iniciativa na discussão. Ao fazê-lo, ele estabelece o padrão do discurso para os outros membros do grupo. Ele usa o último discurso de Jó (caps. 13— 14) para mostrar de que maneira Jó caluniou seus amigos e foi completamente irreverente em relação a Deus. Isso o convence de que Jó é ainda mais ímpio do que ele havia suspeitado anteriormente. Portanto, Elifaz descreve o destino dos ímpios, na esperança de que ele possa chocar a Jó e este se torne sensível em relação à avaliação de sua condição.

Um homem **sábio** (2), como Jó afirma ser, não deveria responder com idéias vãs. Em vez de falar do coração — o lugar da inteligência e entendimento — Jó encheu **seu ventre de vento oriental** — um vento violento, quente e destruidor. Jó tem usado **palavras que de nada servem e que de nada aproveitam** (3). Como resultado, o **temor** (4) de Deus e a **oração** a Deus, que são a essência da religião, são destruídos. Dessa, maneira, por meio das suas palavras Jó tem feito mais para condenar a si mesmo do que qualquer um dos argumentos dos seus amigos. Elifaz comenta: **Atua boca te condena; e os teus lábios testificam contra ti** (6). Ele acredita que os argumentos que Jó usou em 12.6 eram meramente pretextos astutos para encobrir sua culpa.

Jó também afirmava possuir uma sabedoria igual ou superior à dos seus amigos. Elifaz sarcasticamente pergunta acerca da base de sua afirmação: **Es tu, porventura, o primeiro homem que foi nascido?** (7). Jó havia admitido que a sabedoria vinha com a idade (12.12). Ironicamente Elifaz pergunta se Jó se considerava um ser especial, alguém que ouviu **o secreto conselho de Deus** (8) no princípio dos tempos. Ele também pergunta: **A ti somente limitaste a sabedoria?** A sabedoria aqui referida é a sabedoria divina. Será que Jó, como .membro do conselho celestial, tinha acesso ao conhecimento dos mistérios de Deus? Elifaz responde à pergunta que ele mesmo levantou, concluindo que Jó, na verdade, não é mais sábio do que eles: **Que sabes tu, que nós não saibamos?** Na verdade, existe alguém no meio deles (seria o próprio Elifaz?) que tem idade para ser o **pai** de Jó (10). Se existe uma relação entre idade e sabedoria, então existe alguém muito mais sábio do que Jó. Elifaz

também afirmou em seu primeiro discurso ter recebido sabedoria por meio de revelação divina (4.12-17). No versículo 11 ele pergunta: “Porventura, as consolações de Deus são triviais demais para você, ou as palavras que te tratam de forma delicada?” (Berkeley). Com que base Jó escolheu descartar tal conselho?

Em seguida, Elifaz deixa de lado a afirmação de Jó ter sabedoria superior e o repreende pela sua atitude irreverente em relação a Deus: **Por que piscas os teus olhos?** (12). Melhor seria: “eles brilham como um sinal de temperamento”. Na expressão: **Para virares contra Deus o teu espírito** (13), “espírito” pode ser traduzido por “fôlego”, significando ira ou furor (Jz 8.3; Pv 16.32). Nem mesmo o homem comum, **que nasce da mulher** (14), é capaz de ser **puro** aos olhos de Deus; quanto menos Jó, **que bebe a iniquidade como a água** (16). Elifaz declara: “Eis que Deus não confia nem nos seus santos; nem os céus são puros aos seus olhos” (15, ARA). Portanto, de que maneira pode Jó estar puro?

Após classificar Jó como um homem iníquo, Elifaz prossegue em descrever o destino dos ímpios. Os versículos 17-19 formam uma declaração introdutória difícil que Moffat traduz da seguinte maneira:

Escute-me, deixe-me dizer o seguinte: deixe-me relatar o que aprendi — uma verdade que homens sábios transmitiram, que receberam dos seus pais, a quem foi dada a terra e a mais ninguém, que não recebeu a influência de estrangeiros.

Todos os dias o ímpio sofre tormentos (20). A última parte do versículo 20 é obscura. A ARA a associa à primeira parte do versículo: “Todos os dias o perverso é atormentado, no curto número de anos que se reservam para o opressor”. **O somido dos horrores** (de terror) constantemente **está nos seus ouvidos** (21); **sobrevêm o assolador** (o ladrão). Ele vive em constante medo e perigo (22). A **angústia e a tribulação [...] prevalecem contra** aquele que persiste na iniquidade, como se fossem um exército preparado para a peleja (24). Esses homens têm desprezado a Deus e têm se entregado completamente a prazeres sensuais em sua resistência teimosa a Ele.

Moffat esclarece esse texto da seguinte forma:

Porque ele desafiou a Deus, ele se equiparou com o Todo-Poderoso, agindo de forma arrogante contra ele, por detrás de escudos sólidos — tão inchado de prosperidade, tão inchado em sua riqueza.

Ele reconstruiu cidades para si mesmo, lugares em que nenhum homem há de morar (25-28).

Mas nenhuma dessas rebeliões será bem-sucedida, porque o ímpio não terá permissão para florescer sobre a **terra** (29). **Trevas** e destruição vão tragá-lo (30-31). A morte do ímpio se consumará **antes do seu dia** (32), como a queda de **uvas verdes** (33) ou como a **oliveira** cujos frutos não amadurecem por causa do ataque de algum tipo de ferrugem. E impossível os **hipócritas** (34) prosperarem na economia de Deus. “Eles concebem maldade e produzem iniquidade; seus corações geram engano” (35, Berkeley).

Assim, a prosperidade do ímpio é apenas aparente. Promessas de sucesso não se cumprem. Sua vida é cortada antes de se tornar completamente bem-sucedida.

2. A Resposta de Jó (16.1—17.16)

Somente parte desta resposta a Elifaz, de forma semelhante às outras, é dirigida diretamente aos amigos. Jó também se dirige a Deus, e também há um tipo de conversa introspectiva que Jó tem consigo mesmo. O apelo prévio de Jó a Deus (13.20-28) permaneceu sem resposta. Deus aparentemente recusou-se a responder a Jó ou revelar-se a ele. Jó tinha a esperança de que seu apelo honesto aos céus convenceria seus amigos da integridade dele. Em vez disso, ele é acusado do uso astuto das palavras para ocultar o seu pecado (15.5-6). Elifaz tenta convencer Jó de que seus amigos o abandonaram, e Jó reage com ira, movido por profunda dor.

Todos vós sois consoladores molestos (2) significa literalmente: “confortadores atormentadores”. Eles acrescentam mais aflição sobre Jó, além daquelas que ele já possui, em vez de ajudar por meio de

compaixão e compreensão. Suas **palavras de vento (3)** não têm **fim**. Eles persistem em machucá-lo mais. Ele tem dificuldade em entender o que leva Elifaz a continuar falando, visto que não tem nada de valor a acrescentar (cf **13.5**).

Com desdém Jó afirma que seria fácil amontoar **palavras (4)** contra seus amigos se a situação deles fosse revertida. O versículo 5 provavelmente deve ser lido como uma continuação do sarcasmo de Jó. Se Jó estivesse no lugar deles, poderia proferir palavras superficiais em relação à amizade deles ao pronunciar palavras insinceras de condolência. Quer Jó fale ou esteja em silêncio, a sua dor continua, por isso ele pode falar francamente a respeito do seu sentimento (6).

Por meio de um monólogo, Jó mais uma vez descreve a condição patética que a aversão de Deus por ele produziu. Deus o **molestou (7)**, isto é, Ele o esgotou. A perseguição implacável de Deus acabou com **toda a minha família (7)**. Mesmo seus melhores amigos estão agora alienados dele. Seu estado **enrugado** e sua **magreza (8)** testemunham contra ele. As desolações da enfermidade são óbvias e são interpretadas por aqueles que o vêem como evidências da sua culpa. Essas declarações são um eco da atitude mostrada pelos confortadores de Jó e são exatamente o tipo de evidência que eles usaram para condená-lo. A hostilidade de Deus é descrita mais adiante como uma fera que despedaça sua rapina e range **os dentes contra mim (9)**. Smith traduz a expressão **aguça [...] os olhos** por: “Meu inimigo me fuzila com seus olhos” (Smith-Goodspeed).

A figura muda de feras para homens que **abrem a boca contra Jó** com escárnio e **feriram** seu rosto em seu ódio (10). Assim, Deus entregou Jó **nas mãos dos ímpios (11)**. Quando estava **descansado (12)** Deus **pegou-me pelo pescoço**, como um cachorro sacode um rato. **Flecheiros (13)** o usaram como alvo até que derramaram seu **fel (bílis) pela terra**. “O oriental fala da bílis e da vesícula quando nós nos referimos ao sangue e ao coração”.²² Deus é descrito como um **valente gigante (14)** que desfere **golpe sobre golpe** contra Jó, como um exército derruba os muros de uma cidade sitiada. Con-

seqüentemente, Jó, em completa humilhação, costura uma veste de pano de saco (15). **Revolvi a minha cabeça no pó** pode ser interpretado como “curvou a minha glória no pó” (Moffat). Seu **rosto está todo descorado** (vermelho ou inchado) **de chorar** (16) pela humilhação e desesperança da sua condição.

Mais uma vez, depois de expressar o seu pesar, Jó parece animado o suficiente para renovar sua reivindicação básica: todo esse mal tem acontecido com ele, **apesar de não haver violência nas minhas mãos** (17). Conseqüentemente, ele clama: **Ah! terra, não cubras o meu sangue** (18). O sangue derramado clama por vingança (Gn 4.10-11) até que seja devidamente coberto (Ez 24.7-8). Embora Jó não esteja sendo assassinado, ele acredita que sua morte é injustificada e quer que seu **clamor** por justiça continue sendo ouvido: “Que [...] continue atravessando o mundo” (Moffat). Embora pense que vai morrer, ele aguarda a justiça.

O clamor de Jó por vindicação parece despertar esperança dentro dele, e ele afirma que tem uma **testemunha no céu** e o seu **fiador** está **nas alturas** (19). Mais tarde (19.25) Jó fará um apelo mais forte a Deus pela sua vindicação. No momento, ele é capaz apenas de expressar o desejo de ter alguém intercedendo por ele junto a Deus, **como o filho do homem pelo seu amigo** (21). Ele espera viver apenas **poucos anos** (22) antes que a morte o alcance —“o caminho por onde não voltarei” (Berkeley).

O capítulo 17 continua o pensamento do final do capítulo 16. **O meu espírito se vai consumindo** é melhor traduzido por: “Minha vida está destruída”. A palavra hebraica (*ruach*) ocasionalmente traz consigo a idéia de fôlego, mas é um termo que tem a ver com a essência da própria vida. Paralelamente a esse pensamento, Jó acrescenta que seus **dias se vão apagando, e só tenho perante mim a sepultura** — isto é, a sepultura o espera (1).

Jó está consciente do fato de que os **zombadores** (2; seus amigos) estão de olho nele enquanto ele vai morrendo lentamente. Quanto mais perto ele chega da morte, mais certos eles estão de que estavam corretos no diagnóstico do seu caso. A ARA traduz a última parte do versículo 2 assim: “Os meus olhos são obrigados a lhes contemplar a provocação”. Jó não consegue seguir o conselho ilusório deles. Ele se volta a Deus mais uma vez e faz um apelo adicional para ajudá-lo a alcançar um pouco de satisfação que ainda possa estar disponível para ele.

Seu pedido é que Deus seja seu fiador. **Promete agora** (3) significa: “Dá-me a garantia” (Berkeley). **Dá-me um fiador para contigo** expressa a mesma idéia, enquanto dar **a mão** era uma forma de selar um acordo. Fazer promessas e escrever uma carta de fiança eram ações que tinham fortes implicações para o futuro. Essa confiança ainda não está pronta para florir, mas as sementes de esperança haviam sido plantadas.

No contexto imediato, Jó deseja que Deus confunda seus amigos pela recusa obstinada de eles reconhecerem a integridade dele. Eles não têm **entendimento** (4) e, de alguma maneira, o têm traído (5) “por um preço” (Berkeley). Eles também fizeram dele um **provérbio** (acrescentado à sua reputação negativa) entre **os povos** (6). A ARA traduz a última parte do versículo 6 da seguinte forma: “tornei-me como aquele em cujo rosto se cospe”. Como resultado desse abuso, os **olhos** de Jó **se escureceram de mágoa** (7) e ele é consumido.

No entanto, Jó acredita que ainda existe alguma justiça moral. **Os retos** (8) no mínimo mostrarão surpresa com o estado das coisas, e **o inocente se levantará contra o hipócrita**. Homens como Jó, que são verdadeiramente justos (9), não permitirão ser balançados em suas convicções. Como consequência, o homem que é reto e **puro** deverá crescer **em força**. Jó dá passos largos em direção à confiança na esfera moral!

Tendo estabelecido essa verdade, ele se volta para seus amigos e os convida a voltar (tornai; 10) — uma palavra freqüentemente traduzida por “arrepender”. Mas, quando ele estende o convite, percebe que não existe nenhum amigo **sábio** o suficiente para beneficiar-se dos seus conselhos.

Mais uma vez Jó se afunda na melancolia em virtude de sua condição. Seus **dias passaram** (11) e seus “planos” (NVT) são malogrados. O hebraico do versículo 12 é obscuro mas parece expressar frustração e desespero.

A noite é dia para mim, e luz é escuridão (Moffatt).

Jó não pode fazer nada além de esperar pela sepultura (13) e aceitar os **bichos** (vermes) da decomposição como se fossem seus familiares mais próximos (14). Mesmo a **esperança** de que ele conseguiu se recompor interiormente (8-9) é inútil, porque **quem a poderá ver?** (15). Jó e sua esperança terão **descanso juntamente no pó** (16). O abismo é o *Sheol*, o sepulcro.

Jó volta à sua primeira conclusão. Sua vida está destruída de forma tão completa e a sua saúde está tão debilitada que sua única esperança é fazer do *Sheol* o seu lar. Ali, pelo menos, ele poderá encontrar um pouco de paz e descansar do seu sofrimento físico e da sua angústia espiritual.

3. *O Segundo Discurso de Bildade* (18.1-21)

Bildade, como tradicionalista, sente-se desconfortável quando suas respostas “con-. venientes” às perguntas levantadas por Jó não são aceitas. Ele fica ainda mais perturbado quando uma verdade “auto-evidente” é contestada, demonstrando que ela não tem nada de “auto-evidente”.

No último discurso de Jó ele não tinha sido amável com seus amigos. Ele os tinha chamado de confortadores grosseiros e inoportunos. Eles tinham sido, de acordo com Jó, zombeteiros e desdenhosos, além de serem cegos e privados de entendimento. Na verdade, nenhum deles havia apresentado sabedoria alguma.

A atitude ímpia de Jó era uma outra questão que incomodava Bildade. Jó havia acusado Deus de tratá-lo como um animal, rasgando-o em pedaços com ira injustificável.

Bildade trata brevemente dessas acusações duras (18.1-4) e então prossegue em descrever com alguns detalhes o destino certo dos ímpios (5.21). Ao contrário do que faz no primeiro discurso, aqui Bildade não convida Jó a se arrepender e apresentar uma atitude humilde. Bildade parece estar convencido de que não há esperança para o caso de Jó. Para ele, Jó é um excelente exemplo de uma pessoa ímpia que ele descreve. A desgraça de Jó obviamente confirma sua

acusação.

Até quando usareis artifícios em vez de palavras? (2) significa literalmente: “preparais armadilhas por meio de palavras”. Bildade acredita que Jó tem buscado argumentos, de forma tão exaustiva, que ele não tem produzido nada além de meras palavras. **Considerai bem** significa: “pensai a respeito da situação com cuidado”, **e, então, falaremos**, para podermos chegar a uma compreensão correta.

Jó trata seus amigos **como animais** e **imundos** (3; cf. 17.4,10). Bildade quer saber por que Jó os difama dessa forma. A alusão a **imundos** é provavelmente uma acusação de tolice em vez de impureza, porque Jó não havia acusado seus amigos de serem sujos. A menção de animais o faz lembrar que Jó havia acusado Deus de despedaçá-lo como um animal (16.9). O fato, na verdade, é o contrário, porque é o próprio Jó que se despedaça a si mesmo (4) na sua ira fervorosa contra Deus. Esse tipo de revolta só serve para destruir o homem que pronuncia esse tipo de palavras. Além disso, quem Jó pensa que é? **Será a terra deixada por tua causa? Remover-se-ão as rochas do seu lugar?** Essas expressões são geralmente interpretadas como símbolos usados para descrever o universo moral. Será que o princípio fundamental do castigo pelo pecado seria anulado para que Jó pudesse manter sua retidão? (Cf. Lv 26.43; Is 6.12).

Na mente de Bildade essas perguntas somente merecem um tipo de resposta. Não há por que se alongar nesse assunto. Jó é culpado. Seu sofrimento prova sua impiedade. Só lhe resta pintar uma imagem sombria do destino do pecador. E o que Bildade se compromete a fazer. Ele traça a queda do iníquo em cinco estágios:

- a) A escuridão o assola (5-6).
- b) Laços são colocados diante dos seus pés (7-11).
- c) Ele é entregue ao rei dos terrores (12-15).
- d) Seu nome e memória são apagados da terra (16-19).

e) Ele se torna um símbolo de horror para outros homens (20-21).

A luz é usada universalmente para simbolizar vida, vitalidade, calor e alegria. Aqui Bildade declara: A **luz dos ímpios se apagará** (5). As figuras usadas são de habitantes em tendas nômades. A faísca “do seu fogo” (NVT) e da **lâmpada** (6) em sua tenda se apagará. O Senhor diz por intermédio de Jeremias: “E farei perecer, entre eles, a voz de folguedo, e a voz de alegria, e a voz do esposo, e a voz da esposa, e o som das mós, e a luz do candeeiro” (Jr 25.10). Bildade concorda em que essa é a consequência da maldade. Uma pessoa como essa só pode ficar tateando no escuro enquanto anda no caminho que está cheio de obstáculos, e o **seu próprio conselho** (7; julgamento falso) o leva à queda.

Bildade acrescenta figura após figura para descrever o resultado da iniquidade. Existe uma **rede** escondida para apanhar o pecador **por seus próprios pés** (condutas perversas; 8-10). Veja os vários termos usados para agarrar um homem: a **rede**, o laço, a corda e a **armadilha**. Por isso, os **assombros** (11) o fazem correr de uma parte para outra. Ele não pode mover-se sem ser apanhado. Mesmo parado em silêncio, é aterrorizado por aquilo que irá acontecer com ele.

O **seu poder será faminto** (12), isto é, desvanecido da mesma maneira como ficamos fracos devido à fome. A **morte do primogênito** (13) é uma descrição da epidemia que acometerá o homem que persistir em praticar o mal. Quando essas epidemias atacam, a confiança do homem perverso é destruída. Nem mesmo na sua própria tenda (14; tabernáculo) ele encontrará consolação. A aplicação pessoal dessas alusões dificilmente pouparia a Jó. Como se Bildade estivesse deliberadamente descrevendo o que acontecerá a Jó.

Bildade retoma à figura usada em 8.15, em que o indivíduo procura encostar-se à sua casa. O **rei dos terrores** (14) é a morte. O estrangeiro, **aquele que nada lhe era** (15), morará em sua tenda depois de ser desinfetada pelo **enxofre**. Ou, talvez, o enxofre seja uma figura de completa desolação — um sinal da maldição de Deus que faz com que sua habitação se torne imprópria para moradia para sempre.

Também pode ser o lembrete do fogo de Deus que destruiu o gado de Jó e os servos que cuidavam dele.

Bildade vai mostrando o destino do homem mau até chegar à beira da morte. Existe mais ainda? Sim! Sua memória e sua raça também serão apagadas. **As suas raízes e os seus ramos** (16) serão destruídos. Jó havia recebido apenas uma fagulha de esperança quando refletiu acerca daquela árvore cortada junto ao chão que tinha condições de reviver novamente. Bildade faz questão de que Jó entenda que não existe esse tipo de esperança para ele. **O nome** desse ímpio não será mais lembrado **pelas praças** (17). A sua **memória perecerá**. De várias formas, essa é a pior sorte que pode acometer um oriental. O ímpio, e tudo que pertence a ele, é banido **do mundo** (18) sem **filho** ou outros parentes remanescentes (19). Essas declarações, sem dúvida, lembram Jó da perda dos seus filhos e filhas.

A essa altura deveríamos pensar que Bildade tivesse esgotado a lista de horrores que acometem o pecador, mas ele acrescenta mais um a essa lista. Os **vindouros [...] serão sobressaltados de horror** (20) com a sua queda completa e o usarão como exemplo alarmante das conseqüências da maldade. Bildade parece ter esquecido que ele havia acabado de dizer que os maus não seriam mais lembrados.

A descrição de Bildade segue o curso das dificuldades de Jó de forma tão precisa que somos tentados a concluir que ele conscientemente usou Jó como seu modelo. Se esse de fato foi o caso, a última parte do seu discurso é uma predição direta do que vai acontecer em breve com Jó. A morte de Jó é tudo que precisa ocorrer para encerrar a questão e provar decisivamente que Bildade tinha razão.

4. *À Resposta de Jó para o Segundo Discurso de Bildade* (19.1-29)

O discurso de Bildade foi implacável na sua denúncia de Jó. Na primeira série do diálogo, todos os três amigos concordam em que existe um remédio para o dilema de Jó. Mas agora a situação mudou. Quando falta apenas Zofar falar na segunda série de discursos, fica claro que os amigos concordam em que Jó é terrivelmente culpado em suas más ações. Jó ainda é capaz de reagir com algum ardor ao

cinismo deles, mas isso, no fim das contas, dá lugar a um grito de profunda angústia (19.21). Ele, mais uma vez, é impelido ao desespero extremo, mas, mesmo assim, encontra algo dentro dele que se recusa a admitir que ele será completamente abandonado por Deus. Jó naquele momento estava abandonado por Deus e pelo homem, mas no futuro Deus apareceria para vindicá-lo.

No início da sua resposta a Bildade, Jó reclama da atitude indelicada dos seus amigos. Até **quando entristecereis a minha alma?** (2). Mas existe algo que vai além do aborrecimento. A condenação dos amigos ameaça quebrá-lo em pedaços. Jó se sente esmagado. Eles não só falharam em aliviar a sua dor com o consolo deles (16.4-6), mas, na verdade, aumentaram-na. Se Jó tivesse aceitado a interpretação deles quanto à sua condição, ele aceitaria a solução proposta por eles de se arrepender. Mas, visto que ele não fez nada do que tenha de se arrepender, a repetida condenação deles apenas aumenta ainda mais a sua carga. Essa expressão **Já dez vezes** (3) não pode ser entendida literalmente, mas simboliza um número redondo com a finalidade de expressar repetidas repreensões anunciadas contra ele. A parte final desse versículo é obscura, mas Smith vê um significado concordante com a disposição de ânimo de Jó, ao traduzi-lo da seguinte forma: “Vocês me trataram mal de maneira desavergonhada” (Smith-Goodspeed).

O versículo 4 é obscuro. No entanto, com base nos tipos de declarações que Jó fez até esse ponto, as palavras devem ser entendidas como uma negação adicional às ofensas

que seus amigos têm lançado contra ele. A segunda cláusula **Comigo ficará o meu erro** pode significar que qualquer erro que Jó tenha cometido é tão insignificante que não deveria preocupar a ninguém mais do que a ele mesmo. Deus não poderia estar preocupado em castigá-lo por infrações tão insignificantes da sua parte, e os amigos deveriam, por sua vez, preocupar-se com a sua própria vida.²³

Seja como for, Jó deseja que seus amigos saibam que ele concorda com eles em um ponto fundamental: **Sabei agora que é Deus que me transtornou (6).** Mas ele não concorda que a ação de Deus contra ele

seja justificável. Jó diz que clama: **Socorro! Mas não há justiça** (7). Deus o afligiu de uma forma completamente injustificada. Ele contesta as afirmações feitas por Bildade em 18.8 de que os próprios pés de Jó o levaram a cair na armadilha. Em vez disso, ele afirma que Deus o cercou **com a sua rede** (6), isto é, lançou uma rede ao seu redor.

Dessa posição, Jó prossegue descrevendo a severa hostilidade que Deus tem mostrado a ele. Afigura no versículo 6 retrata Jó sendo apanhado numa armadilha (rede) como um animal desamparado. Quando ele clama por ajuda, não existe ninguém que lhe responda, nem mesmo Deus (7). Não existe possibilidade de escapar, porque Deus **entrincheirou** o seu **caminho** e criou densas **trevas** (8). Deus tirou dele a sua **honra** e a sua **coroa** (9). Esses termos estão relacionados com justiça e piedade (veja 29.11). Talvez **honra** (glória), e sua associação com o esplendor, seja um contraste consciente com as trevas que Jó acabou de descrever. Quando isso é tirado dele, a sua reputação de ser um homem reto é destruída, e ele é considerado um pecador pelos seus amigos e vizinhos. A **esperança** de Jó foi removida **como uma árvore** (10) que havia sido arrancada pelas raízes. Se a árvore tivesse sido cortada, poderia haver a esperança de que ela voltasse a crescer (14.7), mas, nesse caso, ela é descrita como sendo completamente destruída.

Em seguida, Jó descreve Deus como um inimigo vingativo que investe contra ele como um exército que cerca o seu acampamento. Os ataques já foram tão severos que Jó está quase aniquilado, e seus recursos estão se esgotando. A pergunta é: Quanto mais ele terá condições de suportar? (11-12). Nesse ponto, Jó esquece que ele já revelou em diversas outras ocasiões o seu desejo de morrer e terminar com esse sofrimento.

A hostilidade de Deus destruiu os contatos humanos de Jó. As pessoas o estranham e ele é abominado por elas. Isso se torna uma das mais profundas dores da sua experiência. A descrição vem de vários relacionamentos que um homem desfrutava e dos quais depende e, finalmente, conclui com um clamor triste: **Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim** (21).

O termo **irmãos** (13) não é necessariamente uma referência a parentes sanguíneos, mas possivelmente a membros da sua comunidade. **Os que me conhecem** é usado de forma semelhante ao uso moderno de “conhecidos”. **Parentes** e “amigos” (14, NVI) são aqueles que estão mais próximos dele. **Os meus domésticos** (“Os que se abrigam na minha casa”, 15, ARA) são seus convidados, enquanto as **servas** são suas escravas. Todos eles, além do seu **criado** (16) e os “filhos da minha mãe” (17, seguindo a ARA, visto que os filhos de Jó já estão mortos) se alienaram dele e o desertaram no seu tempo de provação. Até sua **mulher** está incluída na lista. **O meu bafo se fez estranho a minha mulher** (17). A palavra traduzida por **bafo** (*nephesh*) é freqüentemente usada no sentido reflexivo, referindo-se ao próprio indivíduo. Essa é uma outra maneira de Jó descrever a atitude da sua mulher em relação a ele. Ela tinha se desesperado com a vida de Jó. Na verdade, ela já o aconselhara a “amaldiçoar a Deus e morrer” (2.9). **Rapazes** (“crianças”, ARA, 18) e **homens do seu secreto conselho** (19) o abominam pela assolação da sua enfermidade (20). Não é de admirar que Jó se sinta completamente desolado e clame de forma tão lamentosa: **Compadecei-vos de mim, amigos meus** (21). Será que é necessário que eles o tratem **como Deus** o está tratando? Por que eles não podem se fartar (22) com o que já foi feito e parar com suas acusações dolorosas?

Nesse momento da sua vida, diante de mais um ponto baixo na sua experiência, Jó mais uma vez olha para o futuro. Ele gostaria que suas **palavras se escrevessem** (23), para que as gerações posteriores pudessem ouvir seus protestos de inocência. Uma escrita comum não seria suficiente. Isso precisaria ser feito com uma **pena de ferro e com chumbo na rocha** (24), para que permanecesse **para sempre**.

Pensar em uma testemunha duradoura faz com que Jó alcance a maior compreensão até então na busca por significado da sua situação. Ele repentinamente percebe no fundo do seu ser que tem um **Redentor** vivo (25). A palavra é *goel*, que normalmente se refere ao parente mais próximo. Essa pessoa se incumbe de vingar o sangue no

caso de um assassinato; ele “redime” o estado do homem morto, ou ele se responsabiliza para que a posteridade do irmão morto continue por meio do levirato. (O levirato era uma instituição matrimonial dos hebreus que impunha à viúva casar-se com o irmão do falecido marido.) Assim, ele é o defensor, o vingador, aquele que salva da opressão, o libertador. Deus é esse Redentor para Israel de uma maneira que ninguém mais poderia ser (Ex 6.6; 15.13; SI 74.2; *et al.*). Jó finalmente enxerga, Deus se levantando para defender sua honra e “acertar as contas”.

Ele também afirma: **Ainda em minha carne verei a Deus** (26). Essa expressão tem recebido uma série de interpretações que vão desde a rejeição da ressurreição até exatamente o oposto, ou seja, o de que esse texto confirma a ressurreição.

Aqueles que apoiam a visão negativa ressaltam que Jó declarou inequivocamente que não existe esperança de vida após a morte (14.7-14), e que ele é um homem que perdeu toda a esperança. Também se argumenta que tal esperança nesse ponto crítico do argumento frustra qualquer necessidade de uma discussão adicional, visto que não leva em conta o desânimo e a falta de esperança que Jó ainda vai expressar. Também se argumenta que o texto desses versículos está bastante corrompido.²⁴

Por outro lado, tem-se observado que Jó flutua em suas emoções de desespero até chegar a algum vestígio de esperança. E embora ele tenha com frequência expressado desespero e confusão, ele recusa-se resolutamente a abandonar sua integridade em seu relacionamento com Deus. Apesar da profundidade do seu desespero, Jó retorna. Esses momentos parecem se intensificar e finalmente chegam ao clímax no clamor de fé em que Jó declara que ele verá a Deus como seu Redentor (*goel*) com seus próprios **olhos** (27; veja comentários a respeito de 14.14-15; 16.17-20).²⁶

Pode ser, como alguns sugerem, que a imortalidade no sentido de uma existência interminável após a morte não esteja sendo afirmada aqui. Mas não se pode negar que Jó chegou ao ponto em sua fé em que ele sabia que deveria haver algum tipo de relacionamento entre ele e

Deus, mesmo após a morte. Até esse ponto da discussão a morte era uma barreira intransponível para Jó. Agora ele consegue enxergar além dela com a certeza de que no final receberá a gratificação.²⁶

Tendo chegado a essa conclusão marcante, Jó é dominado pelo desejo de ver sua esperança se tornar realidade. Na antiga ARC lemos: “Os meus rins se consomem dentro de mim”. Na psicologia hebraica os rins (entranhas) eram considerados os órgãos em que se localizavam as emoções e os sentimentos intensos.

Finalmente, nos versículos 28-29 Jó se volta mais uma vez aos seus amigos e repreende-os porque o perseguem, para que não sejam destruídos, já que eles estão completamente errados, pois com certeza descobrirão **que há um juízo**. Ainda existe justiça no mundo.

5. O Segundo Discurso de Zofar (20.1-29)

O primeiro discurso de Zofar foi respondido por Jó de maneira sarcástica. Ainda está fresco na memória de Zofar o fato de que Jó ameaçou seus amigos com um julgamento severo de Deus por causa de suas críticas a ele. Assim como os outros, Zofar entende que Jó é culpado; e, apesar dos protestos de Jó, essa convicção só aumentou em vez de dissipar-se. Como resultado, Zofar explode por meio de uma linguagem tempestiva.

Zofar permaneceu em silêncio até aqui, mas com dificuldade, e agora não consegue mais se conter — **meus pensamentos me fazem responder**. A declaração **eu me apresso** significa, nessa conexão: “Estou agitado” (Berkeley). Zofar não está disposto a ser ridicularizado por Jó; também não lhe agrada a idéia de ser comparado com um animal emudecido **(12.7)**. Tampouco gosta de ouvir que suas palavras são como o vento **(16.3)**. Portanto, ele confirma seu **entendimento (3)** acerca da vida. O versículo **3** tem sido interpretado da seguinte forma: “Tenho ouvido sua advertência presunçosa para não mais censurá-lo; mas um espírito me impele a inquiri-lo” (Berkeley). Depois de se defender dessa maneira, ele lança um ataque contra a posição defendida por Jó.

Zofar rapidamente passa para a sua interpretação dogmática da ordem moral do mundo. **Desde que o homem vive sobre a terra** (4) é de conhecimento comum que **o júbilo dos ímpios é breve** (5). Jó deveria saber disso e prestar atenção, porque esse é o fundamento do seu argumento. Jó havia afirmado que o sofrimento é resultado do pecado. Zofar reafirma essa verdade, explicando que não importa quão grande o perverso ache que é — mesmo que **a sua cabeça chegue até às nuvens** (6) — seu sucesso aparente não durará muito.

O fato é que quanto maior a realização, maior a queda do pecador. Embora a expressão seja indelicada, a figura de linguagem é expressiva. O homem arrogante perecerá **como o seu próprio esterco**, e o homem um dia olhará ao seu redor e perceberá que já não existe mais (7). Ele não terá mais substância e realidade do que um **sonho** mau (8). Sua riqueza será restaurada para os donos de direito, **os seus filhos** (10). Nada dos seus ganhos desonestos permanecerá, e, além disso, ele morrerá ainda novo, enquanto **os seus ossos estão cheios de vigor da sua juventude** (11).

Zofar acredita que o pecado traz o seu próprio castigo. Ele fala dele como uma comida que é **doce na sua boca** (12) para poder degustá-la por inteiro, contudo ela se torna veneno no seu estômago — **fel de áspides será interiormente** (14). Afigura se estende para incluir toda sorte de comida boa que é prazerosa para se comer, mas depois de engolida é vomitada. O pecado nunca pode ser como um suprimimento inesgotável de **mel e manteiga** (17).

O pecador pode trabalhar duro pelas suas posses, mas não será capaz de desfrutá-las como espera porque **oprimiu e desamparou os pobres e roubou a casa que não edificou** (19). Esse ganho se tornará azedo e será semelhante à comida que não será digerida no estômago. Quando um homem está cheio, ele ficará doente pelo veneno contido na comida. Esse é o **ardor da ira** de Deus **sobre ele** (23).

A figura de linguagem relacionada à destruição muda de comida envenenada para a espada. Aquele que comete iniquidade será forçado a fugir **das armas de ferro** (24), mas **o arco** (flecha) **de aço**

(mais propriamente, metal ou latão) **o atravessará**. Assim os **assombros** da morte virão sobre ele.

A idéia de terror é expandida para incluir a **escuridão** das calamidades que estão ocultas em **esconderijos** (26). **Um fogo não assoprado** é o que não foi aceso pelo homem. E o fogo de Deus que o consome. A destruição não é terror suficiente para a pessoa perversa. **Sua iniquidade** (27) será revelada a todos pelos resultados visíveis dos julgamentos levantados contra ele. Conseqüentemente, **a terra** (todos os seus co-irmãos humanos) **se levantará contra ele**. Tudo que ele ganhou será destruído **no dia da [...] ira** (28). Esse é o caminho de Deus, o qual é tão certo quanto uma **herança** dada a ele por Deus (29).

Da mesma forma que Bildade, Zofar usa Jó como modelo para descrever o destino do perverso. Ele não fundamenta sua argumentação em qualquer evidência. Ele simplesmente usa o peso do dogmatismo para defender o seu ponto de vista.

6. A Segunda Resposta de Jó a Zofar (21.1-34)

Após sua grande declaração de fé em 19.25-27, Jó consegue alcançar um grau marcante de serenidade. Mesmo depois das conclusões mordazes do discurso de Zofar, ele não reage com o mesmo tipo de tensão emocional que caracterizaram seus discursos anteriores. Neste capítulo ele começa a pensar mais claramente acerca das questões levantadas em vez de gastar suas energias em erupções emocionais que descrevem seu sofrimento e frustração.

No primeiro ciclo de discursos, a preocupação de Jó era com o fato de sentir que Deus havia se tornado seu inimigo. Em seguida, ele foi esmagado ao perceber que seus amigos o desertaram, a ponto de se colocarem contra ele. Mas agora o discurso de Zofar faz com que Jó assuma uma posição positiva em relação aos argumentos dos seus amigos. Ele contradiz esses argumentos com evidência prática. Ele constata que prosperidade e retidão não andam invariavelmente juntas. Também fica evidente pela observação da vida que a maldade nem sempre é castigada.

Antes de apresentar as questões principais do seu argumento, Jó faz algumas declarações introdutórias. A primeira delas é para chamar a atenção dos seus amigos: **Ouvi atentamente as minhas razões** (2). A expressão **e isto sirva de consolação** significa: “A atenção zelosa de vocês me trará consolação” (Berkeley). Depois de ele ter falado, os amigos poderão zombar (3), se desejarem. Entrementes, eles devem ouvir com cuidado aquilo que Jó tem a dizer, porque a sua queixa não é contra **homem** algum (4), mas sim contra Deus! Seus amigos podem estar pasmos (5), e Jó sobressaltado **de horror** (6) quando pensa nisso. Mas, o que ele tem para dizer é verdade apesar da reação dos seus amigos.

A verdade é bastante diferente da figura que os amigos haviam traçado. Elifaz (15.17ss.), Bildade (18.5ss.) e Zofar (20.4ss.) descreveram o destino do homem mau, ou seja, o de ser castigado por Deus. Jó agora ressalta que isso nem sempre ocorre. Ele pergunta: **Por que vivem os ímpios, [...] e ainda se esforçam em poder?** (7). Em vez de o castigo de Deus, em forma de julgamento, ser evidente em suas vidas, a **sua semente** (filhos) **se estabelece [...]** **perante a sua face** (8), as **suas casas têm paz, sem temor** (9), seu gado se multiplica (10) e existe alegria em seus lares (11). Eles passam seu tempo alegremente **ao som do tamboril e da harpa e ao som das flautas**

(12). Quando chega a sua hora de morrer, **num momento descem à sepultura** (13). Não é de admirar, portanto, que eles não sintam a necessidade de Deus, nem qualquer desejo de **ter conhecimento dos seus caminhos** (14). Eles se dão muito bem sem Ele. Não existe necessidade para que façam **orações** (15)!

A pergunta que a resposta de Jó levanta é pertinente para qualquer idade. Por que os homens oram? E para proveito próprio? A perspectiva cristã vai ditar uma resposta bastante diferente, embora muitas das orações atuais contenham o conhecido pedido: “Dá-me”. A história de Jesus acerca do filho pródigo apresenta este aspecto. O jovem era pródigo quando disse ao seu pai: “Dá-me”. Quando este filho voltou arrependido, seu pedido foi: “Faze-me” (Lc 15.12,19).

No versículo 16, Jó ressalta o grande problema que os ímpios prósperos apresentam. A prosperidade deles não é resultado do seu esforço — **o seu bem não está na mão deles**. A conclusão é que Deus faz prosperar tanto os maus como os retos, e Jó continua perguntando por quê. O significado dos versículos 17-18 fica claro se pontos de interrogação substituírem os pontos de exclamação na KJV (cf. Moffatt, Smith-Goodspeed). Jó pergunta: **Quantas vezes** vemos os julgamentos de Deus vir sobre o ímpio —julgamentos como uma vida mais breve, calamidade, destruição, pesar e dor, ou recursos sendo dissipados como **palha** ou como a **pragana**? A conclusão é que raramente vemos isso acontecer.

Jó espera objeções por parte dos seus amigos com base no fato de que Deus irá infligir seu castigo sobre os **filhos** (19-20) dos ímpios (cf. Êx 20.5; Jr 31.29-30). Ele insiste em que isso não é castigo para os ímpios. Para que o castigo seja real e eficaz, o malfeitor deve ele próprio beber **do furor do Todo-poderoso** (20). Um ímpio pouco se incomoda acerca do sofrimento **na sua casa depois de si** (21).

O versículo 22 apresenta uma tradução que não é inteiramente clara. Acaso são os amigos de Jó que estão procurando ensinar a **Deus** como a sua providência deverá se estabelecer em relação aos homens? Se esse é o caso, então Jó só pode menosprezá-los, porque Deus está exaltado acima de toda a terra. Prova disso é que Ele **julga os excelsos**. Ou será que Jó está refletindo consigo mesmo acerca do seu próprio esforço em determinar o significado da vida e a operação de Deus no universo moral? Se esse é o caso, então Jó está sendo apologético em seu esforço de avaliar a motivação de Deus. Nenhum mero mortal é capaz de fazer isso.

Em todos os acontecimentos Jó continua tirando conclusões a partir de detalhes observáveis na vida do homem para aprender acerca dos caminhos de Deus. A morte é especialmente instrutiva. A medida que Jó observa em que circunstâncias os homens morrem, ele não consegue discernir nenhum padrão significativo entre o reto e o mau. **Um morre na força da sua plenitude** (23), em que tudo parece estar indo bem. A frase **Os seus baldes estão cheios de leite** (24) se refere à riqueza e abundância que o homem recebe dos seus rebanhos.

Os seus ossos estão regados de tutano significa: “Sua saúde está ótima” (Moffatt). Essa pessoa morre enquanto é saudável, na abundância e em paz (23-24). No entanto, outro morre **na amargura do seu coração** (25), sem ter a oportunidade de experimentar os prazeres da vida. Quando a morte vem, esses dois indivíduos têm o mesmo destino. **Juntamente jazem no pó (26)** e são consumidos pelos vermes. Assim, duas vidas muito diferentes sofrem o mesmo destino e são tratadas de maneira idêntica. Se Deus é responsável pela morte de ambos, como Jó e os amigos concordam que Ele é, então Jó acredita que Deus é injusto no tratamento que dispensa aos homens.

Jó sabe o que seus amigos estão pensando: **Eis que conheço bem os vossos pensamentos** (27). Eles expuseram suas idéias de forma transparente. Os amigos haviam dito que os ímpios desaparecem da terra sem deixar nenhum vestígio: **Onde está a casa do príncipe e onde a tenda em que morava o ímpio?** (28; cf. 18.14-18; 20.26-28). Mas eles não consideraram a evidência que qualquer viajante pelo mundo lhes daria.

Bem, falem com os viajantes;

aprendam o que eles têm para dizer: de como o mau é poupado da calamidade, como ele sai ileso da ira de Deus.

(29-30, Moffatt)

Jó continua: “Quem repreende um homem [ímpio], lançando em rosto a sua conduta ou quem lhe retribui pelo seu comportamento? Quando o levam à sepultura, vigiam o seu túmulo. Suavemente as nuvens do vale o cobrem” (31-33, Berkeley).

Como, pois, me consolais em vão? (34), Jó pergunta. Ele sente que refutou integralmente os argumentos dos seus amigos. Jó demonstrou que nas **respostas** deles **só há falsidade**. Aquilo que eles falaram não pode ser provado com fatos da vida real. Conseqüentemente, o testemunho deles não é verdadeiro.

C. O Terceiro Ciclo de Discursos, 22.1—31.40

O terceiro ciclo de discursos deve ser entendido como mais um estágio no argumento do livro de Jó. Isso é verdade, mesmo que, às vezes, os personagens pareçam estar apenas se repetindo.

No primeiro ciclo o debate estava centrado basicamente no significado do sofrimento e em como ele se relaciona com a natureza de Deus. No segundo ciclo os “debatedores” estavam preocupados com a operação da providência divina no mundo conforme evidenciada especialmente no caso do destino dos homens maus. Visto que Jó negou de maneira muito contundente que o destino dos maus ilustrava qualquer princípio providencial operante na história, a única coisa que sobrou aos amigos foi especificar as acusações que eles fizeram a Jó. Nesse ciclo eles se empenham em especificar claramente os pecados dos quais eles o consideram culpado. ¹

Em resposta às exortações de Jó de que não existe ordem moral no mundo, Elifaz pergunta: **Porventura, o homem será de algum proveito a Deus?** (2). Ele declara que Deus é insensível em relação à conduta do homem, quer seja boa ou má. Nem mesmo a menor justiça da parte de Jó lhe dará vantagem alguma diante de Deus. A vantagem é apenas para o próprio homem (2-4). Ele não **te repreende pelo temor que tem de ti** (4) é melhor traduzido como: “por causa do teu temor por Ele” — sua religião. Visto que Deus não tira nenhuma vantagem ou desvantagem da atitude do homem, segue-se que seu julgamento é para o bem do indivíduo. Isso traz Elifaz de volta à sua argumentação inicial. Jó sofre grandemente; portanto, **não é grande a tua malícia; e sem termo, as tuas iniquidades?** (5).

Elifaz ainda precisa mostrar a Jó precisamente onde se encontra o seu pecado. Ele acusa a Jó de que enquanto estava vivendo uma vida abundante ele negou ajuda aos **nus** (6) e **ao faminto** (7). Ele se uniu aos poderosos (8) para oprimir o pobre, como as **viúvas** e os **órfãos**. A expressão **Os braços dos órfãos** (9) expressa o direito que o órfão tem de esperar ajuda daqueles que são ricos. Esse direito Jó quebrou ao deixar de cumpri-lo. Por esse motivo, existem **laços** (10) para os

pés de Jó, o **pavor** toma conta dele e ele está rodeado de **trevas** (11). Elifaz acredita que Jó não entende o significado das calamidades — **a abundância de águas** — que o cobrem.

Embora Elifaz procure ser claro em suas acusações contra Jó, ele cita pecados que poderiam ser colocados diante de qualquer homem rico — as iniquidades que existem em qualquer sociedade. Aqueles que têm condições de ajudar os pobres e se recusam a fazê-lo não deveriam ser eximidos da sua obrigação. Mas por que Jó deveria ser castigado com mais vigor do que os outros que estão em circunstâncias semelhantes?

Em seguida, Elifaz descreve o sentimento que ele imagina que Jó deve ter tido em relação a Deus ao cometer esses pecados. Os dois homens concordam quanto à transcendência de Deus; Ele **está na altura dos céus** (12), e isso é muito alto. Então (parecendo citar outra fonte) ele diz que Jó havia afirmado que Deus estava tão distante que Ele não podia ver ou se importar com o que o homem estava fazendo. **Ele passeia pelo circuito dos céus** (14; o arco dos céus que rodeia a terra) e, portanto, não pode estar muito preocupado com as minúcias da terra. Essa não é a posição de Jó no capítulo 21. Ele não afirmou que Deus desconhecia as condições da terra, mas que os maus prosperam da mesma forma ou, ainda mais, do que os justos. Isso significa que, embora Deus saiba, Ele não diferencia entre o bom e o mau ao conceder-lhes as bênçãos da vida.

Elifaz usa sua referência distorcida em relação ao argumento de Jó para continuar seu raciocínio acerca do velho caminho (15; história). Ele se refere aos pecadores que foram destruídos pelo **dilúvio** (16) — provavelmente no tempo de Noé — para provar que Deus, de fato, julga o ímpio. Aquelas pessoas tinham se negado a reconhecer a Deus apesar do fato de ele encher **de bens as suas casas** (18). Os ímpios eram ingratos quanto às bênçãos que Deus tinha lhes dado. Foi por esse motivo que eles foram destruídos. Os versículos 19-20 refletem a satisfação que os homens bons do Antigo Testamento encontravam na vindicação do mundo moral de Deus. Quando **os justos** viram a destruição do ímpio, eles **se alegraram**.

Alexander Maclaren aplica o versículo 21 da seguinte forma: “Conhecimento e Paz”. 1) O que é conhecer pessoalmente a Deus? 2) A paz que resulta do conhecimento pessoal de Deus; 3) O verdadeiro **bem** (prosperidade) que é consequência de se conhecer pessoalmente a Deus.

Em seu discurso final a Jó, Elifaz não termina com uma nota de condenação. Mais uma vez ele, gentil e insistentemente, convida Jó a se arrepender — a converter-se **ao Todo-poderoso** (23). De forma bela descreve a bênção que segue à restauração do favor de Deus que o arrependimento produz (21-30).

Maclaren²⁷ constata nos versículos 23-29 o seguinte: “Como a vida pode se tornar”. 1) A vida pode se tornar repleta de prazer e confiança em Deus, 26; 2) A vida pode se tornar abençoada com a comunhão plena com Ele, 27; 3) Essa vida não conhecerá nem fracasso nem escuridão, 28; 4) Essa vida sempre será esperançosa e, finalmente, coroada com libertação, 29.

2. A Terceira Resposta de Jó a Elifaz (23.1—24.25)

Ao responder a seus amigos, Jó não responde imediatamente às acusações diretas que Elifaz fez em relação à sua conduta. Em vez disso, ele continua refletindo acerca de sua miséria e das tentativas de encontrar algum significado para o que está acontecendo com ele. Esses dois capítulos são mais um monólogo do que um diálogo, visto que Jó não se dirige diretamente aos seus amigos. O capítulo 23 mostra que Jó ainda está bastante confuso em relação ao tratamento que Deus dispensa a ele. No capítulo 24, ele questiona o tratamento de Deus com relação à humanidade em geral.

Alguns têm entendido que as palavras **Ainda hoje (2)** indicam que o debate se estendeu por um período de muitos dias. Talvez, originariamente, a divisão do livro tenha sido feita de acordo com os dias, em que cada resposta foi dada em um dia.²⁸ No texto hebraico não faz sentido uma tradução literal do versículo **2**. Nele lemos o seguinte: “Mesmo hoje minha queixa está em rebelião; minha mão é pesada sobre o meu gemido”. Uma pequena emenda é suficiente para

que a primeira parte possa ser lida da seguinte maneira: “Hoje novamente minha queixa se torna rebelde” (Berkeley). A segunda parte é mudada para que o texto faça sentido: “Sua mão é pesada apesar do meu gemido” (RSV).

Os amigos insistiram em que Jó voltasse para Deus. Ele retruca, dizendo que deseja poder ver onde Ele pode ser encontrado. Se isso fosse possível, ele certamente viria **ao seu tribunal** (3) e colocaria seu caso diante dele, apresentando seus **argumentos** (4). Debaixo dessas circunstâncias, Jó se alegraria, pois **saberia as palavras com que Deus lhe responderia** (5). Se Jó pudesse apresentar sua causa diretamente, de que forma Deus o trataria? Porventura, Deus o esmagaria **segundo a grandeza de seu poder?** (6). Não. “Antes, me atenderia” (6, ARA). Certamente o reto — e Jó se considera um deles — encontraria justiça nesse tribunal.

Os versículos 8 e 9 constituem um texto de grande compaixão. Jó gostaria de encontrar a Deus, mas ele não consegue. A face de Deus está escondida de Jó em qualquer direção que ele vá. Deus se esquiva dele, não importa qual caminho ele utilize na sua procura por Ele.

Mais uma vez, no entanto, o ponto baixo que Jó alcança desperta uma esperança nele. Ele está confiante em que, mesmo que não possa encontrá-lo, Deus sabe onde Jó está — **Ele sabe o meu caminho** (10). Além do mais, ele agora está convencido de que quando (em vez de “se”) ele o pusesse à prova, sairia **como o ouro** (refinado). O motivo dessa confiança está claro. E porque Jó tem caminhado prudentemente em **seu caminho** (11) e tem guardado o seu **preceito** [“mandamento”, ARA] (12).

Infelizmente, Jó sente que Deus tem desconsiderado sua inocência embora a conheça. Deus parece estar resoluto (13), isto é, Ele somente faz o que lhe apraz. Deus **cumprirá o que está ordenado a meu respeito** (14; a morte de Jó). Parece que é isso que Deus deseja. Isso perturba a Jó (15) porque Deus não tem motivo para tratá-lo dessa maneira. Ele usa seu poder arbitrariamente. E Jó conclui: **Deus macerou o meu coração** (fez desmaiar ou ficar com medo), e essa é a verdadeira causa da **escuridão** (17) em sua vida. A causa não é o

juízo de Deus contra o pecado na sua vida, como Elifaz insistia (22.10-11). Moffatt traduz o versículo 17 da seguinte maneira:

Estou assustado com seu mistério sombrio, e sua sombra negra tem me desorientado.

O capítulo 24 continua o argumento acerca da maneira de Deus se envolver na vida do homem. Os amigos de Jó afirmavam que o sofrimento era uma ação punitiva de Deus contra o pecado. Jó insiste em que isso não pode ser verdade. Nesse capítulo ele apresenta mais provas que apoiam a sua posição.²⁹

O primeiro versículo parece uma declaração da queixa principal de Jó. O versículo deveria ser lido da seguinte forma:

Por que existem tempos que não são marcados pelo Todo-Poderoso?

E por que os que o conhecem não vêem os seus dias?

Deus, o Juiz do mundo, deveria — na opinião de Jó — marcar datas regulares para julgamentos. Mas mesmo aqueles que o conhecem, aqueles que são retos, são incapazes de ver **seus dias. Tempos e dias** para Jó são dias de tribunal “para sentar num julgamento e julgar de maneira justa entre os homens”.³⁰

Nos versículos 2-12 Jó descreve situações que podem ser encontradas em toda parte entre os homens, em que os julgamentos benéficos de Deus não podem ser discernidos. A *Versão Berkeley* oferece uma descrição clara e vivida: “Há homens maus que mudam os marcos das divisas, roubam rebanhos e os apascentam. Levam o jumento que pertence ao órfão e tomam a vaca da viúva como penhor. Eles forçam os necessitados a sair da estrada e os pobres da terra a se esconder. Como jumentos selvagens no deserto, os pobres saem para trabalhar, procurando uma presa que a terra deserta possa oferecer como comida para seus filhos. Juntam forragem nos campos e respigam nas vinhas dos ímpios. Eles passam a noite nus pela falta de roupas, não tendo com que se cobrir no frio; encharcados pelas chuvas das montanhas, por falta de abrigo, eles se abraçam às rochas salientes. Alguns

arrancam a criança órfã do seio de sua mãe, que é tomada como penhor para dívidas não pagas. Por falta de roupas, andam nus; e passando fome, são forçados a carregar feixes. Entre as fileiras de oliveiras dos maus, eles espremem o azeite e são compelidos a pisar as suas uvas para fazer vinho, enquanto morrem de sede” (2-11).

Nessas circunstâncias, Jó reclama que Deus não presta atenção ao que está acontecendo. **Deus lho não imputa como loucura** (12), isto é, Ele não considera isso sério o suficiente para julgá-los pelos seus crimes.

Jó ressalta no restante desse capítulo que o mal triunfa por toda a terra: Moffatt traduz o versículo 13 da seguinte maneira:

Outros fogem da luz do dia,

Não se importando com os caminhos de Deus,

Recusando-se a seguir seus caminhos.

O homicida (14), o adúltero (15) e o ladrão (16) percorrem a terra debaixo da cobertura da escuridão.

Os amigos de Jó dizem (a AEA introduz o versículo 18 com “Vós dizeis”) que um homem semelhante a esse é castigado. Ele é amaldiçoado em seus esforços para sobreviver (18), e a **sepultura** (19) consome aqueles **que pecaram**. Os ímpios morrerão ainda jovens, esquecidos até pela própria mãe (20). Assim, **a iniquidade se quebrará como a árvore** e será destruída. Mas Jó novamente nega que esse é sempre o caso, observando que “Deus por sua força prolonga os dias dos valentes” (22, ARA). Alguns parecem viver em segurança (23) e felicidade, embora os **olhos** de Deus estejam **nos caminhos deles**. Eles prosperam por um tempo, mesmo se no fim **são abatidos e cortados como as pontas das espigas** (24).³¹

Jó tem refutado os argumentos dos seus amigos e tem considerado alguns dos casos excepcionais. Ele está certo da sua posição e desafia seus amigos a provar em que as **razões** dele (25) são insatisfatórias.

3. *O Terceiro Discurso de Bildade (25.1-6)*

O terceiro discurso de Bildade, como aparece no texto massorético (o texto hebraico padrão), é um esforço concentrado para exaltar a Deus. Não se propõe nenhum pensamento novo, e a alegação mais recente de Jó (caps. 23—24) referente ao governo de Deus sobre o mundo é ignorada.

A brevidade da última fala de Bildade faz com que muitos pensem que ele considera o argumento esgotado — que ele realmente não tem mais nada a dizer. Tudo que ele deseja é fazer um protesto final contra a atitude ímpia de Jó. Ele procura alcançar esse objetivo, reafirmando a majestade de Deus em um esforço para mostrar quão pequeno e impuro é o homem. Alguns acreditam que a brevidade dessa passagem se deve a uma mutilação desse texto. Com frequência 26.5-14 é creditado a Bildade.

O discurso abre abruptamente com um louvor da onipotência divina — **Com ele estão domínio e temor** (2). Ninguém mais reina além de Deus, e sua majestade inspira temor. **Ele faz paz** (impõe sua vontade) **nas suas alturas**, isto é, os céus onde Ele habita. Isso pode referir-se ao seu controle sobre fenômenos naturais como tempestades ou os seres celestiais que o rodeiam.

Ele é capaz de convocar inúmeros **exércitos** (3). Estes podem ser as “hostes dos céus” que lutam em favor de Deus (1 Sm 17.45; 1 Rs 22.19). No entanto, o fato de o termo **exércitos** (ou hostes) ser paralelo ao termo **luz** sugere que isso se refira às estrelas, que eram frequentemente vistas como detentoras de vida e eram, às vezes, identificadas como anjos (Dt 4.19; 17.3).

Bildade reitera um princípio básico defendido pelos seus amigos: o homem não é **puro** (4; impuro, pecaminoso). Não podia ser diferente quando mesmo **a lua [...] e as estrelas não são puras aos seus olhos** (5), isto é, em comparação com a majestade e a pureza de Deus. O homem finito não passa de um **verme** (6) quando comparado com corpos celestiais. Duas palavras diferentes são usadas para **verme**. A primeira delas é o verme de corrupção e decomposição (7.5;

17.14; 21.26; 24.20). A segunda é uma palavra que descreve uma degradação extrema (veja SI 22.6). A distinção entre essas palavras é conservada na NVI: “Muito menos o será o homem, que não passa de uma larva, o filho do homem, que não passa de um verme!”

4. A Terceira Resposta de Jó a Bildade (26.1—27.6)

Jó tinha ouvido antes tudo o que Bildade dissera em seu breve discurso de exaltação a Deus. Conseqüentemente, ele inicia sua resposta com um sarcasmo mordaz contra as declarações irrelevantes feitas por Bildade.

Jó pergunta: **Como ajudaste?** (2). Os argumentos não obtêm êxito pela lógica ou ajuda em relação àquele que está em necessidade. Jó precisa de **força [...] vigor [...] sabedoria** (2-3) e verdade. O discurso de Bildade não supre isso. **Para quem proferiste palavras?** (4). Será que Bildade achava seriamente que estava falando à situação de Jó? Este já sabia o que Bildade havia afirmado e não concordava com ele. O debate não é acerca do poder e majestade de Deus, mas de como Ele faz uso deles. Deus tem usado seu poder para maltratar Jó. **De quem é o espírito que saiu de ti?** significa: “Quem foi que te inspirou?” (Moffatt).

Para demonstrar que ele não necessita da admoestação de Bildade, Jó prefere enaltecer a grandeza de Deus, que é muito superior àquela que vem do seu amigo.³²

Os mortos (5) são literalmente “sombras” ou pessoas que partiram e residem no *Sheol*. O significado talvez seja: “As sombras debaixo do tremor, as águas e seus moradores” (5, Berkeley). **Debaixo das águas** indica que se acreditava que o *Sheol* ficava debaixo das águas do mar ou debaixo (na base) da terra (Is 14.9; cf. Êx 20.4; Dt 4.18; 5.8). O **inferno** (6) é literalmente o *Sheol*. A idéia do inferno como um lugar de castigo como é encontrado no Novo Testamento não aparece aqui. *Sheol* é o reino dos mortos. **Perdição** (destruição), literalmente *Abaddon*, é um sinônimo de *Sheol*, um lugar onde os mortos estão reunidos. Mesmo esse lugar debaixo da terra, onde **não há cobertura** — não está fora do alcance da visão e poder de Deus.

O poder criativo de Deus é enaltecido em uma linguagem que revela algo da cosmologia daquela época. **O norte estende (7)** significa que tão longe quanto o olho pode ver no horizonte do norte existe **o vazio**. Aparte plana da **terra** Ele suspendeu **sobre o nada**. É impossível determinar a amplitude do conhecimento dos antigos acerca do espaço ilimitado que circunda a terra. O poder do Todo-Poderoso é então ilustrado pelo seu controle sobre a natureza. As nuvens parecem envolver um enorme montante de **águas (8)**, no entanto, elas não se rompem com o peso delas. Para aqueles que não conheciam nada acerca de evaporação e outras causas da queda da chuva, as torrentes de chuva que caem das nuvens deveriam, realmente, parecer algo maravilhoso.

A presença divina é invisível para os homens porque Deus tem encoberto **a face do seu trono e sobre ela estende a sua nuvem (9)**. Em seu poder criativo, Ele **marcou um limite à superfície das águas em redor (10)**. Os antigos consideravam a terra um disco plano rodeado por água. As fronteiras (ou horizontes) eram os limites da **luz e das trevas** (dia e noite). **As colunas do céu (11)** eram as montanhas no horizonte que seguravam o firmamento do céu. O trovão, a voz da repreensão (**ameaça**) de Deus, fazia essas colunas tremerem.

Os versículos 12 e 13 podem ter como pano de fundo o mito babilônico da criação em que Tiamat, representando o caos primitivo, foi subjugada. **Asoberba (12)**, literalmente Raabe, é o primitivo Monstro dos Mares. A *Versão Berkeley* traduz o versículo 12 da seguinte forma: “Com o seu poder o mar é silenciado e com seu entendimento Ele abate a orgulhosa Raabe”. Deus, por meio do seu grande poder, é capaz de dominar o mar, como um monstro, em sua fúria selvagem. **Ornou os céus (13)** é uma descrição do **espírito** (fôlego) de Deus afastando a escuridão e nuvens tempestuosas amedrontadoras. A referência à **serpente enroscadiça** é provavelmente uma alusão à noção popular de que um grande dragão causou a escuridão produzida pelas tempestades ou um eclipse. Jó diz que é Deus que controla todas essas forças da natureza.

Tendo descrito somente **as orlas (parte) dos seus caminhos (14)**, Jó

diz que na realidade o homem conhece apenas um **pouco** de Deus. **O** homem não pode entender a extensão completa do seu poder. De acordo com a NVI, o contraste é entre um “sussurro suave” que o homem compreende e o trovão que ele não compreende.

Um pequeno sussurro temos ouvido dele!

Mas quem pode compreender o trovão do seu poder?

A expressão **E prosseguindo Jó (27.1)** é incomum. Se o padrão estabelecido nas partes anteriores do livro fosse seguido, isso seria supérfluo, visto que **26.1** identifica Jó como aquele que fala e nenhuma interrupção é percebida. É bem claro que o texto foi “desordenado”. No entanto, nós vamos considerar os versículos **1-6** como uma continuação da resposta de Jó a Bildade. Nessa passagem, ele simples mas firmemente reafirma sua inocência. **Parábola (1)** deveria ser entendido como “discurso” (ARA).

Vive Deus (2) é a forma de um juramento solene. É a primeira vez que Jó o emprega ao afirmar a sua integridade. Deus **desviou** de Jó a sua **causa** (justiça ou direitos) e **amargurou** a sua **alma**. Apesar disso, enquanto Jó permanecer vivo (3), ele continuará mantendo sua autenticidade com seus amigos (4). Ele não negará a sua **sinceridade** (5, integridade) para concordar com seus amigos em relação à causa do seu sofrimento. Em vez disso, ele se apegará (6) à sua posição porque ela está certa. Ao fazê-lo, ele manterá a boa consciência — **não me remorderá o meu coração em toda a minha vida**.

5. O Terceiro Discurso de Zofar (27.7-23)

O texto massorético (cf. comentário em 25.1-6) não identifica um terceiro discurso de Zofar. Isso pode indicar que o autor considera que Jó venceu a argumentação e usa esse método para mostrar que os amigos desistiram do seu esforço em convencê-lo de pecado. No entanto, o texto parece ter sido modificado. Além disso, esses versículos são estranhos se vêm de Jó. Eles se encaixam mais adequadamente na linha de pensamento seguida pelos amigos. Por esses motivos, temos escolhido tratar essa passagem como

se constituísse pelo menos uma terça parte do discurso de Zofar.

Se essas são, na verdade, palavras de Zofar, ele procura reafirmar dogmaticamente sua posição anterior, apesar da refutação de Jô.

Seja como o ímpio o meu inimigo (7) é um tipo de maldição desejada para aqueles que se opõem àquele que fala. Ele então argumenta contra a afirmação de Jó de que o **hipócrita** (o ímpio) se dá tão bem na vida como os outros. Ele pergunta: Para que serve

[1](#)

O Terceiro Discurso de Elifaz (22.1-30)

O místico gentil do primeiro ciclo (cf. comentários acerca de 4.1-6) agora apresenta suas acusações contra Jó. Em seu segundo discurso, Elifaz havia acusado Jó de atitudes ímpias contra Deus. Agora, além de criticar algumas das afirmações de Jó, ele o acusa de pecados específicos contra seus semelhantes.

**essa prosperidade se Deus lhe arrancar a sua alma? (8).
Porventura, Deus ouvirá**

o seu clamor (9) numa situação como esta? Na verdade, será que ele **invocará a Deus? (10)**. A resposta esperada é: não. Essas verdades parecem para Zofar tão auto-evidentes como aquelas que Jó tem defendido. Se Jó pode apoiar seu argumento na vida real, o mesmo ocorre com Zofar — “O programa do Todo-Poderoso não esconderei” (11, Berkeley).

Os versículos 13-23 são o tipo de descrição do destino dos ímpios que nós já lemos anteriormente. Todas as calamidades descritas são o julgamento de Deus sobre o **homem ímpio (13)**. Ele criará **filhos (14)**, para então vê-los morrer pela espada ou pela fome. **Morte** sem luto (15) será o destino daqueles que se unem a ele. Qualquer **prata** ou **vestes (16)** que ele possa ter acumulado não lhe farão bem algum, por que a riqueza será usada por outro. A **casa (18)** que ele constrói é tão temporária quanto “a teia da aranha” (RSV).

Rico ele se deita — mas será o fim!

Ele abre seus olhos, para descobrir que tudo se foi! (19, Moffatt).

Os **pavores (20)** da morte se apoderarão dele e o arrebatarão como uma forte **tempestade (21)**, sem que haja alguém que o liberte do seu poder.

Deus o atira sem piedade,

enquanto ele foge às pressas do seu poder! (22, Moffatt).

Quando ele se for, **cada um baterá contra ele as palmas** para expressar completo desprezo por ele e alegria com o seu fim (23).

6. *A Terceira Resposta de Jó a Zofar (?) (28.1—31.40)*

O último discurso de Jó é um resumo dos fatos da sua **posição** básica

em vez de um novo argumento contra seus três amigos. É difícil avaliar a posição legítima do capítulo 28, mas aqui podemos ver esse discurso como uma resposta às afirmações dos amigos de que a sabedoria foi conferida a eles para reconhecerem a causa do sofrimento de Jó.

Os capítulos 29—30 são em sua natureza um monólogo, visto que Jó não dirige nenhuma palavra aos seus “confortadores”. Ele está preocupado consigo mesmo e com o tratamento que Deus dispensa a ele. Esses capítulos apresentam três assuntos que Jó discute. O capítulo 29 compõe um quadro triste da vida boa que Jó vivia antes das calamidades que o acometeram. Deus o abençoava e ele, por sua vez, era honrado pelos seus concidadãos, a quem ele tratava bondosamente. O capítulo 30 descreve a diferença trágica entre o passado e o presente. Deus é o Antagonista de Jó, os homens o desprezam e ele está completamente humilhado. O capítulo 31 é uma defesa detalhada da sua integridade, em que ele nega ser culpado dos pecados comumente observados nas vidas de outros homens. Por causa de sua inocência ele não consegue encontrar nenhuma causa para o tratamento que Deus dispensa a ele. Tendo construído sua defesa novamente até esse ponto, ele reafirma sua disposição e forte desejo de encontrar a Deus.

Estes capítulos apresentam uma introdução adequada para os capítulos em que Deus aparece e responde a Jó. No entanto, na organização presente do texto os discursos de Eliú (caps. 32-37) intrometem-se na seqüência lógica e, assim, deterioram a simetria e destreza do argumento.

a) A sabedoria está além do alcance do homem (28.1-28).

Geralmente se questiona se o capítulo 28 deveria ser considerado parte do poema original. Existe um questionamento ainda mais sério se este capítulo, na verdade, faz parte da resposta que Jó dá aos seus amigos. O problema é que esse poema acerca da sabedoria não se encaixa na seqüência lógica de idéias em relação ao diálogo. Também se destaca que grande parte do motivo da conversa de Deus com Jó é eliminada se esse capítulo for considerado autêntico.

Por outro lado, existe uma concordância ampla em que o estilo e a qualidade desse poema combinam com o restante do livro. Também se deve observar que existe um pensamento primordial nesse capítulo que se encaixa com o tema geral da argumentação de Jó: A sabedoria não pode ser alcançada pelo homem. Buscam-se diversas maneiras diferentes de ilustrar esse fato. Apesar das dificuldades, aceita-se aqui que esse poema possui algumas conexões diretas com o debate. Jó nunca se sentiu obrigado a comentar direta e imediatamente os argumentos dos outros. Nesse caso, talvez estejam faltando algumas passagens de transição, que tornariam a conexão mais clara.

Nos versículos 1-14 o autor explora a atividade de mineração do homem. O ouro era refinado. O homem vai até o fundo da **terra** (2) para descobrir metais e pedras preciosas. O processo de mineração é descrito em pormenores nos versículos 3-11. Os tradutores modernos deixam isso mais claro do que as versões mais antigas. Para colocar um **fim às trevas** (3), os homens vão até as profundezas da terra como se fossem luz. Por meio da sua diligência e invenção o homem pode descobrir o tesouro escondido — **as pedras na escuridão**. O significado dos versículos 3-5 é, portanto, esclarecido: “Os homens procuram os limites dos lugares escuros, aventurando-se nos recônditos mais remotos para obter minério. Eles cavam poços profundos nos vales, em lugares remotos, raramente visitados por alguém e descem neles, pendurados em cordas que oscilam para frente e para trás. Da terra o homem obtém o pão de cada dia; mas debaixo da superfície a terra é revolvida como por fogo” (Berkeley). Essa atividade ocorre fora da visão das aves com olhares afiados (7) e fora dos caminhos de animais selvagens (8). O homem é capaz de vencer as **montanhas** (9) e **dos rochedos faz sair rios** (10), isto é, faz canais e constrói represas ou, talvez, tapa os veios de água com visgo para impedi-los de vazar para a mina (11).

A atividade e a engenhosidade do homem são maravilhosas, mas em todo esse empreendimento a **sabedoria** (12) não é descoberta. Ela **não se acha na terra dos vi-ventes** (13). Ela não se encontra no **abismo** nem no **mar** (14).

O autor e poeta, em seguida, avalia o preço da sabedoria. Quanto

custaria comprá-la? Nenhum preço pode ser estabelecido. Ela não pode ser pesada (15) ou comprada **por ouro fino de Ofir** (16). Nenhum montante de pedras preciosas pode se igualar a ela (17-19). A sabedoria e o entendimento estão além do alcance de **todo vivente** (21). Mesmo a **perdição e a morte** (22) ouviram falar da sabedoria, mas não sabem onde encontrá-la.

Somente **Deus** (23) **entende o caminho** da sabedoria, porque Ele **vê tudo o que há debaixo dos céus** (24). Ele controla as forças da natureza (25-26). Deus sabe onde encontrar a sabedoria porque Ele é o Autor dela; Ele **estabeleceu-a** (27). Ele instruiu o homem no seu caminho: **Eis que o temor do Senhor é a sabedoria** (28).

b) Jó reflete acerca da sua prosperidade passada (29.1-25). Jó abre a visão de felicidade do seu passado ao desejar que pudesse voltar a ser como era naqueles dias. Por **parábola** (1) entenda-se “discurso” (ARA). Suas palavras **nos dias em que Deus me guardava** (2) são ainda mais doloridas quando lembramos que Jó acreditava que seu sofrimento era consequência da inimizade de Deus. Naqueles dias bons a presença de Deus era como uma **candeia** ou uma **luz** (3). Veja com que frequência o termo **trevas** tem sido usado por Jó e seus amigos como símbolo de frustração e julgamento. Também é verdade que a lâmpada ou luz de Deus é muitas vezes vista como um símbolo da presença benevolente de Deus.

Nos dias da minha mocidade (4) é literalmente “meus dias de outono” (RSV). Jó não está tão preocupado em descrever uma determinada idade como está em retratar um tempo de plenitude em sua vida. Este era um tempo de alegria e amizade íntima com o Criador — **o segredo de Deus estava sobre a minha tenda**.

Jó também reflete a respeito daqueles dias felizes quando seus **meninos** [“filhos”, ARA] estavam ao seu **redor** (5). Naquele tempo sua vida transbordava de bênçãos. Era como se ele tivesse lavado seus **passos com manteiga** (6) e como se mesmo as rochas se transformassem em uma fonte de **ribeiros de azeite**. A palavra traduzida por **manteiga** é entendida de várias maneiras pelos tradutores mais recentes. Ela pode significar “leite”, “nata” ou

“coalhada”. Gordura e óleo eram sinais de riqueza e luxo. A **rocha** da qual corria óleo pode ter sido constituída de “plataformas entre curvas de nível de rochas, formando pomares de oliveiras” (Berkeley, nota de rodapé).

O prazer que Jó sentia em relação ao respeito mostrado a ele pelos seus companheiros é descrito pela figura de anciãos sentados **na praça** (7). Este era provavelmente um lugar perto da **porta da cidade** onde havia intensa vida social e onde eram julgadas as causas civis. No caso de Jó, **moços [...] se escondiam** (8) e mesmo **idosos se levantavam** em sua presença. Tanto jovens como idosos lhe devotavam respeito. Mesmo **príncipes** (9) e **chefes** (10) esperavam para falar com ele antes de pronunciar uma opinião. Sua reputação estava difundida até bem longe e os que ouviam a seu respeito o honravam. As pessoas que observavam como ele vivia davam **testemunho** (11) da verdade que ele agora estava afirmando.

Jó havia conquistado respeito de maneira justa. Ele ajudava **o miserável** (12), o **órfão** e a **viúva** (13). A **justiça** o cobria (14) significa literalmente: “A justiça se vestia comigo”. Jó era a personificação humana de bondade e justiça. Ele auxiliava o **cego** e o **coxo** (15) e se opunha ao mal onde o encontrava (16-17). O versículo 17 tem sido traduzido da seguinte maneira: “Quebrava os dentes molares dos injustos e forçava-os a deixar cair a sua presa” (Berkeley).

Jó vivia em completa e feliz segurança. Ele ansiava pela continuação dessa bondade até que no tempo devido morresse em seu **ninho** (18). Seus **dias** se multiplicariam **como a areia**. Sua vida era como uma **raiz junto às águas** (19) e os **ramos** de uma árvore florescente com **o orvalho** mantendo-a viçosa e verde.

Minha honra (20) é uma expressão da reputação que Jó tinha. Essa glória **se renovava** e, por isso, não diminuía. Semelhantemente, “meu arco [era] forte como nunca em minha mão” (Berkeley).

Os versículos 21-25 seguem a mesma linha de pensamento dos versículos 7-11. Eles são uma reflexão daquilo que ele aparentemente mais estimava, a saber, seu lugar de honra entre seus companheiros.

Agora que isso havia cessado, ele se sentia grandemente empobrecido.

Acabava a minha palavra, não replicavam (22) provavelmente indica o respeito que tinham por esse grande homem e também pela sabedoria que saía da sua boca. Suas palavras caíam sobre eles, suavemente e com benevolência, como a **chuva** (23). Aqueles que ouviam, bebiam suas palavras como o solo ressecado absorve a **chuva tardia**, que caía em abril e maio e determinava a produtividade das colheitas.

Quando os homens precisavam de conselho Jó era capaz de dá-lo.

Quando eu sorria, encorajava-os, o meu rosto alegre animava o desesperado (24, Moffatt).

Nesse sentido, Jó era **chefe** (25) entre seus companheiros. Ele era como **um rei** ou comandante de **tropas**. Ao mesmo tempo ele era **aquele que consola os que pranteiam**. Jó era líder de homens e **escolhia o caminho** que eles deviam seguir.

Se esse capítulo é um exagero poético, a jactância de Jó precisa da caridade do leitor. Lembramos que ele era um sofredor contemplando de forma retrospectiva os pontos altos de onde havia caído e os pontos baixos em que havia se afundado. Se o capítulo não é um exagero, então, é claro, Jó não precisa se desculpar por registrar os fatos.

c) Jó contrasta seu presente com seu passado (30.1-31). Este capítulo contrasta com o capítulo 29. No lugar em que Jó desfrutava do respeito e honra dos anciãos da cidade e das pessoas importantes, ele agora é desprezado pelas pessoas mais vis da sociedade.

Mas agora (1) introduz a mudança de como era o passado para o que é no presente. O capítulo 29 terminou com Jó lembrando de como em épocas passadas ele era semelhante a um rei entre os homens. Agora, mesmo homens mais jovens, **cujos pais** Jó não consideraria aptos para serem **os cães** do seu rebanho, o menosprezam.

Essa classe de homens era tão miserável que eram virtuais párias da

sociedade de pessoas comuns. Eles não tinham **vigor** (2) porque eram magros devido à fome (3). O único alimento que eles podiam obter era a produção escassa das áreas desertas. Eles eram forçados a comer as folhas das **malvas** (4), um arbusto raquítico que cresce nos brejos salgados da Palestina, e **raízes de zimbros**, semelhantes a arbustos do deserto (giesta) em vez da árvore de zimbro.

Esses infelizes eram **expulsos** (5) da sociedade como se fossem ladrões e eram, portanto, forçados a viver **nas cavernas** e entre as **rochas** (6). **Bramavam entre os arbustos** (7), vivendo como o asno e comendo a comida de asnos silvestres. Assim, eles eram **filhos de doidos** (8), literalmente, “filhos de desprezíveis”. Como **filhos de gente sem nome**, eles eram **expulsos da terra** (“da terra são escorraçados”, ARA).

Mas agora (9) Jó é alvo do seu escárnio! Ele é como um **provérbio** para eles. A repugnância deles é tão grande que cospem no seu **rosto** (10). **Porque Deus oprimiu** (11) Jó, eles são incontidos em sua hostilidade contra ele. **Moços o empurram** (12) para o lado e obstruem o seu **caminho** (13) e, dessa forma, **promovem** a sua **miséria**. A ação desses párias não é acidental. Ela vem contra Jó como **por uma grande brecha** (14). Eles o apavoram com seus abusos persistentes até que sua **honra** (dignidade) evapora como uma **nuvem** (15).

Mais uma vez Jó volta-se para a descrição dos horrores da sua enfermidade. Seus **ossos** (17) doem e as dores corroem os seus tendões. Toda a sua aparência foi modificada pelo seu **mal** (18), como se a **gola** justa ao redor do seu pescoço o sufocasse.

No entanto, Jó está sempre consciente do fato de que Deus está por trás de tudo que está acontecendo com ele. Ele é Aquele que o atacou com tanta severidade. E como se Deus o tivesse lançado **na lama** (19). Deus não vai ouvi-lo quando ele estiver orando nem atentará para ele (20). Jó clama angustiado: **Tornaste-te cruel contra mim** (21). Deus fez com que ele fosse dissipado em toda a sua substância, como se estivesse sendo levantado pelo vento e assoprado para longe por um redemoinho (22). Como consequência, Jó pode antecipar

apenas a morte e a ida para o *Sheol*, a **casa do ajuntamento destinada a todos os viventes** (23).

No versículo 24, Jó retoma a idéia da injustiça no tratamento de Deus para com ele. Jó lembra a Deus que ele havia mostrado compaixão àquele que estava **aflito** (25) e **necessitado**. Mas essa ação da parte dele não serviu para nada. Ele aguardava **o bem** (26), **eis que veio o mal**. Ele está dilacerado emocionalmente — seu **íntimo ferve** (27) — e a **aflição** inesperada o surpreende.

O versículo 28 é difícil de interpretar. A RSV associa essa passagem aos resultados da enfermidade de Jó conforme descrita no versículo 29. Por isso, “saio escurecido, mas não do sol”, e clamo por ajuda, mas ninguém responde. Conseqüentemente, Jó se compara com **dragões** (provavelmente mais bem traduzido por “chacais”) e **avestruzes** (ou “corujas”, NVI; 29), cujas almas pesarosas durante a noite os tornam símbolos apropriados para sua melancolia. Com a **pele** (30) escurecida pela devastação da sua enfermidade e seus **ossos** queimando de dor, o conforto e a alegria de Jó são arrancados dele. Nada mais lhe resta senão a **lamentação** (31) e o choro.

d) Jó defende sua integridade (31.1-40). Jó revê várias categorias de pecado que poderiam ter sido a causa da sua desgraça e jura solenemente que ele é inocente de qualquer ação má. Ocasionalmente, junto com seu protesto de inocência, ele inclui uma declaração do porquê ele ter decidido ser virtuoso. Ele também inclui uma maldição sobre si mesmo, caso tenha deixado de falar a verdade.

Primeiro Jó nega que seja culpado de **pecados** sensuais que são tão comuns entre os homens. Ele fez um **concerto** (acordo) **com os seus olhos**, para que não desejasse **uma virgem** (uma moça, 1). Aqui Jó reconhece que a tentação vem por meio da observação daquilo que pode ser desejável. Ele tem um acordo com os seus olhos para que não o desviem. **Qual seria a parte** (2) que ele teria com Deus se ele fosse culpado desse tipo de crime? Certamente Deus castiga **o perverso** e aqueles que **praticam a iniquidade** (3). Não só isso, mas Jó pergunta: **Não vê ele?** (4). **Ele** é enfático, ressaltando a idéia de que Deus observa de perto o homem e castiga sua **vaidade** e **engano** (5).

Os versículos 6-8 são um juramento de inocência e uma maldição por qualquer falsidade que Jó possa ter falado nos versículos precedentes.

Jó também tem sido inocente de adultério (9-10). Nesse caso Jó deseja para ele retaliação, por meio da sua esposa, se ele é culpado de desejar a mulher do próximo (veja Dt 22.22; Jo 8.5). Em sua mente, o adultério é um **delito** abominável (11). É como um fogo **que consome até à perdição** (12). A palavra para **perdição** é *Abaddon*, um paralelo de *Sheol*. Afigura, então, é de um fogo tão violento que nos segue até o túmulo (veja Pv 6.24-35).

Jó nega, mais adiante, que ele tenha feito mau uso do seu poder ou posição para maltratar alguém. Seus **servo** e **serva** (13) têm recebido um tratamento justo da sua parte. A descrição de Jó do seu relacionamento com seus servos é uma das mais marcantes desse livro. Ele tem tratado seus servos como pessoas, defendendo a dignidade pessoal deles. A razão para esse tratamento é que Deus formou tanto a ele como ao servo (15). Portanto, existe um tipo de igualdade entre eles. Os infelizes também receberam ajuda de Jó. **Os pobres**, a **viúva** (16) e o **órfão** (17) são mencionados. O motivo da sua bondade é que Jó cresceu com meninos e meninas desse tipo (18). Afigura sugere que ele cresceu em uma família de influência que cuidava dos necessitados — talvez escravos — ao redor deles. Nessa conexão, Jó nega que tenha permitido conscientemente que qualquer pessoa andasse desamparada de **veste** adequada (19), ou que de alguma forma tenha privado o **necessitado** dos seus direitos (20-21). Novamente ele solicita que uma maldição caia sobre ele — **Caia do ombro a minha espádua, e quebre-se o meu braço desde o osso** (22) — caso tenha mentido acerca desse assunto. Isto está em contradição com a acusação de Elifaz a seu respeito no capítulo 22. No versículo 23, Jó observa: “A calamidade de Deus e o medo do seu julgamento sempre me refrearam” (Berkeley).

Jó nega que tenha sido idólatra. Ele não colocou a sua **esperança** no **ouro** (24) nem se alegrou da sua grande **fazenda** (25; “fortuna”, NVI). Ele não **beijou** sua **mão** (27), nem adorou **o sol** ou **a lua** (26; veja Jr 44.17-19; Ez 8.16), porque **isto seria delito pertencente ao juiz** (28). Ao fazê-lo, ele teria negado **a Deus, que está em cima**.

Jó também não é culpado de maltratar seus inimigos. Ele não se alegrou da **desgraça** (29) deles nem procurou colocar maldição sobre eles (30). Acreditava-se que a maldição tinha o poder de operar o mal (veja Nm 22.5-6). Essa preocupação com o bem-estar de um inimigo mostra o elevado nível moral que Israel alcançou em um período relativamente cedo. (Para informação adicional acerca desse tema veja Pv 24.17-18; 25.21-22).

O egoísmo nunca fez parte do caráter de Jó. Mesmo os servos, **gente da minha tenda** (31), testemunharam: “Nunca houve um homem que não supri generosamente com carne” (Berkeley). Jó escolhia pessoas com quem podia repartir sua mesa. Semelhantemente, o **estrangeiro não passava a noite na rua** (32). Ele era convidado para ficar na sua tenda.

Jó não era hipócrita. Ele não encobriu as suas **transgressões** perante os outros como fez **Adão** (33). Afigura, entretanto, não é exata. Talvez o significado geral de **Adão** (a saber, ser humano) deveria ser adotado nesse caso. Jó também não permitiu que a atitude e opinião de outras pessoas o detivessem de realizar sua tarefa ou o intimidassem a fazer algo que não era verdade (34).

Finalmente, Jó se volta mais uma vez para a urgência do clamor contínuo do seu coração durante todo o diálogo. **Ah! Quem me dera um que me ouvisse!** (35). Deus está quieto e distante. Jó precisa desesperadamente da oportunidade de defender sua causa. As acusações que Deus colocou contra ele devem ser escritas de forma clara para Jó ver e anotar (35-36). Então será possível responder e dizer a Deus como ele se comportou. Deus vai perceber que ele foi um **príncipe** em sua conduta (37).

Jó então pede para que a própria **terra** (38) seja sua testemunha. Ele tratou a terra, seus produtos e **seus donos** (39) de maneira justa. Caso não tenha feito isso, ele mais uma vez pede para que maldição venha sobre a sua terra por meio de **cardos** e **joio** (40).

Com esse protesto final de inocência, Jó conclui sua defesa —

Acabaram-se as palavras de Jó.

OS DISCURSOS DE ELIÚ

Jó 32.1—37.24

Os discursos de Eliú quebram o padrão do diálogo que caracteriza o livro até este ponto. Ele é introduzido ao leitor, e então quatro discursos são identificados pela fórmula: **Eliú [...] disse**. Nenhum desses discursos é respondido por Jó ou comentado pelos outros personagens do livro. Assim, os discursos formam uma unidade separada dentro do livro, sem antecedentes literários ou dedicatória final.

Esta parte do livro é considerada pela maioria dos estudiosos como obra de outro escritor, e não do autor e poeta do restante do livro. Entre os argumentos apresentados para apoiar esta opinião estão: a) a ausência de Eliú em qualquer outra parte do livro, b) a diferença no estilo poético e de linguagem e c) o fato de que em alguns lugares Eliú parece ter lido os argumentos dos amigos em vez de tê-los ouvido.¹

A. Eliú é Apresentado, 32.1-5

Como parte da introdução em prosa dos discursos de Eliú, lemos que os três amigos **cessaram de responder a Jó** (1). Pode ser facilmente subentendido que o silêncio deles foi causado pelo fato de eles terem sido vencidos no debate. O motivo proposto aqui para o silêncio deles sugere frustração pelo fato de Jó parecer que **era justo aos seus próprios olhos**.

A essa altura, um jovem, que tinha ficado em silêncio, é apresentado. E **Eliú** (Ele é meu Deus), **filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão** (2). Essa genealogia é mais completa do que de qualquer outro personagem do livro, e o identifica como alguém mais próximo de Jó do que os outros (cf. Gn 22.21 e Jó 1.1, em que o antepassado de Eliú, Buz, é mencionado como o irmão do progenitor de Jó, Huz ou Uz). **Baraquel** e **Rão** não são mencionados em outros textos das

Escrituras.

Eliú é um homem irado. Sua raiva é causada pela justiça própria de Jó e o completo fracasso dos três amigos em seu esforço de convencer Jó da sua culpa. Ele também está irado porque eles fracassaram em responder às acusações de Jó contra a justiça de Deus. O versículo 4 deveria ser lido da seguinte maneira: “Eliú, porém, esperou para falar a Jó, pois os outros eram mais velhos do que ele” (ARA). Por respeito à idade dos outros ele havia permanecido em silêncio, mas não estava calmo. **Sua ira se acendeu (5).**

B. Os três primeiros discursos de Eliú, 32.6—33.33

1. *Eliú Tem Autoridade Suficiente para Falar (32.6-22)*

A timidez juvenil de Eliú deu lugar à raiva, mas no processo ele descobriu algumas verdades adicionais. A sabedoria nem sempre acompanha a idade; também é um dom de Deus. **A inspiração do Todo-poderoso os faz entendidos (9).** Portanto, visto que ele possui o Espírito de Deus, Eliú pede aos homens mais velhos para ouvirem atentamente, mesmo que ele seja mais jovem do que eles. Eliú tem uma **opinião** que ele se sente compelido a expressar (10).

Eliú é apologético ao entrar na conversa entre Jó e seus amigos. Ele ressalta que esteve ouvindo cuidadosamente as suas **palavras e considerações (11)** na tentativa de persuadir Jó acerca da justiça, mas eles foram incapazes de fazê-lo (12). Ele repreende os três amigos:

Não digam: “Achamos que ele é esperto demais para nós!

Deus terá de refutá-lo, não o homem!” (13, Moffatt).

Eliú discorda. Existe muita coisa que precisa ser dita, mas será diferente das **vossas palavras (14)**. Ele está tão cheio de palavras depois de ter ouvido os argumentos ineficazes deles que se encontra a ponto de **arrebentar (18-19)**. Ele os adverte que não vai lison-jear nenhum deles **(21-22)**. “Eliú pretende falar como um árbitro (juiz),

não como um partidário; Jó estava ansiando por um árbitro” (9.33,34; Berkeley, nota de rodapé, *ad. loc.*).

2. *Eliú e Jó Encontram uma Base Comum (33.1-7)*

Diferentemente dos outros oradores, Eliú se dirige a Jó pelo nome (1). Ele tem plena confiança em si mesmo, e afirma ser íntegro e capaz de falar a verdade com **sinceridade** (3). Esta atitude em Eliú sugere fanatismo ou intolerância para a mente ocidental, mas provavelmente não tinha essa conotação naquele ambiente e época (cf. a atitude de Jó no cap. 29). Talvez esse tipo de auto-avaliação era necessário, porque em seguida ele ressalta que fora criado pelo **Espírito de Deus** (4), mas como os outros homens era **formado do lodo** (barro, 6). Tendo a inspiração de Deus, mas também sendo um homem semelhante a Jó, ele é capaz de discutir o problema de Jó em condições de igualdade com ele.

Jó tinha pedido para marcar uma audiência com Deus; Eliú diz que ele veio no lugar de **Deus** (6). Jó tinha expressado sua preocupação em encontrar-se com Deus. Ele achava que ficaria tão apavorado que não teria condições de falar. Eliú garante a Jó que ele não precisa se preocupar com o representante de Deus — **Eis que não te perturbará o meu terror (7)**.

3. *As Implicações da Posição de Jó (33.8-13)*

Eliú deixa claro que ele ouviu tudo o que Jó disse aos outros, e também aquilo que falou diretamente a Deus. Então ele escolhe queixas específicas de Jó com as quais ele quer lidar. Ele observa que Jó afirma estar **puro e sem transgressão e culpa** (9), no entanto Deus o tem tratado como um **inimigo** (10-11). De acordo com Eliú, Jó está errado nesse ponto. **Maior é Deus do que o homem** (12); portanto, é errado tentar responsabilizar Deus pelos seus atos. **Por que razão contendes com ele?** (13). A ARA esclarece o versículo 13: “Por que contendes com ele, afirmando que não te dá contas de nenhum dos seus atos”? Assim, o palco está montado para Eliú tratar especificamente de uma das questões básicas na argumentação de Jó.

4. *Deus Fala com os Homens* (33.14-33)

Um dos motivos de Jó achar que Deus era seu inimigo foi que ele não recebia nenhuma resposta do Todo-Poderoso. Eliú diz que **Deus** fala com os homens **uma e duas vezes** (14), se os homens forem sábios o suficiente para percebê-lo. A primeira maneira de Ele falar é por meio de sonhos — **em sonho ou em visão de noite** (15). Nessa hora, Deus **abre os ouvidos dos homens** (16) para que possam ouvir suas palavras, e então Ele **sela a sua instrução**, isto é, Ele confirma a comunicação moral dada. Deus fala para que o pecador se aparte do **seu desígnio** mau (17) e seja preservado **da cova** (morte; 18). Essa também é a razão por que o homem é **castigado [...] com dores** (19-21) de vários tipos. Ao advertir o indivíduo das conseqüências do seu pecado premeditado por meio de sonhos e dor, Deus o salva daquele **que traz a morte** (22) — talvez o anjo da morte (veja 2 Sm 24.16; 2 Rs 19.35; SI 78.49).

A segunda maneira de Deus falar aos homens é por meio do **mensageiro** celestial, que é chamado de **intérprete** (23). O propósito dele é explicar os caminhos de Deus, para que o indivíduo possa ser justo. Ele **terá misericórdia** (24). Se o pecador atender à exortação de Deus e se arrepender, Deus o livrará da **cova** (24). O versículo 26 tem sido interpretado da seguinte forma: “Ele ora a Deus, e Ele o aceita; ele vê o rosto de Deus e se alegra; o homem é restaurado à sua vida normal” (Berkeley). Os versículos 27-28 constituem o testemunho do homem redimido:

Pequei, cometi injustiças, mas ele não me castigou; ele salvou a minha alma da morte, e permitiu que eu visse a luz preciosa dos viventes (Moffatt).

Eliú diz que ele tem mais a dizer — **Ouve-me, cala-te, e eu falarei** (31) — mas se Jó tem **alguma coisa que dizer** como resposta, deve fazê-lo (32). **Se não, escuta-me tu; cala-te, e ensinar-te-ei a sabedoria** (33).

C. O Segundo Discurso de Eliú, 34.1-37

No primeiro discurso, Eliú respondeu às acusações de Jó de que a aflição vinda de Deus demonstrava a arbitrária inimizade contra ele. Nesse capítulo, Eliú nega que Deus tenha sido injusto em seu tratamento com Jó. Deus, o Criador de tudo, está acima de qualquer exigência que o homem possa fazer dele; portanto, seria impossível para Deus fazer algo errado.

1. *Considerações Adicionais em Relação às Afirmações de Jó (34.1-9)*

Os versículos 1 a 4 constituem uma introdução na qual Eliú convida os **sábios** (2) — provavelmente outros homens em vez dos três amigos — a unir-se a ele na busca do que é **direito**, para que **conheçamos entre nós o que é bom** (4).

Então ele trata de um outro aspecto do problema de Jó. Este havia afirmado: “Sou inocente” (5, RSV), e, além do mais, disse que não havia proveito em servir a Deus (9). Jó tinha piedosamente declarado que não mentiria contra ele mesmo para parecer humilde (6). Para Eliú, é impossível aceitar essa atitude da parte de Jó. Ele diz que Jó é um homem **que bebe a zombaria como água** (7) e tem o hábito de caminhar em companhia **dos que praticam a iniquidade** (8). Jó chegou a essa condição angustiante por causa da sua atitude. Eliú não pode aceitar o julgamento de tal homem.

2. *A Justiça de Deus é Defendida (34.10-20)*

Novamente Eliú apela a **homens de entendimento** (10) para ouvir sua defesa acerca da equidade de Deus. Deus recompensa **cada um [...] segundo o seu caminho** (12). De que maneira Deus poderia proceder **impiamente**? Isto seria contrário à sua natureza.

Eliú vê duas razões básicas por que é impossível para Deus realizar uma ação perversa. A primeira é que Deus é o Criador de tudo que existe. Ele não recebeu seu poder e autoridade de ninguém. Ele é Aquele que deu a vida e Aquele que a sustenta. Portanto, não faz sentido Ele fazer algo errado (13-15).

Moffatt acredita que o argumento é baseado não no poder de Deus,

mas no seu cuidado pelo homem:

Não, nunca Deus fará o mal, nunca o Todo-poderoso agirá injustamente — ele não é nenhum vice-rei governando a terra! — seu coração e sua mão estão sobre o universo, e se de fato retirasse o seu espírito e o seu fôlego,

a humanidade pereceria de uma só vez, e o homem voltaria ao pó (12-15).

A segunda proposta apoiando a justiça de Deus é formulada em forma de pergunta. **Porventura o que aborrecesse o direito governaria?** (17). Ajustiça é um pré-requisito para governar. E inconcebível que um súdito questione a autoridade do seu **rei** (18). Quanto mais um homem seria tolo em questionar a ação de Deus. Além disso, Deus não tem motivo para a injustiça, visto que Ele é Aquele que criou o **rico** e o **pobre**, bem como as pessoas comuns e os **príncipes** (19). Ele não mostra parcialidade em sua administração da justiça. Esse é o motivo por que todos os homens **morrem [...] e passam** (20). **Sem mão** significa “sem a mão humana” (RSV). Jó tem usado esse fato para ilustrar a ação indiscriminada da parte de Deus. Eliú o usa para ilustrar o tratamento igual de Deus para com o homem.

3. Conseqüências da Rebelião contra Deus (34.21-37)

Não existe maneira de se esconder de Deus. **Os olhos de Deus estão sobre os caminhos de cada um** (21). **Ele vê todos** reflete a onisciência e significa que Deus trata cada pessoa de uma maneira absolutamente justa. **Porque não precisa considerar muito no homem** (23); não há necessidade de um homem **ir a juízo diante de Deus**, como Jó fez. Visto que Deus **conhece as suas obras** (25), seu julgamento do ímpio é infalível, **seja para com um povo, seja para com um homem só** (29). É impossível debaixo dessas circunstâncias que a hipocrisia seja bem-sucedida (30). O versículo 29 parece mais uma vez afirmar a soberania de Deus. Smith o traduziu da seguinte forma:

Se ele silenciar, quem pode condenar?

E se ele esconder seu rosto, quem o poderá ver? (Smith-Goodspeed)

O sábio, conhecendo a onisciência de Deus e sua justiça infalível, **na verdade** aceitará o castigo (31) como uma advertência de Deus e se arrependerá do seu pecado. Ele pedirá a Deus: **Ensina-me tu** (32), e, **fala [...] o que sabes** (33). Mas **Jó falou sem ciência** (35). Suas respostas aos problemas levantados foram erradas, e se ninguém as contestar, poderão desviar o homem do caminho reto. Portanto, **provado seja Jó até ao fim** (36) por **suas razões** rebeldes **contra Deus** (37).

Nos versículos 31-33 vemos o seguinte: “A resposta reta à disciplina divina”: 1) Reconhecer que Deus nos castiga, 31; 2) Prometer corrigir nossos caminhos: **não pecarei mais**, 31-32; 3) Pedir a orientação divina: **ensina-me tu**, 32; 4) Escolher intencionalmente confiar quando não podemos ver: “Tu precisas fazer a escolha”, 33, Berkeley (A. F. Harper).

D. O Terceiro Discurso de Eliú (35.1-16)

Eliú estava especialmente perturbado com a afirmação de Jó de que nem seu pecado nem sua piedade faziam qualquer diferença, tanto para ele mesmo como para Deus. Ele já havia se referido a isso em 34.9, mas ele sente a necessidade de voltar a esse assunto mais uma vez. Ele expressa surpresa pela audácia de Jó em afirmar: **Maior é a minha justiça do que a de Deus** (2). Essa afirmação pede uma resposta. Por isso, Eliú diz: **Eu te darei resposta, a ti e aos teus [três] amigos contigo** (4).

Em um ponto crítico Eliú e Jó concordam. Um olhar **para os céus** (5), onde Deus está entronizado, vai convencer qualquer um que Ele não pode ser influenciado por homem algum, quer pelo pecado quer pela retidão. Eliú afirma que o homem não tira nada de Deus quando peca (6) e não dá nada a Ele quando é **justo** (7). O que acontece é que o próprio homem e os outros à sua volta podem ser influenciados para o **mal** pela **impiedade** ou para o bem pela **justiça** (8).

Jó havia dito que o clamor do seu sofrimento não era ouvido por Deus, com isso afirmando que Deus estava indiferente. Eliú aqui reconhece que existem “fardos de opressão” (9, NVI), que levam o homem a clamar. No entanto, ele ressalta que em muitos casos é somente por causa da dor que **eles clamam** “para livrá-los do braço do tirano” (Moffatt).

Não acontece por razão religiosa verdadeira — **Ninguém diz: Onde está Deus, que me fez?** (10). Quando o homem clama, não deveria ser apenas como uma reação instintiva à dor. Deus criou os homens **mais doutos do que os animais** (11). Ele deveria, portanto, tratar dos problemas da sua vida em um nível acima do instinto animal. Se o clamor do homem não é ouvido, é **por causa da arrogância dos maus** (12) ou porque os homens oram de maneira vaidosa (13; arrogante, falsa). Podemos estar certos de que Deus ouvirá uma súplica honesta. **Logo, Jó em vão abre a sua boca** (16). Ele tem estado completamente errado em afirmar que Deus é indiferente ao sofrimento da humanidade. Nos versículos 15-16, Eliú acusa Jó com presunção: “E agora, visto que Deus não te visitou em sua ira e não dá atenção à tua transgressão, tu, em vão, abres a tua boca” (Berkeley).

Uma das passagens mais bonitas do livro encontra-se no versículo 10. A frase **que dá salmos entre a noite** deveria expandir a nossa imaginação. Uma das maravilhas da criatividade de Deus é o fato de ter colocado esperança no coração do homem. Não importa quão escuro esteja, o homem tem a capacidade de vislumbrar a luz. Ele pode cantar um hino de alegria em meio a tristeza. Quando essa esperança se vai, a vida se vai. Eliú alcança seu ponto mais elevado da compreensão e conscientização religiosa por meio desse pensamento esplendoroso.

E. O Quarto Discurso de Eliú, 36.1—37.24

1. *Introdução à Defesa da Justiça de Deus* (36.1-4)

Eliú declara que tem mais coisas a dizer e pede a atenção do seu público. Ele garante que o seu conhecimento vem de **longe** (3) e

assegura os seus ouvintes de que eles têm o grande privilégio de ter alguém no meio deles que é **sincero na sua opinião** (perfeito no conhecimento, 4). Isso pode ser, como Moffatt entende, uma afirmação pouco modesta, ou, como diz a *Versão Berkeley*, uma alusão à presença invisível de Deus com ele.

2. *O Motivo do Sofrimento Humano (36.5-14)*

A principal premissa de Eliú tem sido que **Deus é mui grande [...] em força de coração** (“em força e sabedoria”, 5). Ele está certo de que Deus dá a cada homem aquilo que ele realmente merece. Ele não poupa a vida do **ímpio** (6) nem esquece o **aflito**, como Jó havia afirmado. Ele cuida especialmente do **justo** (7), que Ele conduz à posição mais elevada — **com os reis no trono** (7). Se por um acaso os justos estiverem amarrados com cordas de **aflição** (8), o sofrimento serve como disciplina para que se convertam **da maldade** (10) que devem estar considerando. **Se o ouvirem** (obedecerem, 10) eles prosperarão; **porém, se o não ouvirem** (12), serão destruídos ao realizarem seus planos perversos. Os **hipócritas** (ímpios) **de coração** (13) se iram contra Deus por causa da disciplina divina, e com isso perdem o benefício de toda a experiência (14).

3. *O Motivo do Sofrimento de Jó (36.15-25)*

No versículo 15, Eliú expõe o princípio da disciplina instrutiva: **Na opressão, [Deus] se revela (abre) aos seus ouvidos**. No versículo 16 ele aplica esse princípio a Jó. Deus teria proporcionado felicidade a Jó — **um lugar espaçoso e da tua mesa [...] gordura**

— em vez de opressão. **Aperto** lembra a alusão de Jó a redes, gado e caminhos entrincheirados, em 19.6-8. Mas Jó não aceitou a instrução do castigo. Em vez disso, ele está **cheio do juízo do ímpio** (17) e tem se irado com Deus (18). Jó deveria ser advertido de que nenhum resgate ou **os esforços** da sua **força** (19) podem libertá-lo dessas circunstâncias de rebelião.

Jó tinha requisitado a morte como resposta para o seu problema, mas Eliú admoesta: **Não suspires pela noite** (20). Deus, às vezes,

elimina pessoas dessa forma como parte do seu julgamento. Mas essa atitude mostra que Jó está realmente se rebelando contra os caminhos de Deus, em vez de aceitar humildemente a sua instrução.

Também mostra que Jó escolheu **iniquidade** em vez da **miséria** (aflição, 21). Em vez de se queixar, deveria reconhecer a grande **força** de Deus (22) e **engrandecer a sua obra** (24). A obra maravilhosa que Deus faz é facilmente vista pelos **homens** (24-25), mas Jó ousou ensinar a Deus em vez de aprender dele.

4. Deus Deve Ser Louvado pela sua Majestade (36.26—37.13)

Eliú se lembra da grandeza de Deus por meio das maravilhas da natureza. Embora esse tema já tenha sido explorado por ambos os lados do debate, Eliú sente que deve unir-se a eles. Ele aponta para as várias evidências do poder majestoso de Deus. Ao fazê-lo deseja impressionar a Jó com a transcendência de Deus.

Eliú convida Jó a considerar **as gotas das águas** e as nuvens (27-28) e o impressionante temporal com relâmpagos (36.28—37.5). **Os trovões** (barulho) **da sua tenda** (29) são o trovão do pavilhão do céu. O versículo 30 tem sido interpretado da seguinte maneira: “Veja como Ele dispersa os relâmpagos ao seu redor e encobre o topo das montanhas” (Berkeley). Moffatt conecta o versículo 31 com a dádiva da chuva nos versículos 27-28 e traduz:

Com isso ele sustenta as nações, e provê mantimento para a humanidade.

O versículo 33 é de difícil interpretação. Ele se refere claramente ao trovão, mas os intérpretes diferem em relação à sua função. A *Versão Berkeley* diz: “Seu trovão anuncia sua presença; o gado recebe o aviso da vinda da tempestade” (cf. Smith-Goodspeed). A RSV traduz:

Seu estrondo proclama a respeito dele, que é zeloso com ira contra a iniquidade (cf. Moffatt).

Em 37.6-10, Eliú considera o desamparo do homem em lidar com o gelo e a neve. Os versículos 6-7 podem ser entendidos da seguinte

forma:

*Ele diz à neve que caia na terra, também ao aguaceiro,
que mantenha os homens dentro de casa — para que todos os mortais
sintam o seu poder (Moffatt).*

O versículo 10 foi traduzido da seguinte maneira pela ARA:

Pelo sopro de Deus, se dá a geada, e as grandes águas se congelam.

Nos versículos 11-13, Eliú volta a mencionar as nuvens, que, junto com o vento, obedecem ao **conselho** de Deus (12) de se espalhar pela terra. Elas alcançam os propósitos que Ele tem em mente para elas, **seja para correção [...] ou para beneficência** (misericórdia, 13). O versículo 11 é esclarecido na ARA: “Também de umidade carrega as densas nuvens, nuvens que espargem os relâmpagos”.

5. Exortação à Submissão e à Humildade (37.14-24)

Eliú está tão emocionado com as revelações que ele tem desvendado que não consegue entender como Jó simplesmente não se prostra diante de um Deus como esse em humilde reverência e admiração.

Para Eliú, Jó está tentando brincar de ser Deus em sua condenação do tratamento divino ao homem. Prevendo o tipo de pergunta que Deus vai fazer a Jó (cf. 38.4), Eliú pergunta: Quando Deus opera, você sabe como Ele o faz? (15) e: **estendeste com ele os céus?** (18). O sol que resplandece nos céus é esclarecido da seguinte forma:

*E agora os homens não viam a luz; estava obscuro nos céus;
mas o vento passou e os clareou (Smith-Goodspeed).*

Deveria ser óbvio para todos, pensa Eliú, que **em Deus há uma tremenda** (temível) **majestade** (22). O homem não o pode **alcançar** (23), mas podemos depender dele. quanto ao seu **juízo e grandeza de justiça**. Deus respeita os que são humildes. Somente os orgulhosos — os que são **sábios no coração** (que se acham sábios) — não

merecem o seu favor (24).

Eliú não disse muita coisa nova. Primeiramente, ele defendeu a posição dos três amigos, mas aperfeiçoou essa posição com fervor e entusiasmo. Ele revela uma atitude devota, mas não produz nenhuma consideração nova ou singular. Qualquer tentativa de singularidade por parte de Eliú deve ser restrita à sua declaração da força instrutiva do sofrimento e a ampliação desse princípio até a idéia de que o sofrimento é uma expressão da bondade de Deus, embora esteja dissimulada. Estas idéias, no entanto, já estão inseridas nos conceitos dos outros.

Alguns estudiosos acham que Eliú provê um interlúdio literário necessário entre o clamor fervoroso de Jó e a próxima cena — o redemoinho do qual Deus fala com ele.

A CONVERSA DE DEUS COM JÓ

Jó 38.1—42.8

O maior desejo de Jó, expressado muitas vezes, era que Deus lhe concedesse uma audiência para que toda a questão da sua integridade e sofrimento pudesse ser resolvida. Nesta parte do livro, o desejo de Jó é finalmente satisfeito, mas não na forma como ele estava esperando.

A pergunta principal levantada no livro é: “Porventura Jó teme [serve] a Deus em vão?” (1-9). Esta é, em última análise, uma pergunta acerca do tipo de relacionamento que existe entre o homem e Deus.

Satanás (o satanás; veja comentários em 1.6) e os amigos de Jó concordam essencialmente na resposta dessa pergunta. Satanás não acredita que Jó “manterá sua integridade” sem uma recompensa. Os amigos acreditam que a prosperidade material desfrutada por um homem é a recompensa pela integridade e que, portanto, a falta de recompensa é a evidência imediata de pecado. O autor e poeta retratou a Jó como vencedor sobre esses inimigos. Ficou provado que Satanás estava errado porque Jó não “amaldiçoa a Deus” com a perda da saúde e da riqueza. Jó derrota os amigos e suas argumentações. Ele argumenta persuasivamente a partir das realidades da vida de que riqueza e bênçãos nem sempre são resultantes de retidão.

No entanto, Jó não sobreviveu à sua provação sem ficar com marcas dela. Seu relacionamento com Deus não ficou esclarecido. A própria atitude de Jó é o seu problema. Ao defender sua integridade, ele contestou a integridade de Deus e o fez parecer injusto. Deus parece não mostrar uma consistência perceptível em sua jurisdição moral do mundo. Esta é uma questão que deve ser resolvida a partir de agora.

Jó deseja ter uma oportunidade de estar diante de Deus para poder justificar-se. Parece que ele acha que pode apelar para a natureza moral de Deus a fim de neutralizar a inimizade que Deus aparentemente exerce contra ele. E acerca dessa questão que

Deus fala com Jó. Ele não entra numa disputa judicial com Jó, mas mostra a ele o verdadeiro relacionamento que sempre deve existir entre Deus e o homem, entre o infinito e o finito.

A. A Primeira Resposta a Jó, 38.1—40.5

1. *O Desafio Inicial* (38.1-3)

O Senhor (1) é *Yahweh* (Javé), o Deus dos hebreus. **De um redemoinho** é literalmente “de uma tempestade”. Não está claro se o autor teve a intenção de ser literal ou figurado na linguagem que usa. No entanto, é a linguagem bíblica da teofania (veja SI 18.8-12; Ez 1.4, 28; mas veja também 1 Rs 19.11-12).

O Senhor desafia Jó ao perguntar: **Quem é este que escurece o conselho?** (2). A pergunta infere que ocorreu algum tipo de confusão. **Conselho** sugere o plano ou razão das coisas. Jó havia obscurecido os propósitos de Deus no mundo por meio dos seus argumentos e queixas, especialmente em sua afirmação de que Deus agia injustamente nas questões humanas.

Cinge os teus lombos (3) é uma expressão preparatória para agir. Jó tinha, repetidas vezes, desafiado Deus a encontrá-lo. Agora Deus está pronto a concordar com seu pedido. Jó deve estar inteiramente preparado na argumentação com Deus para o que virá. E não era o que Jó esperava. Ele desejava questionar a Deus a respeito de sua atitude e ações. Em vez disso, Deus diz: **Perguntar-te-ei, e, tu, responde-me.** Quando Deus faz suas perguntas, Jó não está pronto para a entrevista como ele havia imaginado anteriormente (40.3-5).

2. *A Natureza Inanimada Fala da Sabedoria de Deus* (38.4-38)

Deus desarmou Jó com referência aos sistemas ordenados da natureza que estão além do poder controlador de qualquer homem. Ele não consegue compreendê-los inteiramente.

Primeiro, Ele pergunta a Jó: **Onde estavas tu** (4) no início da criação? Isto ressalta a limitada inteligência de Jó e a natureza

transitória de sua existência. **Faze-me saber** se refere ao versículo 3 e também às perguntas que vêm a seguir. As perguntas mostram que Jó não tem conhecimento, de primeira mão, de como a terra foi formada. Ele sabe *quem* a fez, mas ele não estava presente para ver *como* ela foi feita. A criação da terra é semelhante à construção de um prédio bem projetado, estendida com um **cordel** (5; linha de medir) e nivelada cuidadosamente com fundamentos fortes e uma **pedra de esquina** (6). **As estrelas da alva** (estrelas personificadas) e **os filhos de Deus** (7; anjos) são descritos como expressando imensa alegria pela grandeza da terra enquanto observavam Deus construí-la. Eles estavam lá, mas Jó não estava.

Deus também indaga a Jó acerca da sua ligação com a criação dos oceanos. A pergunta básica ainda continua: “Onde estavas?” Afigura é de um ser gigante nascido da **madre** (8) do universo, colocando **nuvens** como **sua vestidura** (9). A medida que o mar se avolumava, Deus colocou limites para ele, para que ficasse restrito a um determinado território (8-11).

Dias e noites fazem parte da criação de Deus. Cada manhã se mostra a **alva** (12). Ela envia luz para as **extremidades da terra** (13). Por meio da sua luz o mal perpetuado sob a cobertura da escuridão pode ser vencido (13,15). O versículo 14 descreve o efeito do sol da manhã sobre a aparência do mundo. “A terra toma forma como o barro sob o sinete; e tudo nela se vê como uma veste” (NVI).

Os mistérios da terra e do mar são explorados. **Entraste tu?** (16) é o mesmo tipo de pergunta como aquela feita no versículo 4. Será que Jó conhece as **origens do mar**? Aqui, **profundo** refere-se ao mundo que ficava debaixo do oceano. No versículo 17, **portas da morte** e **portas da sombra da morte** referem-se ao *Sheol*. Acaso Jó passou pelas portas do *Sheol* para descobrir os segredos escondidos nas suas profundezas? Ele conhece as **larguras da terra** (18) ou o que fica além da terra plana?

Da mesma maneira Deus mostra a Jó que ele não tem conhecimento da **luz** e das **trevas** (19). O **número dos teus dias** (21) é uma alusão ao diálogo com os amigos quanto à conexão entre idade e sabedoria.

As causas dos fenômenos naturais como a **neve** e a **saraiva** (22) estão além do conhecimento de Jó. No entanto, Deus os mantém em seu depósito para usá-los conforme lhe apraz —até mesmo na **peleja** (23; veja Jó 10.11). O **vento** (24), os **relâmpagos** (25), a **chuva** (26-28), a **geada** (29c-30) não podem ser controlados por Jó. **Debaixo das pedras [...] se escondem** (30) é melhor traduzido como: “ficam duras como a pedra” (ARA). Jó não pode **ajuntar as cadeias do Sete-estrela ou soltar os atilhos do Orion** (31-33).¹ Jó também não pode conduzir as **nuvens** a lhe obedecer (34-38). Todos esses fenômenos estão aí para cumprir o propósito de Deus, mas estão além do conhecimento e do controle do homem.

3. *Exemplos da Vida Animal* (38.39—39.30)

Exemplos da vida animal selvagem são colocados diante de Jó. Esse texto ressalta sua completa ausência de responsabilidade em criar e sustentar esse maravilhoso reino animal. O **leão** (38.39) e o corvo (38.41) são completamente opostos em relação à sua natureza, no entanto, ambos são alimentados por Deus devido ao seu cuidado providencial por eles. **Cabras monteses** e corças (31.1; fêmea dos cervos vermelhos) têm suas crias e as criam até se tornarem adultos independentes sem a ajuda do homem. **Sabes tu** (1-2) refere-se à jurisdição, ao controle e ao conhecimento dos hábitos dessas criaturas. **Lançam de si as suas dores** (3) é melhor traduzido como: “elas têm as suas crias”; esta é uma construção paralela de **terem seus filhos**.

O **jumento bravo** (5) é um animal forte e independente. Quem o “pôs em liberdade?” (NVI). Ele pode viver no deserto e sobrevive onde outros animais não conseguem (6-8). Semelhantemente o **unicórnio** (9; boi selvagem) com sua natureza indomável, desafia o esforço do homem em subordiná-lo (10-12). A beleza das **cegonhas** (13) não é o resultado do esforço do homem. Mesmo a falta de cuidado do **avestruz** em relação aos seus filhotes é um tipo de **sabedoria** insondável que não se consegue entender (14-17). **A seu tempo se levanta ao alto** (18) é melhor traduzido como: “quando de um salto se levanta para correr” (ARA). A coragem maravilhosa do **cavalo** de guerra (19) é contrastada com a coragem de um **gafanhoto**

(20). O significado da palavra **força** (19, ou “estrondo”) não está claro no hebraico. Na sua **força** selvagem (21) o cavalo parece devorar a **terra** (24) ao se lançar na batalha. **Não faz caso do som da buzina** é melhor traduzido por “não se contém ao som da trombeta” (ARA). O **gavião** (26) voa por instinto quando migra para o **sul**. Também por instinto a **águia [...] põe no alto o seu ninho [...], no cume das penhas** (27-28), de onde **descobre a presa** para alimentar seus filhotes (29).

4. *Jó é Silenciado* (40.1-5)

O ponto de todas as ilustrações anteriores é destacado pela pergunta que Deus faz a Jó em seguida: **Porventura, o contender contra o Todo-poderoso é ensinar?** Esses exemplos têm falado eloqüentemente do aguçado contraste entre o Deus que criou tudo e Jó, que é apenas uma das criaturas de Deus. Mas, como Davidson ressalta, não é o mistério inefável que está por trás das obras do Criador que tanto impressiona a Jó. É o próprio Deus que está “desfilando” diante dele.² Para todos os lados que Jó olha, ele percebe um discurso eloqüente do Criador. Jó tinha dito que olhou para frente, para trás, para ambos os lados, mas não havia conseguido encontrar a Deus. Esta sua interpretação estava completamente errada. Deus está tremendamente interessado nele, se ele apenas reservar tempo para vê-lo. Jó esteve tão preocupado consigo mesmo que perdeu a capacidade de avaliar e não estava, portanto, percebendo a auto-revelação de Deus que existe em cada canto do universo.

O desenvolvimento do pensamento desta seção é esplêndido, mas no contraste da seqüência das idéias está a beleza da sua expressão. Estas vinhetas formam uma poesia sem igual e marcam o autor como um estudioso arguto e perceptivo da natureza.

A primeira comunicação de Deus a Jó cai em terreno fértil. Com humildade, Jó admite que falou de forma imprudente — **Eis que sou vil** (4). Este é um termo moral. Jó está dizendo que é pequeno demais para responder a Deus. E verdade que Deus não explicou a causa do sofrimento de Jó, mas este está começando a ver que a sua religião — sua integridade — deve ir além do seu interesse próprio. Nada lhe

resta, a não ser calar-se (5) nessa disputa com Deus.

B. A Segunda Resposta a Jó, 40.6—42.6

O primeiro discurso de Deus mostrou a Jó que ele havia sido presunçoso em seu desejo de debater com Deus. A exposição acerca da criação colocou Jó no seu devido lugar, mas ainda não havia tratado da atitude flagrantemente incrédula de Jó. Este tinha acusado Deus de ser injusto na sua forma de governar o mundo. O segundo discurso trata desse assunto. '

Deus primeiro desafia a Jó por este tê-lo criticado (40.6-14) e ironicamente convida Jó a sentar-se, se ele puder, no lugar de Deus e governar o mundo. Segue-se uma descrição de Beemote e Leviatã,² provavelmente representações da vitória de Deus sobre as forças caóticas no universo. Se raciocinarmos de trás para frente, do que foi alcançado com o propósito dessas descrições, essa revelação serve para levar Jó ao arrependimento em vez de a uma mera submissão em 39.1—40.6. Acerca deste ponto, Terrien argumenta que o intervalo de tempo entre a submissão de Jó e sua penitência é confiável psicológica e teologicamente.^{3 1}

Para mostrar o absurdo dessa posição, Jó é questionado se ele tem um **braço como Deus** (9) ou pode **trovejar com voz como** a de Deus.

Ao ter desaprovado a administração de Deus, Jó tinha, por inferência, se colocado em posição de igualdade com Deus. Ironicamente, Deus pergunta se ele tem a capacidade de sustentar sua afirmação. Supondo que Jó poderia reivindicar essa capacidade, Deus então o convida a demonstrar isso ao vestir os mantos de **majestade** e **glória** divinas (10). Ele é desafiado a derramar sua **ira** para humilhar o **soberbo** (11) e atropelar os **ímpios** (12), escondendo-os **no pó** (13). Se Jó pode fazer isso, Deus confessará (14; admitirá) que Jó é capaz de salvar-se a si mesmo. A ironia grave dessas propostas é auto-evidente. Terrien acredita que este seja o versículo-chave do livro.^{2 3 4} Satanás tinha levantado a questão se Jó de fato se elevava à posição em que não precisava de Deus. Será que Jó se lembrará de quem ele é e em fé humilde deixará que o Senhor seja Deus?

2. *Beemote* (40.15-24)

Para acrescentar outras evidências que mostram a distinção entre Deus e o homem o poeta registra a descrição que Deus faz de **Beemote (15)**. O nome dessa besta é simplesmente a transliteração da palavra hebraica. Conforme a descrição, ele foi criado com Jó (criado no início dos tempos junto com a humanidade?). Ele é herbívoro e é dotado de uma força muito grande. A sua cauda se **move** como um **cedro** (17). A sua força está nos seus músculos e a sua **ossada é como barras de ferro (18)**. Nenhum outro animal é tão forte como ele. Moffatt interpreta o versículo 19 da seguinte maneira: “Ele é a obra-prima de Deus, feito para ser senhor dos seus companheiros”.

A natureza serve a ele ao produzir-lhe **pasto** (20), um lugar para brincar e um conforto debaixo da sombra das árvores (21-22). Ele é tão enorme que mesmo o **Jordão**, quando transborda, não o incomoda (23). Quem poderia enganá-lo com qualquer tipo de **laços** (24)?

Beemote é muitas vezes entendido como a descrição de um hipopótamo, embora sua cauda dificilmente se equipare com um cedro em tamanho e força. Tsur-Sinai considera **Beemote** um “animal imaginário” que representa todos os grandes animais herbívoros criados por Deus.⁵ Terrien acredita que ele tenha um significado mitológico —uma besta primitiva.⁶ Pope enxerga um paralelo entre Beemote e o grande búfalo que, de acordo com o mito ugarítico, era caçado por Baal na região do Lago Hula, na área pantanosa da parte alta do Jordão.⁷

Qualquer que seja a identificação, Beemote foi criado por Deus e serve para contrastar o poder de Deus com o poder do homem. Ele pode ter tido nuances místicas para o autor. Se esse foi o caso, ele não está meramente repetindo o tema dos capítulos 38 e 39. Ele pode estar se referindo a esse mundo espiritual, o qual, para a mente popular da sua época, era povoado por criaturas grandes e amedrontadoras. Mesmo essas criaturas, diz o poeta, estão sujeitas a Deus e foram criadas por Ele.

É impossível capturar Leviatã **com anzol** (1). Além de ser impossível capturá-lo também é impossível domá-lo. Quase caprichosamente Deus pinta um quadro em que Jó procura fazer exatamente isso.

Podes pôr uma corda no seu nariz (2) ou furar a **sua queixada?** Quem poderia visualizar uma criatura como essa falando gentilmente ou fazendo um acordo com seu capturador (3-4)? Certamente este jamais seria um brinquedo que ele daria às suas meninas (escravas) como um animal de estimação (5).

Este monstro marinho não pode ser servido num **banquete** (6), porque não existe método algum que possa capturá-lo. Ele é impenetrável por qualquer tipo de “arpões” ou “lanças de pesca” (NVI; 7). Alguém que chega perto o suficiente para colocar sua **mão sobre ele** (8) vai se lembrar por muito tempo da peleja feroz e nunca mais tornará a fazê-lo. “O homem que espera vencê-lo será desiludido; ao vê-lo a pessoa fica paralisada!” (9; Berkeley).

A moral dessa ilustração é fornecida no meio da descrição. **Ninguém** se atreve a **despertá-lo** (10). Visto que nenhum homem é forte o suficiente para combater Leviatã, menor ainda é a possibilidade de alguém ser qualificado para **erguer-se diante** de Deus. Tudo **o que está debaixo de todos os céus é meu** (11). Jó não tem nenhuma reivindicação a fazer a um Deus que possui tal estatura.

Mais uma vez o autor volta sua atenção a Leviatã. Ele é tremendo em poder e de “porte gracioso” (12, NVI). Seu couro, coberto com escamas como uma armadura bem ajustada, não pode ser penetrado. O versículo 13 pode ser lido da seguinte forma:

Quem lhe abrirá as vestes do seu dorso?

Ou lhe penetrará a couraça dobrada? (ARA).

As portas do seu rosto (14) seriam as suas mandíbulas. Em roda dos seus dentes está o terror. A expressão Cada um dos seus espirros faz resplandecer a luz

(18) pode referir-se à luz brilhando sobre a água vaporizada das suas

narinas. Os versículos 19-21 descrevem a noção popular de um monstro marinho que respira **fogo e fumaça, como de uma panela fervente**.

. A grande força de Leviatã é descrita por meio de figuras como a força do **seu pescoço (22)**, sua **carne dura (23)** e seu **coração de pedra (24)**. Moffat traduz o versículo **22** da seguinte forma:

A força está no seu pescoço — todas as criaturas se contraem em terror diante dele.

O versículo 25 pode ser traduzido da seguinte forma: “Quando ele se ergue, os poderosos se apavoram; ficam fora de si de pânico” (Berkeley). Leviatã faz com que as suas armas de **ferro** pareçam **palha** e as de **cobre** como **pau podre (27)**. Nenhuma **seta (28)** o incomoda, e **fundas (28)** e o bastão (29, NVI) são como se estivessem jogando talos de palha nele. “Suas partes inferiores são como conchas pontiagudas; elas deixam um rastro de lama como um instrumento de debulhar” (30; Berkeley). Ele se ri da **lança (29)**, e quando fica irado **faz ferver as profundezas como uma panela (31)**. Ele nada pelas águas rapidamente e deixa um **caminho** (um sulco brilhoso; 32). Em lugar algum existe alguma coisa parecida com ele (33). Ele é **rei (34)** sobre os animais mais altivos.

4. *Jó se Arrepende (42.1-6)*

Jó é convencido da grande majestade e sabedoria de Deus. Ele admitiu depois do primeiro discurso de Deus que estava fora de lugar. Agora ele percebe que seu pensamento rebelde estava completamente errado.

Bem sei que tudo podes (2). Jó está impressionado com o poder incomparável de Deus. Nada está além da sua capacidade. **Nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido** significa que Deus pode fazer qualquer coisa que Ele planeja fazer.

Jó repete as palavras de Deus para ele quanto a encobrir **conselho** sem **conhecimento (3)**. Ao fazê-lo, ele admite que é culpado,

conforme havia sido acusado. Ele reconhece que falou acerca de coisas que estão muito além do seu conhecimento e experiência.

“Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito” (5, NVI) indica que o conhecimento de Jó acerca de Deus era limitado demais. Era um conhecimento acadêmico. Seus amigos (e o ensinamento religioso) haviam falado *acerca de* Deus. Ele mesmo havia passado esse tipo de informação para outras pessoas. Com base no que havia ouvido ele tinha se empenhado na discussão especulativa a respeito da natureza de Deus. Mas os conceitos defendidos por seus amigos eram inadequados para se ajustar às suas circunstâncias. Os seus próprios conceitos o levaram a levantar acusações contra Deus que eram acusações rebeldes e blasfemas. Agora ele mudou — **Agora te vêm os meus olhos**. Jó não mais confia em uma verdade baseada em boatos. Ele foi confrontado por Deus pessoalmente.

Quais são os resultados de uma confrontação como essa? Arrependimento. **Por isso, me abomino** (6). A palavra **abomino** significa derreter, dissolver, definhar. Deus acusou a Jó de pensar demais acerca de si mesmo. Agora Jó está dizendo: Não sou nada (veja SI 58.8). Ao ver Deus, Jó percebe quão insignificante ele realmente é (cf. Is 6.5). Jó vê a si mesmo como Deus o vê, mas ele também vai além da autodepreciação — **me arrependo no pó e na cinza**. Do que Jó se arrepende? Dos pecados de que seus amigos o acusaram? De reivindicar uma integridade que ele não possui? Não. Ele se arrepende das suas acusações presunçosas contra Deus e especialmente do orgulho que essas acusações demonstraram.

Esta é a resposta que o autor do livro estava aguardando. A miséria de Jó continua com ele. Suas amizades foram destruídas ou severamente prejudicadas. Nenhuma das desgraças e tragédias perpetradas por Satanás foram removidas. Deus não cedeu ao desejo de Jó de um debate acerca da justiça divina em relação à administração do mundo. O que Jó veio a conhecer é que os caminhos de Deus estão além da capacidade de compreensão do homem. Portanto, Deus não pode ser censurado nem questionado em nenhuma circunstância da vida.

Mas Jó aprendeu mais. Ele descobriu por experiência própria que, não importa até que ponto possamos nos afundar na pressão do sofrimento, a esperança cresce na alma e produz uma fé persistente. A conversa de Jó com Deus provou que a confiança humilde nele é a única posição razoável que o homem pode ter. Ele, e somente Ele, é Deus. Ele é plenamente digno de uma confiança absoluta. Mas essa confiança não fica sem recompensa. Quando Jó trilhou por esse caminho, ele encontrou a Deus. Ele o viu, o Criador e Sustentador do universo.

Seção V

EPÍLOGO EM PROSA

Jó 42.7-17

Muitas pessoas acreditam que a obra do autor e poeta termina com a confissão e arrependimento de Jó. Alguns rejeitam a restauração dos bens de Jó como um anticlímax que, no fim das contas, respalda a posição dos amigos. Já foi mostrado que isso não é necessariamente verdade (veja a Introdução, “Integridade do Texto”).

A. Jó Intercede por seus Amigos, 42.7-9

Deus não aprovou a atitude que Jó teve em relação a Ele, mas Deus também não aprovou a atitude dos três amigos no seu debate com Jó. Deus se dirige a Elifaz: **A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos** (7), porque o erro de vocês é mais sério do que o de Jó. Ele então os instrui a pedir que Jó ore (8) em favor deles. Isso foi feito, **como o Senhor lhes dissera** (9).

Nos versículos 1-10 vemos: “O Senhor é soberano”. 1) A onipotência de Deus, 1-2; 2) A incapacidade do homem de julgar a providência de Deus, 3-6; 3) A intercessão em favor dos nossos opositores, 7-10 (A. Maclaren).

B. A Saúde e a Riqueza são Devolvidas a Jó (42.10-17)

O **cativeiro de Jó** (10) refere-se a todo sofrimento que ele passou. As

amizades e sua honra foram restauradas (11). Sua riqueza foi duplicada (cf. 1.3 e 42.12). Ele foi agraciado com o mesmo número de filhos (cf. 1.2 e 42.13). Os nomes das suas três filhas são mencionados (14). Lemos que **em toda a terra não se acharam mulheres tão formosas com as filhas de Jó** (15). Também é mencionado que elas compartilhariam da **herança** com os seus filhos. Jó foi coroado com uma vida longa depois da sua provação — **cento e quarenta anos** (16) — a ponto de ver a sua descendência **até à quarta geração**. Sua morte foi feliz porque ele havia vivido bem a sua vida. **Então, morreu Jó, velho e farto de dias** (17).

Este livro não conta, de fato, por que os homens sofrem em nosso mundo. Ele pode ajudar aqueles que sofrem a suportar o sofrimento com paciência, e a manter a fé de acordo com os caminhos de Deus, mesmo quando esses caminhos são obscuros. Todavia, foi necessário que Alguém, carregando a cruz, mostrasse ao mundo claramente o que se pode alcançar por intermédio do sofrimento imerecido.

Notas

INTRODUÇÃO

¹ *Javé* é usado regularmente no prólogo e epílogo como nome da Deidade. Nas outras partes,

o livro se refere a Deus como *El* ou um dos seus derivados. Em diversas ocasiões neste diálogo, *Shaddai*, Todo-poderoso, é usado normalmente como uma alternativa paralela ao termo *El*.

² Para um debate mais completo da linguagem e do texto de Jó, veja Marvin H. Pope, “Job”, *The*

Anchor Bible, ed. William Foxwell Albright e David Noel Freeman (Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc., 1965), XV, xxxix ss. Neste comentário (em inglês) é usada a Versão King James, visto que é a tradução mais comumente usada. Em português usamos o texto da Edição Revista e Corrigida (1995). Nos comentários acerca

do texto, no entanto, uma atenção apropriada vai ser dada a outras traduções que ajudam na compreensão do texto.

³ Edward Young, embora afirme resolutamente que “qualquer ponto de vista que destrua a unida

de do livro deve ser rejeitada”, admite que “certas partes [...] podem apresentar [...] revisão lingüística” (*Introduction to the Old Testament* [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949], p. 313).

⁴ George Buchanan Gray e Samuel R. Driver, *The Book of Job*, I (“The International Criticai

Commentary”; Nova York: Charles Schribner's Sons, 1921), lxii.

⁵ Aceitar a natureza composta do livro da forma como chegou até nós não destrói seu valor

nem precisa diminuir a confiança do leitor na sua inspiração divina. Se o Espírito de Deus pôde inspirar um autor, Ele certamente poderia inspirar e dirigir outros escritores ou compiladores. Veja acerca desse assunto a excelente declaração de Samuel A. Cartledge, *A Conservative Introduction to the Old Testament* (Athens: University of Geórgia Press, 1944), p. 44.

⁶ Para informações adicionais veja Samuel Terrien, “Job” (Exegese), *The Interpreter's Bible*, ed.

George A. Buttrick, *et al.* III (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954), 1186.

⁷ Cf. Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (Nova York: Harper & Brothers

Publishers, 1941), pp. 678ss.

⁸ *Op. cit.*, p. 476. Ele data esse texto de Isaías em torno de 540 a.C., no final do exílio babilônico.

⁹ Para uma discussão mais detalhada dessas evidências, veja Pfeiffer, *op. cit.*, pp. 675ss.; Pope,

op. cit., pp. xxx ss. Young, *op. cit.*, p. 309, argumenta a favor de uma data durante o reinado de Salomão. No entanto, seus argumentos são fracos e não convincentes.

SEÇÃO I

¹ Veja Johs. Pedersen, *Israel, Its Life and Culture* (Londres: Oxford University Press, 1946), I,

336ss. Também Driver, *op. cit.*, pp. 2ss.

² A. B. Davidson, *The Book of Job* ("The Cambridge Bible for Schools and Colleges"; Cambridge:

University Press, 1899), p. 7.

³ Para um bom resumo de informações disponíveis a respeito de Sabá, veja o artigo de G. W. Van

Beek, "Sabeans", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.* (Nashville: Abingdon Press, 1962), IV, 144ss.

⁴ Pope, *op. cit.*, p. 16.

⁵ *The Book of Job* (Jerusalém: Kiryath Sepher, Ltd., 1957), p. 25.

⁶ M. H. Pope, *op. cit.*, p. 21, acha que a raspagem com um caco de cerâmica era uma forma de

flagelação, expressando tristeza.

⁷ Cf. Davidson, *op. cit.*, p. 14.

SEÇÃO II

¹ The Bible, *An American Translation*, J. M. P. Smith e Edgar J. Goodspeed, *et al.* (Chicago:

University of Chicago Press, 1939), p. 471.

² Davidson, *op. cit.*, p. 30.

³ *Op. cit.*, p. 939.

⁴ Essa qualidade do sobrenatural é que levou H. Wheeler Robinson a chamá-lo de “Elifaz, o Mís

tico”. Bildade é o tradicionalista e Zofar, o dogmático. Veja *The Cross in the Old Testament* (Filadélfia: Westminster Press, 1955), pp. 36ss.

⁵ Veja RSV e *The Holy Scriptures* (Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 5706

1946), *ad. loc.*

⁶ Veja Terrien, *op. cit.*, p. 940.

⁷ Davidson, *op. cit.*, p. 37.

⁸ Outros textos do Novo Testamento contêm similaridades com os textos de Jó, mas não são

citações exatas.

⁹ Gray, *op. cit.*, p. 54.

¹⁰ O texto aqui é obscuro. Uma comparação com as várias traduções mostra a variedade de signi

ficados que essa passagem tem recebido. O sentido seguido aqui tem a vantagem de não empregar nenhuma alteração básica do texto, mas apresentar uma consistência razoável com o padrão de pensamento do contexto geral do texto.

¹¹ Gray, *op. cit.*, p. 78.

¹² *Ibid.*

¹³ James B. Pritchard, *Archeology and the Old Testament* (Princeton: University Press, 1958),

p. 189.

¹⁴ T. H. Robinson, *Job and His Friends* (Londres: SCM Press, Ltd., 1954), p. 89.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ Davidson, *op. cit.*, p. 72.

¹⁷ *Ibid.*, p. 81.

¹⁸ Andrew Blackwood, *Devotional Introduction to Job* (Grand Rapids: Baker Book House, 1959),

pp. 81ss.

¹⁹ Veja Davidson, *op. cit.*, p. 101.

²⁰ A RSV e outras traduções modernas seguem as versões Grega, Siríaca e a Vulgata, ao traduzir

por: “trazendo-o para julgamento”. O uso da terceira pessoa é consistente com a referência à humanidade de modo geral nos versículos precedentes. No entanto, no hebraico lemos, “me fazes entrar”. Não é inapropriado para Jó trazer a reflexão do geral para o particular na pessoa dele. Ele já usou esse expediente anteriormente e o fará posteriormente.

²¹ Davidson, *op. cit.*, pp. 103ss. Cf. Pederson, *op. cit.*, III, 477ss.

²²*Ibid.*, p. 121.

²³ Para uma discussão detalhada dos possíveis significados desse versículo, veja Pope, *op. cit.*, pp.

130ss. e Terrien, *op. cit.*, pp. 1041ss.

²⁴ Entre os que apoiam esse ponto de vista e trazem interpretações detalhadas dessa passagem

citamos: Pope, *op. cit.*, p. 135; Terrien, *op. cit.*, p. 1056; Tsur-Sinai, *op. cit.*, pp. 304ss. Veja também James K. Zink, "Impatient Job," JBL, LXXXIV (Junho, 1965), 147-52.

²⁵ Davidson, *op. cit.*, pp. 142ss., apóia essa posição. O mesmo ocorre (de modo geral) com Gray, *op.*

cit., pp. 171ss.

²⁶ Veja T. H. Robinson, *op. cit.*, p. 100.

²⁷ *Exposition of Holy Scripture* (Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1944), III, 58

63.

²⁸ Tsur-Sinai, *op. cit.*, p. 351.

²⁹ O capítulo 24 tem sido considerado por muitos uma interpolação. Os motivos são: (1) supostas

diferenças na forma poética e (2) o conteúdo do capítulo. Esses argumentos não são conclusivos, mas é difícil conectar, de maneira lógica, o capítulo com o que vem antes. Para uma discussão mais detalhada desse assunto veja Gray, *op. cit.*, pp. 205ss.

³⁰ Davidson, *op. cit.*, p. 173.

³¹ Alguns estudiosos, vendo que os versículos 18-24 parecem contradizer o que Jó tem caracteris-

ticamente afirmado, sugerem que esse fragmento é uma parte do terceiro discurso faltante de Zofar ou uma parte do terceiro discurso de Bildade. Eles sugerem que ele foi tirado do seu lugar original por um editor ortodoxo que o colocou no contexto do discurso de Jó para que estivessem em conformidade com a posição que ele achava que Jó deveria expor.

³² Veja Davidson, *op. cit.*, p. 182. Outros consideram 26.5-14 como naturalmente vindo de Bildade,

e portanto, acrescentam essa passagem ao seu terceiro discurso.

SEÇÃO III

¹ Cf. Davidson, *op. cit.*, pp. xl ss.

SEÇÃO IV

¹ “O Sete-estrela (Plêiades) é uma constelação de estrelas visíveis. Acreditava-se que elas esta

vam firmadas no seu lugar. O Orion, na mitologia, era um gigante, que, por causa da sua rebelião contras os deuses, foi lançado fora do céu” (Berk., nota de rodapé).

² *Op. cit.*, pp. 276ss.

³ Existe um debate geral acerca da autenticidade da descrição dessas duas bestas. Mas o comen

tarista deve, em última análise, lidar com o texto como ele se encontra. Para uma boa discussão dos problemas do texto veja Terrien, *op. cit.*, pp. 1183ss; Pope, *op. cit.*, pp. 268ss; Gray, *op. cit.*, pp. 351ss.

⁴ *Op. cit.*, p. 1184.

⁵ *Ibid.*, p. 1186.

⁶ *Op. cit.*, p. 557.

⁷ *Op. cit.*, pp. 1186ss.

⁸ *Op. cit.*, pp. 268ss.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Blackwood, Andrew W. *Devotional Introduction to Job*. Grand Rapids: Baker Book House, 1959.

Davidson, A. B. *The Book of Job*. “The Cambridge Bible for Schools and Colleges”. Cambridge: University Press, 1899.

Driver, Samuel Rolles e Gray, George Buchanan. *The Book of Job*. “The International Critical Commentary”. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1921.

Moulton, Richard G. *The Book of Job*. “The Modern Readers’ Bible”. Nova York: The Macmillan Co, 1927.

Pope, Marvin H. “Job,” *The Anchor Bible*. Ed. William Foxwell Albright e David Noel Freedman, Vol. XV. Garden City: Doubleday and Co, Inc, 1965.

Robinson, T. H. *Job and His Friends*. Londres: SCM Press, Ltd, 1954.

Terrien, Samuel. “Job” (Exegesis), *The Interpreter’s Bible*. Editado por George A. Buttrick. *et al.*, Vol. III. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954.

Tur-Sinai, N. H. *The Book of Job*. Jerusalém: Kiryath Sepher, Ltd, 1957.

Ward, William B. *Out of the Whirlwind*. Richmond: John Knox Press, 1958.

II. OUTROS LIVROS

Albright, William Foxwell. *From the Stone Age to Christianity*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1946.

Anderson, Bernhard W. *Understanding the Old Testament*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc, 1957.

Baker, Wesley C. *More than a Man Can Take*. Filadélfia: The Westminster Press, 1966.

Bewer, Julius A. *The Literature of the Old Testament*. Nova York: Columbia University Press, 1933.

Cartledge, Samuel A. *A Conservative Introduction to the Old Testament*. Atenas: University of Geórgia Press, 1944.

Ferre, Nels F. S. *Evil and the Christian Faith*. Nova York: Harper Brothers Press, 1947.

Gottwald, Norman K. *A Light to the Nations*. Nova York: Harper and Brothers Pub, 1959.

MacLeish, Archibald. *Job*. Boston: Houghton Mifflin, 1956.

Mould, Elmer W. K. *Essentials of Bible History*. Nova York: The Ronald Press Co, 1951.

Napier, B. Davie. *Song of the Vineyard*. Nova York: Harper and Brothers Pub, 1962.

Pedersen, Johs. *Israel*, 4 vols. Copenhagen: S. L. Moller, 1946.

Pfeiffer, Robert H. *Introduction to the Old Testament*. Nova York: Harper and Brothers Pub, 1941.

Pritchard, James B. *Archeology and the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1958.

Purkiser, W. T. (ed.). *Exploring the Old Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1961.

Robinson, H. Wheeler. *The Cross in the Old Testament*. Filadélfia: Westminster Press, 1955.

Silver, Maxwell. *There Was a Man...* Nova York: Union of American Hebrew Congregations, 1965.

Young, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1949.

III. ARTIGOS

Beck, H. F. “Shuah”, *The Interpreter’s Dictionary of the Bible*, Vol. R-Z. Ed. George A. Buttrick, *et al.* Nova York: Abingdon Press, 1962, p. 341.

Dahlberg, B. T. “Zophar”, IDB. Vol. R-Z, p. 963.

Fine, Hillel A. “The Tradition of a Patient Job”, *Journal of Biblical Literature*, LXXTV (Março, 1955), 28-32.

Gaster, T. H. “Satan”, IDB, Vol. R-Z, pp. 224-28.

Gold, T. R. “Teman”, IDB, Vol. R-Z, p. 534.

Guthrie, Jr., H. H. “Bildad”, IDB, Vol. A-D, pp. 437-38.

Hicks, L. “Eliphaz”, IDB, Vol. E-J, p. 91.

Hontheim, Joseph. “Job”, *Catholic Encyclopedia*, Vol. VIII. Editado por Charles G. Herbermann, *et al.* Nova York: The Gilmary Society, 1910.

Klostermann, August. “Job”, *The New Schaff-Hertzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. VI. Editado por Samuel MacCauley Jackson, *et al.* Grand Rapids: Baker Book House, 1963, pp. 186-93.

Laks, H. Joel. “The Enigma of Job: Maimonides and the Modems”,

Journal of Biblical Literature, LXXXIII (Dezembro, 1963), 345-64.

Napier, B. D. "Uz", Vol. R-Z, p. 741.

Pope, Marwin H. "Job", IDB, Vol. E-J, pp. 911-25.

Sarna, Nahum M. "The Mythological Background of Job", *Journal of Biblical Literature*, LXXXII (Setembro, 1963), pp. 315-18.

Van Beek, G. W. "Sabeans", IDB, Vol. R-Z, pp. 144-46. ' "

Zink, James K. "Impatient Job", *Journal of Biblical Literature*, LXXXIV (Junho, 1965), 147-52.

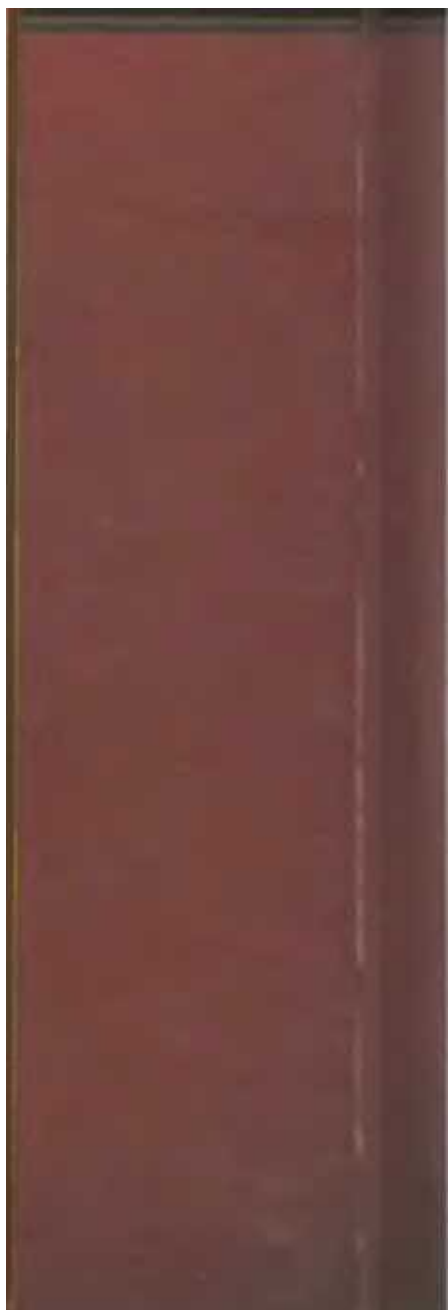
Comem

3

Jo a Cantares de Salomão

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Mi Io L. Ghapman W. I. Purkiser Earl C. Woll A. F. Harper



Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e» professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.



1

O Desafio a Jó é Renovado (40.6-14)

Cinge agora os teus lombos (7) é uma fórmula introdutória quase idêntica à de 38.1,3. Como antes, Deus fala de dentro de um redemoinho ou de uma **tempestade** (6). Ele pergunta a Jó: **Porventura, também farás tu vão o meu juízo?** (8). A palavra **juízo** (*mishpat*) tem um significado amplo no AT. Pode referir-se ao ato de manter a justiça ou o direito. Também é uma ordenação ou sistema de um ensinamento correto a ser seguido. As vezes, ela se refere aos nossos direitos ou privilégios. Também pode referir-se ao que é apropriado ou conveniente, como em modos e costumes. Nesse contexto, parece significar os princípios pelos quais Deus governa o mundo. Jó havia dito que esses controles morais não serviam como evidência para ele. A atitude que Deus estava testando em Jó era o desejo dele de manter sua própria retidão à custa da integridade e retidão de Deus (8).

2

Leviatã (41.1-34)

[3](#)

Segue-se imediatamente uma descrição detalhada de **Leviatã** — que também é uma

[4](#)

transliteração do termo hebraico. Geralmente se considera que a descrição que melhor se

[5](#)

encaixa é a de um crocodilo, embora possa muito bem ter nuances místicas a seu respeito,

[6](#)

de acordo com 3.8 e 26.13. Em todo caso, como em “Beemote”, a ênfase está na força supe

[7](#)

rior de Leviatã se comparada com a capacidade do homem em competir com ele.